Hajo Banzhaf

O Tarô e a Viagem do Herói

A Chave Mitológica para os Arcanos Maiores



Pensamento

Leia também:

AS CHAVES DO TARÔ

Uma Introdução ao Tarô com Muitos Esquemas de Disposição de Cartas

Hajo Banzhaf

Hajo Banzhaf, um dos mais renomados especialistas em Tarô da atualidade, revela as palavras-chave que irão facilitar a interpretação correta das 78 cartas do Tarô.

Este livro original e prático fornece aos iniciantes, bem como aos leitores mais experientes, uma visão geral de todas as cartas e do seu significado. Ele também traz:

- uma classificação das palavras-chave de modo a esclarecer questões relativas à profissão, aos relacionamentos, à consciência;
- pela primeira vez, uma explicação completa de 21 esquemas de disposição de cartas;
- uma visão nova e abrangente das diferenças existentes entre as cartas que têm o mesmo significado;
- uma comparação inédita das cartas cujo significado é contraditório;
- muitos exemplos de interpretação;
- três ensaios originais: sobre as raízes do simbolismo do Tarô; sobre a mística dos números e a mitologia como chaves para uma melhor compreensão das cartas; e sobre o Tarô como uma viagem arquetípica.

O Tarô e a
Viagem do Herói

Hajo Banzhaf

O Tarô e a Viagem do Herói

A Chave Mitológica para os Arcanos Maiores

Tradução
ZILDA HUTCHINSON SCHILD SILVA



EDITORA PENSAMENTO
São Paulo

Título do original: *Tarot und die Reise des Helden.*

Você pode entrar em contato com o autor pela Internet no site www.tarot.de

O primeiro número à esquerda indica a edição, ou reedição, desta obra. A primeira dezena à direita indica o ano em que esta edição, ou reedição, foi publicada.

Edição	Ano
1-2-3-4-5-6-7-8-9-10-11	03-04-05-06-07-08-09-10-11

Direitos de tradução para a língua portuguesa
adquiridos com exclusividade pela
EDITORA PENSAMENTO-CULTRIX LTDA.
Rua Dr. Mário Vicente, 368 — 04270-000 — São Paulo, SP
Fone: 272-1399 — Fax: 272-4770
E-mail: pensamento@cultrix.com.br
http://www.pensamento-cultrix.com.br
que se reserva a propriedade literária desta tradução.

Impresso em nossas oficinas gráficas.

Agradecimentos

Agradeço à psicóloga norte-americana Sallie Nichols pela sua inspiração. Há muitos anos, seu livro de grande profundidade, *Jung e o Tarô* (publicado pela Ed. Cultrix), chamou a minha atenção para o segundo plano mitológico das cartas do tarô. Ela deixou claro para mim que a jornada do herói assume uma forma vívida no tarô. Sou-lhe muito grato por isso. Desde então, nunca mais abandonei o caminho que o livro dela me abriu. Reconhecer os símbolos arquetípicos das 22 cartas dos arcanos maiores no caminho de vida de um ser humano — e entendê-los com mais profundidade — tem estado entre as experiências mais compensadoras da minha vida.

Quero agradecer também a Helmut Remmler, fundador e presidente do Instituto C. G. Jung de Munique, que me orientou durante muitos anos e me ajudou a entender o significado de muitos símbolos como indicadores no meu caminho e na vida cotidiana. Ele teria escrito o prefácio deste livro, mas morreu antes de fazê-lo.

Também quero agradecer a Stuart Kaplan do U. S. Games Systems, Inc., pela permissão de reproduzir as cartas do Universal-Waite-Tarot e do Tarô de Marselha neste livro. Ele me ajudou bastante ao longo dos anos, assim como ajudou a todos os que analisam as figuras das cartas do tarô.

E um último agradecimento, porém não o menos importante, à misteriosa dama vestida de negro que me deu uma consulta à meia-noite, há mais de 20 anos, quando vi as cartas de tarô pela primeira vez na minha vida. Ela era judeu-polonesa e não ficou muito tempo em Munique. Não sei o nome dela nem seu paradeiro atual. Analisando agora o nosso encontro, vejo que foi uma encruzilhada do destino que mudou totalmente a minha vida.

Sumário

Prefácio

O tarô é um oráculo cujo destino consiste em ser equiparado com a leitura de cartas. E como, em certo tempo da história, as cartas fossem muito populares, junto com a leitura da borra de café e de outros divertimentos em feiras anuais, poucas pessoas se deram ao trabalho de examinar e, muito menos, de pesquisar o que estava por trás das cartas ou o simbolismo do tarô. Em quase todas as épocas, as cartas foram tão desaprovadas que as pessoas cultas eram ridicularizadas — como acontece ainda hoje — quando as levavam a sério.

É por isso que muito poucas pessoas conhecem o âmbito mais profundo no qual o tarô transmite uma verdade arquetípica; e a afirmação de que existe uma sabedoria de vida nas cartas, na melhor das hipóteses, desperta admiração e, muitas vezes, apenas um sorriso compassivo.

Ao contrário da astrologia, que tem uma tradição comprovada de 5.000 anos, em que — excetuando-se os últimos 200 a 300 anos — foi praticada predominantemente pela elite dos povos, com o tarô não aconteceu o mesmo. A suposição de que esse oráculo com cartas também seja uma antiga tradição secreta, cujas raízes remontam à Índia ou ao antigo Egito, e que só teve publicidade a partir do século XIV, é largamente divulgada, porém até hoje com pouca comprovação convincente. Arthur Edward Waite, um grande perito nesse assunto, que desenvolveu as mais populares cartas do tarô no início do século XX, constatou categoricamente: "Realmente não existe nenhuma história do tarô antes do século XIV."[1]

Assim, a velha tradição das estrelas oferece muito mais. Suas raízes remontam aos dias da antiga Babilônia. O mesmo vale para o oráculo do acaso dos chineses, o I Ching. Sabemos que o grande Confúcio consultava esse livro de sabedoria — que está entre os mais antigos livros da humanidade — e o completava com suas próprias interpretações. Desde que esses textos foram descobertos e traduzidos pelo sinólogo Richard Wilhelm, eles fascinaram homens de grande espírito como Carl Gustav Jung, Hermann Hesse, Marie-Louise von Franz e o lama Anagarika Govinda que — como muitos outros — souberam apreciar a inesgotável sabedoria desse oráculo.

Comparativamente, hoje, nós ficamos facilmente fascinados por algo que nos chegou com fama de elevada sabedoria do longínquo país exótico. Lidar seriamente com um tema que por várias razões foi relegado à sarjeta entre nós, é uma

1. Arthur Edward Waite, *Der Bilderschlüssel zum Tarot [As Imagens-chave do Tarô]*, p. 15.

situação difícil. Mas, com certeza, o tarô não foi o primeiro tesouro que ficou oculto na sujeira das ruas. Que este livro seja uma contribuição para resgatá-lo.

Agradeço à norte-americana Sallie Nichols, uma psicóloga junguiana da linha da Psicologia Profunda, cujo livro *Jung e o Tarô* há vários anos me fez prestar atenção ao segundo plano mitológico das cartas. Por intermédio do seu trabalho, entendi que a viagem do herói toma forma no tarô. Sou-lhe muito grato por isso. As viagens que ela me proporcionou com isso nunca foram esquecidas. Reconhecer e compreender cada vez mais profundamente os símbolos arquetípicos do caminho de vida dos homens nas vinte e duas cartas do tarô faz parte de uma das experiências mais enriquecedoras da minha vida.

Munique, maio de 1997
Hajo Banzhaf

O QUE É O TARÔ?


XI
FORCE
ORÇA
I
LE BATELEUR
O MAGO
III
L'IMPÉRATRICE
A IMPERATRIZ

Origem, estrutura e simbolismo das cartas

O tarô é um oráculo através de cartas que, em sua estrutura atual, conhecida desde o século XVI, se compõe de 78 cartas, divididas em dois grupos principais: um de 22 cartas, que chamamos de Arcanos Maiores,[1] e o outro de 56 cartas, que chamamos de Arcanos Menores. Enquanto os Arcanos Maiores se compõem de 22 temas individuais, que não se repetem e que, com sua numeração, formam uma seqüência clara, os Arcanos Menores — precursores do baralho de cartas comum — subdividem-se em quatro séries ou cores: bastões, espadas, taças e moedas, de onde posteriormente surgiram as cartas de paus, espadas, copas e ouros. Cada série começa — como nas cartas do baralho comum — com um Ás e continua com os números um, dois, três... até dez, como a carta mais alta. A seguir, vêm as cartas denominadas segundo a corte: Rei, Rainha, Cavalheiro e Pagem, portanto, uma carta a mais do que no baralho que conhecemos.

Se esses dois grupos originalmente estavam unidos ou só se uniram no decurso do tempo, é tão incerto como a própria origem das cartas. Algumas pistas nos levam a supor que as cartas dos Arcanos Menores vieram do mundo islâmico para a Europa no século XIV. Mas desconhecemos o que se via nessas cartas e o que se fazia com elas, se tinham valor de oráculo ou serviam unicamente para jogar. Sabemos menos ainda sobre a origem dos Arcanos Maiores, tão importantes para os adeptos do tarô. Eles surgiram por volta de 1600 e há muitas divergências sobre sua origem, bem como sobre muitos outros aspectos do tarô. Enquanto algumas pessoas, com base no fato de as cartas terem surgido pela primeira vez em 1600, deduzem muito pragmaticamente que os Arcanos Maiores também apareceram nessa época, outras partem do princípio de que os Arcanos Maiores vieram misteriosamente do antigo Egito para a Europa, do mesmo modo que o antigo livro da sabedoria, que estava nas mãos dos sacerdotes egípcios.

Entre as várias histórias repletas de imaginação despertadas por esse tema, existe também a suposição de que Moisés, o grande sacerdote iniciado nos mistérios egípcios, trouxe as cartas para a Palestina com o êxodo do povo de Israel. Ali as cartas teriam se ligado à Cabala, a doutrina secreta dos judeus, que reconhece um valor simbólico profundo nas 22 letras do alfabeto judaico. A correspondên-

---

1. Em latim, *arkanum* = mistério, *arkana* = mistérios.

cia numérica das 22 letras desse alfabeto com as 22 cartas dos Arcanos Maiores é uma das evidências de maior peso na suposição dessa origem. Mas convém lembrar que muitas coisas que se compõem de 22 partes têm sido associadas ao tarô, entre elas o abrangente 22º capítulo do Evangelho de João.[2] Muitas vezes esse parece ser o desejo do pai do conhecimento. Por sua vez, os meandros intelectuais necessários para abarcar todos esses inter-relacionamentos, são interpretados como prova de que se trata de um conhecimento realmente secreto.

Em seu interessante livro sobre o tarô, Cynthia Giles comenta essas tentativas dizendo: "Cada um dos autores que advoga um conhecimento especial tem o enorme cuidado de se 'distanciar' daqueles cuja reivindicação da verdade não tem base na verdade *real* ou dos que só conhecem parte dessa verdade. Devido ao caráter secreto de seu presumido conhecimento, eles estão automaticamente liberados de apresentar provas de suas afirmações. Assim, podemos tranqüilamente deixar essas afirmações de lado, mesmo que não tenhamos necessariamente dúvidas sobre a intenção do autor. Vamos contentar-nos com a indicação de que cada pessoa que resolve buscar a verdade do tarô tem de partir do início, porque o segredo das cartas, se é que pode ser reconhecido, ainda não foi devidamente divulgado."[3]

As interpretações da palavra "Tarô", que também surgiram no final do século XVI, são muito diferentes e tão numerosas e cheias de fantasia quanto as histórias sobre a origem das cartas. Elas vão desde "Caminho real" (do egípcio *tar* = caminho e *Ro* = rei) passando por "Lei Divina"(do hebraico *Thora*) até as explicações profanas de que perto da cidade de Parma, no norte da Itália, existe um rio com o nome de Taro e que as cartas provavelmente surgiram nessa região. Só se tem certeza de que *Tarot* é uma palavra francesa, da qual não se pronuncia o "t" final. Aqueles que ainda o fazem, querem enfatizar que o primeiro e o último "t" se pertencem, por assim dizer se superpõem, como se a palavra fosse escrita em forma circular sobre uma roda, de onde vem outro sentido do nome: *rota* (latim) = a roda. Se tomarmos outra palavra latina *orat (*= anuncia) e levarmos em consideração que Ator era uma deusa egípcia da iniciação, entenderemos a proposição do ocultista norte-americano Paul Forster Case, combinando as quatro letras do nome: ROTA TARO ORAT TORA ATOR = a roda do Tarô anuncia a lei da iniciação.

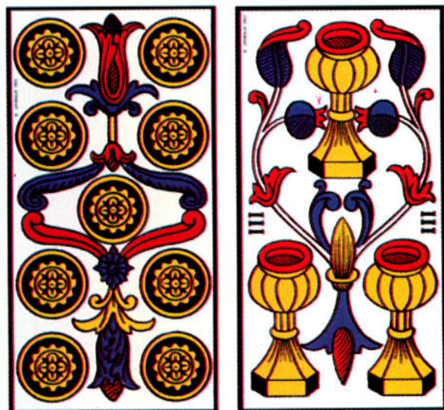
Como acontece com freqüência, com certeza a verdade sobre a origem das cartas e o significado do nome está no centro de muitas especulações. Para mim, a questão da verdadeira idade das cartas parece deveras insignificante. Pois, se o tarô, como este livro irá demonstrar, transmite uma verdade arquetípica que tem raízes no inconsciente coletivo profundo e remonta aos primórdios da conscientização humana, de fato não tem importância se as cartas demonstram uma sabe-

2. Max Luginbühl, *Das Geheimnis des Dreikräftespiels* [O Mistério do Jogo das Três Forças].
3. Cynthia Giles, *Tarot* [O Tarô], p. 123.

doria de 400 ou de 4.000 anos. As imagens que elas transmitem são mais antigas do que o papel e a arte da impressão de livros.

Além disso, é unicamente no simbolismo profundo das 22 cartas dos Arcanos Maiores que se oculta essa sabedoria. Os 56 Arcanos Menores não têm essa dimensão. "O fato de nenhum ocultista ou outro escritor ter feito a tentativa de dar aos Arcanos Menores mais do que um sentido divinatório confirma", para Arthur Edward Waite, "de uma outra maneira, a hipótese de que os dois grupos não se pertencem."[4] E ele diz também que reconhece, de uma vez por todas, que os trunfos principais pertencem ao âmbito divino de ação da filosofia, e que todo o resto é adivinhação. As cartas dos Arcanos Menores nunca foram transmitidas numa linguagem que adote um nível mais elevado do que o da arte da divinação.[5]

Até o início do século XX, as ilustrações das 56 cartas ainda não apareciam como nas nossas cartas de baralho. Elas mostravam o valor da carta em número correspondente de símbolos. Assim, na carta Três de Taças podiam ser vistas 3 taças e na carta Nove de Moedas, 9 moedas. Interpretar essas cartas era tão difícil quanto interpretar o Três de copas ou o Nove de paus. Ou teríamos de conhecer de cor o significado de todas as cartas, ou saber como combinar o simbolismo do número com a qualidade de cada um dos elementos[6] e fazer as deduções. Essa situação se modificou em 1910, quando surgiu o Tarô de Rider,[7] desenvolvido por



Nove de Moedas e Três de Taças na apresentação original.



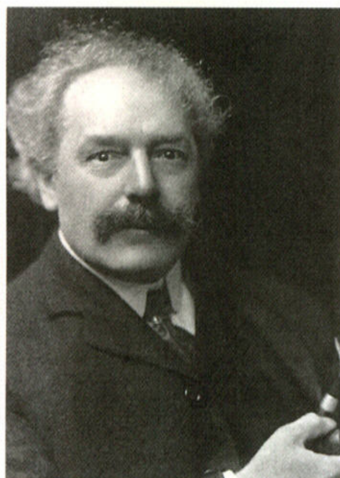
As mesmas cartas do Tarô de Rider ilustradas por Arthur Edward Waite e Pamela Colman Smith.

4. A. E. Waite, *Der Bilderschlüssel zum Tarot* [As Imagens-chave do Tarô], p. 46.
5. Idem, p. 98.
6. Bastões = Fogo, Espadas = Ar, Moedas = Terra, Taças = Água.
7. William Rider foi o editor das cartas.

Arthur Edward Waite e Pamela Colman Smith, quando os Arcanos Menores foram ilustrados pela primeira vez. Desde então há imagens para todas as 78 cartas.

Por mais bem-vindo que seja esse enriquecimento, ele não nos deve impedir de ver a grande diferença que existe entre as imagens que surgiram no curso dos séculos do inconsciente coletivo da humanidade — como podemos supor pelos Arcanos Maiores — e as ilustrações que foram imaginadas por uma pessoa, ainda que ela fosse uma pessoa tão genial. Por certo, uma imagem imaginada é útil para se deduzir um significado, porém ela nunca alcança o conteúdo e a profundidade simbólica de uma imagem arquetípica. Por esse motivo, é pouco produtivo ficar analisando os detalhes das imagens dos Arcanos Menores. Elas simplesmente ilustram um tema. Assim, a carta Três de Taças nos mostra a dança da colheita, como se pode reconhecer pelas frutas caídas aos pés dos dançarinos. Quem entende esse enunciado nas ilustrações sabe o que a carta quer dizer: um desenvolvimento teve êxito, houve a colheita, a pessoa é grata e está satisfeita. A carta não revela mais do que isso. Qualquer especulação a respeito do fato de uma das dançarinas calçar sapatos dourados, enquanto os sapatos das outras são azuis, ou que tipo de frutas ou vegetais estão presentes, é algo sem importância, quando não inútil.

Ao contrário disso, os 22 Arcanos Maiores são símbolos no caminho de vida dos homens. E um símbolo — ao contrário dos desenhos, dos ícones, das codificações, dos códigos e das cifras — não é algo fabricado ou imaginado. Um símbolo não visa ocultar algo notório; ao contrário, visa demonstrar algo que é maior e mais profundo do que pode ser expresso em palavras ou que a nossa razão pode compreender. Quando, portanto, um círculo é símbolo do todo original indiviso, do paraíso, do hemisfério divino, da Unidade total, do inconsciente, bem como da consciência superior, do ser, da perfeição, da eternidade e de muito mais, essas interpretações não são imaginadas, porém identificadas, no símbolo do círculo, com uma sabedoria já existente; e isso em todas as culturas da humanidade.



Arthur Edward Waite (1857–1942)

OS REORGANIZADORES DO TARÔ

Pamela Colman Smith (1878–1951)



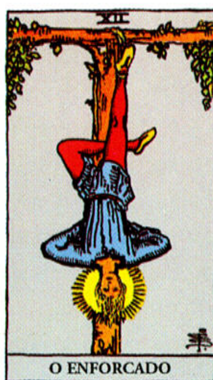
A chave para esses símbolos, portanto, está muito menos nas ações misteriosas dos círculos de ocultismo, nas diversas sociedades secretas, ordens ou lojas ditas esotéricas, e muito mais na compreensão profunda da alma dos seres humanos. Por conseguinte, no século XX, foi principalmente a psicologia de Carl Gustav Jung que proporcionou um acesso valioso ao simbolismo arquetípico e, com isso, àquilo que muitas vezes chamávamos e ainda chamamos de direito de conhecimento secreto. E, além disso, não se trata de "mexer em coisas misteriosas", de "penetrar nos mistérios" e, muito menos ainda, de levantar conscientemente o véu de um conhecimento com o objetivo de mantê-lo secreto. Trata-se muito mais de conhecimentos que ainda são secretos por sua natureza, porque foram obtidos a partir de inter-relacionamentos essenciais, embora invisíveis, por trás do mundo material palpável, a partir da realidade que está por trás da realidade. Esse conhecimento esotérico, que aparece de forma visivelmente semelhante em todas as culturas, sem dúvida é mais antigo do que qualquer religião, constituindo na maior parte suas raízes originais; e, em muitos casos, até hoje seu cerne mais profundo foi preservado. Em seu centro está a pergunta sobre a jornada de vida dos homens e o significado de sua morte.

Resumindo ao máximo o pensamento que é a base desse conhecimento secreto, vivemos numa realidade polarizada, num mundo em que só podemos captar e entender algo quando usamos o pólo contrário como referência. Não nos ocorreria chamar algo de masculino (ou reconhecê-lo como tal) se não existisse o feminino; não existiria o dia sem a noite; sem a morte, nem sequer saberíamos que estamos vivos. Quando compreendemos essa lei da polaridade como o princípio abrangente da nossa realidade, conseqüentemente é possível deduzir o pólo contrário da polaridade, a inimaginável unidade que é descrita como o paraíso divino por todas as religiões, a seu modo, com suas imagens e símbolos. A queda dessa unidade original, a dissonância da multiplicidade e a possível volta ao paraíso original é o conhecimento esotérico sobre o caminho de vida dos seres humanos.

Portanto, esse caminho é descrito pelos mestres espirituais como um caminho de cura, porque seu objetivo é a totalidade do homem (total = são). Assim, como na psicologia junguiana, parte-se do princípio de que o ponto de partida do ser humano é "desafortunado" pois, de início, outras partes dessa totalidade estão na assim chamada sombra, num âmbito que é sentido como estranho e ausente pela consciência, e que só pode ser revelado aos poucos. Enquanto partes da nossa natureza essencial estiverem na sombra, elas não só *faltam* à nossa totalidade, mas são ao mesmo tempo a fonte essencial de muitos *comportamentos falhos*, com que elas — em palavras simples — querem chamar a atenção sobre si. Esse caminho torna-se visível nas 22 imagens das cartas dos Arcanos Maiores. É isso que as torna tão especiais. É isso que lhes imprime uma dimensão que ultrapassa tudo o que pode ser extraído delas numa leitura de cartas. Aí está o significado profundo, o verdadeiro cerne do tarô. Quem compreende esses inter-relacionamentos,



Tarô de Marselha



Tarô de Rider



Tarô de Crowley

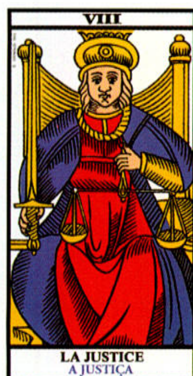
quem os reconhece como imagens no caminho da vida, encontra nos Arcanos Maiores uma ajuda e orientação de clareza fascinante.

Ao mesmo tempo, sempre que surgem novas cartas de tarô com motivos parcial ou totalmente modificados, ou ao menos com acréscimos que não eram vistos nas cartas anteriores, bastante simples, apresenta-se a questão da autenticidade do simbolismo original dessas cartas. Nesse aspecto, é decisivo se o verdadeiro sentido da carta foi compreendido e enriquecido com símbolos análogos ou se a modificação é uma distorção do significado original. Quando um Tarô mostra um enforcado pendurado na forca, podemos ter certeza de que o criador dessas cartas se apegou ao nome da carta, embora não tivesse entendido nada do seu significado.

Se, ao contrário, for pendurado numa cruz-T, pela perna direita (= consciente) em vez de pela esquerda (= inconsciente), o sinal dos escolhidos (ver p. 102), então existe um enriquecimento do simbolismo original que não falsifica nada, mas vai além do que existia antes. Ele torna claro que o sacrifício que existe aqui, entre outras coisas, é aceito voluntária e conscientemente pelos escolhidos. E quando, além disso, a madeira da cruz apresenta brotos frescos, isso é indicação de uma nova força vital gerada pelo sacrifício.

No tarô de Aleister Crowley, que surgiu em 1944, a mesma carta mostra um homem desmaiado, crucificado entre a vida e a morte. Enquanto a serpente da vida ainda o segura em cima — literalmente, como um fio de seda — sua atenção, sua cabeça, está voltada para a serpente da morte, embaixo. Todas essas são pequenas falsificações do simbolismo original, o que representa enriquecimentos, que se mostraram úteis inclusive no trabalho junguiano com os sonhos, a fim de compreendermos o simbolismo dos sonhos.

No tarô de Rider, ao contrário existe uma modificação de que poucos tomam conhecimento e que, segundo a minha convicção, mostra certo sentido: a





A Justiça e A Força com numeração tradicional.





As cartas reorganizadas no Tarô de Rider por Arthur Edward Waite e Pamela Colman Smith.





A seqüência original nas cartas de Aleister Crowley.

troca dos números das cartas A Justiça e A Força. Enquanto A Justiça originalmente estava na oitava posição e A Força na décima primeira, Arthur Edward Waite trocou a posição de ambas as cartas. No seu tarô, A Força ficou sendo a oitava, enquanto A Justiça é a décima primeira carta.

Como o próprio Waite não considerou essa mudança digna de nota, naturalmente há muita especulação sobre o que o teria levado a fazer isso. Na maioria das vezes, ela é atribuída à Cabala, aquela doutrina secreta judaica em cujo centro se encontra a árvore — às vezes também chamada de Árvore da Vida —, como um símbolo abrangente da criação como um todo. Ela se compõe de dez centros de energia, o *sephira,* muitas vezes chamados de *sephirots*, interligados por 22 caminhos. Enquanto os dez *sephirots* correspondem aos dez números principais, os 22

caminhos encontram seu paralelo nas 22 letras do alfabeto hebraico e — como muitos supõem — nas 22 cartas dos Arcanos Maiores. A partir desse segundo plano, Waite parece ter considerado necessária a mudança de numeração. Ao contrário dele, Aleister Crowley, que também era um conhecedor da Cabala, restaurou em seu Tarô de Thot, que surgiu em 1944, a seqüência original.

Uma outra suposição parte do fato de que em épocas antigas a elaboração das cartas foi propositadamente modificada por alguns sábios para confundir os não-iniciados. Embora não possa ser totalmente descartada, quase tudo depõe contra essa suposição. Por um lado, confundiu-se a natureza objetiva dos símbolos anteriormente descrita com uma linguagem secreta, que os homens imaginaram conter um conhecimento. Por outro lado, uma troca desse tipo é tão inofensiva, que ninguém que se esforce com seriedade é impedido de decifrar o "código". Como se demonstrará ao longo deste livro, a partir do segundo plano mitológico das cartas a estrutura original das cartas é muito mais convincente. Chegamos ao mesmo resultado quando comparamos o simbolismo do número oito e onze com o respectivo tema da carta.[8]

8. Sobre o assunto, ver *Schlüsselworte zum Tarot*, de Hajo Banzhaf, p. 200. [*As Chaves do Tarô*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1993.]

Como usar este livro

Ler as cartas do tarô procurando as respostas para as perguntas previamente apresentadas, é apenas uma das maneiras de lidar com elas. Este livro mostra um outro acesso a um âmbito muito mais profundo do tarô, menos conhecido, mas bastante instrutivo. Trata-se de compreender as 22 cartas dos Arcanos Maiores como indicadores significativos do caminho; ou melhor dizendo, como marcos arquetípicos do caminho rumo a um bem de difícil acesso — a totalidade. As numerosas ligações transversais que acontecem entre as cartas isoladas, não só permitem reconhecer inter-relacionamentos informativos, mas também, a partir delas, tornam clara a filosofia de vida que é transmitida no tarô. Quem penetrar e interiorizar esse conhecimento, não encontrará nas cartas apenas uma valiosa ajuda e orientação, mas também compreenderá as tarefas, as dificuldades e as crises que a vida nos apresenta, assim como também as nossas experiências felizes, num âmbito muito mais abrangente e num grande inter-relacionamento de sentido.

Quem achar que está se reconhecendo nas várias estações (cartas do tarô), durante a leitura do livro, não deve admirar-se com isso. Por um lado, as 22 cartas dos Arcanos Maiores representam o arco de tensão que se estende sobre todo o caminho de vida possível para nós. A limitação "possível para nós" quer dizer que não existe garantia de chegarmos às últimas cartas. Elas formam um potencial. Mas por outro lado, a mesma seqüência de cartas mostra os nossos caminhos de desenvolvimento nos diversos âmbitos da vida; além disso, cada um dos trechos do caminho traz em si a estrutura do todo, segundo a lei hermética "O macrocosmos é igual ao microcosmos". Sendo assim, por exemplo, podemos nos encontrar nas seguintes estações ao mesmo tempo:

1. No caminho de vida do Enforcado, uma estação típica que não vale apenas para a meia-idade.
2. Na profissão em O Mundo, quando encontramos o nosso lugar.
3. Na parceria entre O Diabo e A Torre, quando nos enredamos na dependência e queremos nos libertar, ou então — e esta experiência é possível nas mesmas estações — quando reconhecemos nossa temática de sombra nos atritos e conflitos (Diabo) e conseguimos destruir velhos padrões (Torre).
4. Na solução de um problema pessoal em A Estrela, porque acabamos de criar uma ruptura decisiva (Torre), acabamos de ter novas esperanças e de vislumbrar novos horizontes (Estrela), mas temos de trazer essa experiên-

cia ou conhecimento ainda incertos e inseguros, atravessando o limiar até a luz (Lua), para a vida real (Sol), para que elas tragam as soluções (O Julgamento) e encontrem seu lugar duradouro (Mundo).

5. No início de um novo projeto em O Carro, porque reconhecemos que nossa pretensão é significativa (Hierofante) e porque nos decidimos de todo o coração (Amantes) ousar realizá-lo (Carro).
6. Ao "incubar" (Imperatriz) um impulso (Mago), que deverá liberar um processo interior ainda inconsciente (A Grande Sacerdotisa) e então tomar forma (Imperador).
7. No terreno do desenvolvimento da consciência, numa fase de retração em O Eremita, quando se trata de reconhecer nosso caráter especial e, com esse conhecimento, entender a nossa missão de vida (Roda da Fortuna).

Visto desse modo, esse é um acesso que não exige uma tiragem das cartas. Trata-se muito mais de a carta certa surgir por si, na medida em que a compreendemos como reflexo da estação momentânea; mediante seus inter-relacionamentos, ela torna claro os que são necessários e úteis para uma compreensão profunda, bem como para nova orientação. Mas é claro que existe o caminho inverso. Se ficarmos desorientados, podemos tirar uma carta dos Arcanos Maiores para verificar como o tarô mostra a nossa situação atual. As palavras-chave no final de cada capítulo servem de indicação no tocante ao âmbito das tarefas e aos riscos associados à sua execução.

A VIAGEM DO HERÓI

UMA PARÁBOLA PARA O CAMINHO DE VIDA DOS SERES HUMANOS

Quando apresentamos um mito ou contamos uma história de fadas, existe para a pessoa que participa, isto é, para quem se emociona com ela, um efeito curativo, pois, devido à sua participação, ela é enquadrada numa forma arquetípica de comportamento e, desse modo, pode chegar pessoalmente "à ordem".

Emma Jung[1]

1. Emma Jung e Marie-Louise von Franz, *Die Graalslegende in psychologischer Sicht*, p. 38. [*A Deusa do Graal,* publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]

Origem e significado da viagem do herói

A viagem do herói é a história mais antiga do mundo. Ela é a estrutura essencial dos mitos, dos contos de fadas e das lendas que nos contam como uma pessoa põe-se a caminho para realizar a grande obra. Ela é a história por trás de todas as histórias contadas repetidas vezes, sempre do mesmo modo, até os dias de hoje, com nomes diferentes em todas as línguas e culturas. Ninguém a inventou, descobriu ou imaginou. Nessa história, sempre se expressa um conhecimento imediato da nossa alma, por assim dizer, um conhecimento "que ela trouxe consigo". Pois essa história mais velha do mundo é, ao mesmo tempo, uma história simbólica, uma parábola para o caminho de vida do ser humano. É isso que a torna tão fascinante, e é por isso que tem de ser contada e recontada, para que nunca nos esqueçamos para que estamos aqui na Terra e o que temos de fazer aqui agora.

Muitos etnólogos, psicólogos, filósofos e sociólogos estudaram o tesouro que se esconde nos nossos mitos e contos de fadas, e pesquisaram suas raízes. Temos de agradecer principalmente ao grande psicólogo Carl Gustav Jung pela explicação esclarecedora sobre o fenômeno de que os temas dessa tradição evidentemente estão contidos na alma de cada homem. Ele provou que nós não temos somente sinais característicos externos, com base nos quais podemos ser reconhecidos como homens, independentemente de idade, raça e sexo, mas que também no âmbito espiritual existe algo comum que é próprio de todo homem. Ele chamou esse âmbito interior de inconsciente coletivo. Nesse nível, que une todos os homens, atuam os arquétipos, as imagens primordiais da alma humana que, por assim dizer, já "trouxemos junto" ao nascer e que não precisamos adquirir através de nossa experiência de vida. Um desses arquétipos, por exemplo, é o velho sábio. Ele pode surgir no sonho de alguém que de fato nunca viu uma pessoa velha ou ouviu falar dela em sua vida. O inconsciente também está em posição de nos mostrar uma imagem arquetípica dessa camada coletiva mesmo sem um modelo externo. Um bom exemplo disso é o anjo, um arquétipo em que a probabilidade de nunca ter sido visto antes é consideravelmente maior.

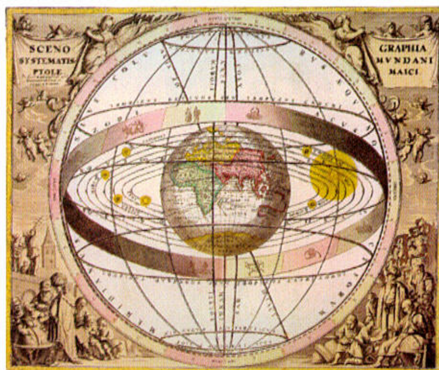
A viagem do herói é o padrão arquetípico de um arco de procedimento, que é tecido com essas imagens primordiais. É por isso que ela parece tão extraordinariamente familiar, apesar de todas as suas variações. A história sempre nos conta sobre a "busca" aventureira do bem de difícil alcance, e sempre se compôs de ele-

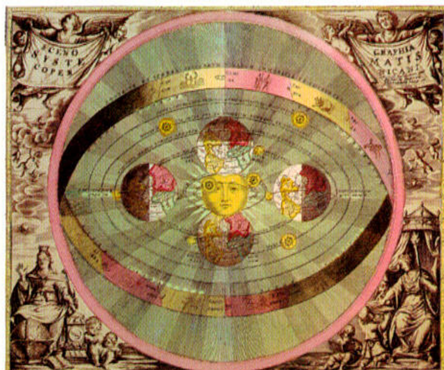
mentos constitutivos elementares que o filólogo Walter Burkert esboça como segue: de uma perda inicial ou de uma incumbência resulta uma tarefa que o herói tem de executar. Ele se põe a caminho, encontra adversários e ajudantes, consegue um encantamento mágico decisivo, enfrenta o adversário, vence-o, não raro sendo ferido; ele consegue o que procurava, põe-se a caminho de casa, eliminando seguidores e concorrentes. No final há um casamento e a subida ao trono.[2]

Por mais vezes que essa história tenha sido contada, não importa o número de contos de fadas e mitos que inspirou, nas imagens, como um todo, ela só tomou forma perfeita uma vez: nas 22 cartas dos Arcanos Maiores do tarô. Nos seus temas não se torna visível apenas o acontecimento arquetípico, mas muitas ramificações de estações isoladas tornam-se transparentes na estrutura das cartas, e o seu significado torna-se profundamente compreensível para a jornada de vida dos homens.

Os temas essenciais da viagem do herói foram com certeza lidos no céu. Principalmente o movimento dos dois grandes luminares, o Sol e a Lua, que lhe serviram de modelo. Para entender esse segundo plano, é preciso contemplar o mundo como ele foi visto pelos homens durante milênios, antes que cientistas como Galileu e Copérnico introduzissem a grande mudança.

Sabemos atualmente que a Terra gira em torno de si mesma e do Sol. Mas, se seguirmos apenas a nossa percepção, o Sol continua aparecendo pela manhã e pondo-se à noite. Apesar de todos os conhecimentos científicos dos últimos séculos nada mudou nessa experiência para a alma humana. E quando queremos entender a história que a alma nos conta, temos de adaptar-nos à sua realidade e ver o mundo como ele se apresentava aos homens desde tempos remotos.





O MUNDO ANTES E DEPOIS DA TRANSFORMAÇÃO DE COPÉRNICO
Na apresentação geocêntrica (à esquerda) a Mãe Terra está no ponto central do ser. Na apresentação heliocêntrica (à direita) ela gira ao redor do Sol.

2. Ver Walter Burkert, "*Mythos und Mythologie*" [Mitos e Mitologia], em: *Propyläen Geschichte der Literatur*, vol. 1, p. 14.

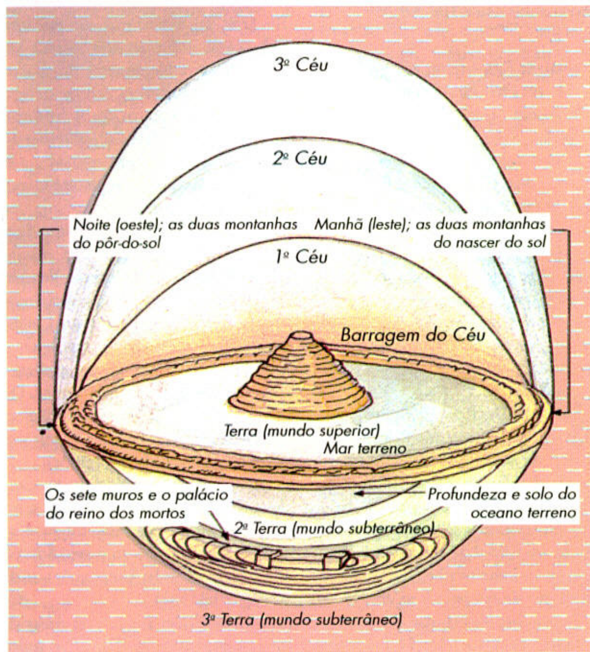
No centro está a montanha do mundo, sobre a qual vivem os homens. De cada lado há uma coluna poderosa. A coluna da esquerda é coroada pela Lua, a coluna da direita, pelo Sol. Juntas elas sustentam a abóbada celeste, sob a qual vivemos amparados e fora de perigo.



Três de Taças e Nove de Moedas na apresentação original.

Essa imagem fica ainda mais clara numa apresentação esquemática, que nos mostra o universo babilônico. Ali se eleva a montanha do mundo no disco central, que é rodeado pelo vasto oceano. O diadema do horizonte carrega as esferas através das quais viajam os planetas, e abaixo do horizonte encontra-se o mundo subterrâneo.

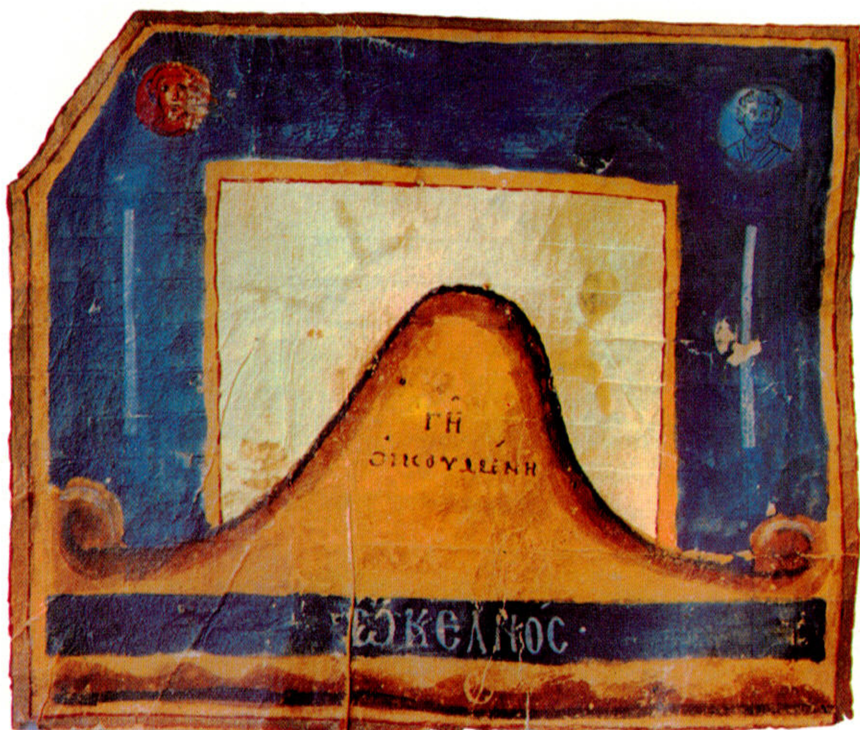
Nessa imagem podemos estudar dois fenômenos, sobre os quais os homens especulam desde os tempos mais remotos e para os quais eles sempre buscaram uma explicação. Como é possível que o Sol se ponha todas as noites no oeste e sur-



Concepção babilônica do universo.

ja novamente no leste na manhã seguinte, de maneira tão maravilhosa? Como ele chega lá? Ninguém o viu à noite, e, no entanto, todas as manhãs ele surge do outro lado. Homens de gênio desenvolveram teorias diferentes. Alguns imaginaram que à noite o Sol entra em um barco no portal do Ocidente — às vezes equiparado à uma meia-lua deitada —, no qual ele viaja pelo céu noturno. Como o céu noturno, com sua cor azul-escuro era visto como um mar noturno, dessa imagem da viagem noturna do Sol pelo mar surgiram as histórias da viagem noturna do herói pelo mar.

Em outras regiões, no entanto, e na maioria das regiões costeiras, espalhou-se a notícia de que o Sol de fato desaparecia todas as noites atrás do horizonte e que por isso deveria haver um mundo subterrâneo que o Sol atravessava durante a noite. Esse é o tema das histórias da descida ao mundo subterrâneo, que nos contam como as almas das pessoas falecidas, que têm sede da luz e da força vital do Sol, se rejubilam assim que ele mergulha no reino das sombras; mas também as histórias que relatam que na hora dos espíritos, por volta da meia-noite, as forças da luz lutam contra as forças das trevas e que o nascimento matinal do Sol é uma prova de que as forças da luz sempre vencem a batalha.



Concepção bizantina do universo.
Montanha do mundo, com as colunas que sustentam o céu.

Também no movimento da Lua, o segundo luminar no céu, foi lido um tema importante. No final do seu ciclo, e portanto no final do mês original, ainda é possível ver a meia-lua da antiga Lua uma última vez pela manhã, no horizonte *oriental*. Então, seguem-se em média três noites sem lua, antes que ao pôr-do-sol a meia-lua da nova luz surja outra vez no céu *ocidental*. Nos três dias e noites intermediários, a Lua certamente atravessa o mundo subterrâneo, pois senão como ela poderia aparecer subitamente no oeste, depois de ser vista pela última vez no leste? Analogamente a esse acontecimento celestial, existe nas tradições de muitos povos a história de um herói que desce ao mundo subterrâneo a fim de realizar uma grande obra, voltando ou subindo vitorioso dessa viagem ao inferno depois de três dias. Conhecemos esse tema da Bíblia e do credo cristão, quando se diz de Jesus: "...crucificado, morto e sepultado, desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia..."

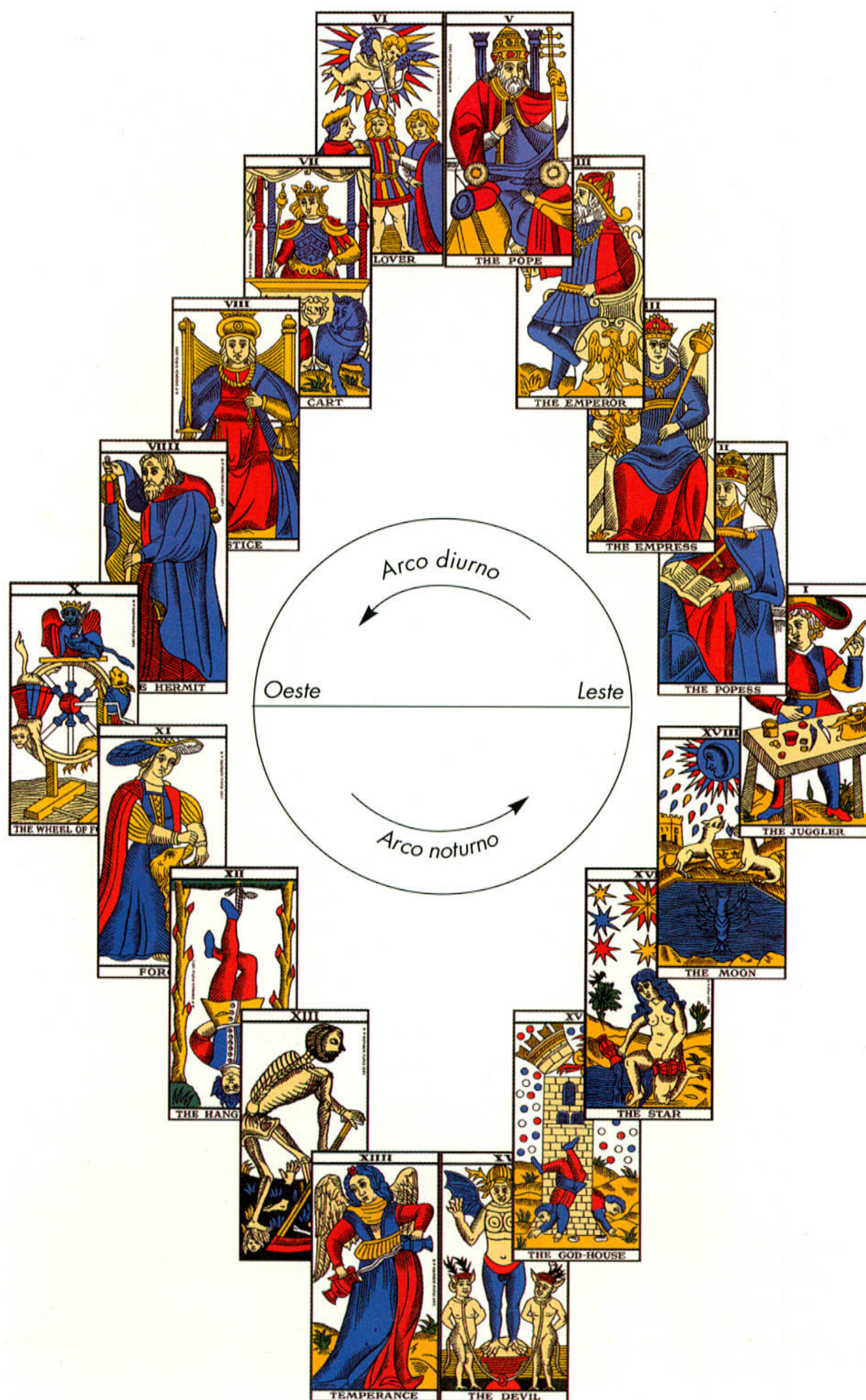
Os antigos egípcios, aos quais agradecemos os importantes conhecimentos sobre os inter-relacionamentos e símbolos da viagem do herói (e com isso, das cartas dos Arcanos Maiores) reproduziram a viagem do seu deus solar Rá com muitas ilustrações. Em seu barco, que também era chamado de "O barco de milhões de anos", todos os dias ele atravessava novamente o céu diurno e o céu noturno.

Encontramos esse tema outra vez nas 22 cartas dos Arcanos Maiores: as cartas de um único algarismo, de 1 a 9, falam sobre a viagem do Sol através do céu diurno, ao passo que as cartas com dois algarismos, de 10 a 18, contam a descida ao mundo subterrâneo e a volta à luz. E, além disso, ambas, uma de cada vez, estão ligadas pela soma transversal das cartas interligadas aos correspondentes significados.

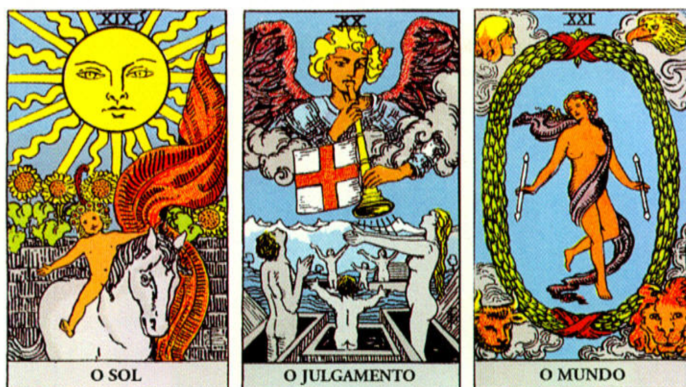
O ponto de mutação dessa viagem é marcado pelas cartas O EREMITA e A LUA. Enquanto na carta A Lua identifica-se facilmente o signo de Câncer, na carta O Eremita é preciso esforço para descobrir, por meio da Astrologia, que O Eremita corresponde a Saturno e ao signo de Capricórnio. Assim sendo, as cartas também refletem o ponto de regresso no percurso anual do Sol, o círculo de mudança de Câncer e o círculo de mudança de Capricórnio.




O deus solar egípcio no barco dos milhões de anos.
A viagem através do céu noturno (céu estrelado) e
A viagem pelo céu diurno (disco solar).



O arco diurno do Sol e a viagem pelo mundo subterrâneo nas imagens dos Arcanos Maiores.



O objetivo do caminho.

O motivo dominante de ambos os percursos do caminho se encontra nos primeiros dois Arcanos. Nas cartas de um só algarismo, a Carta 1 apresenta o tema: Trata-se de O Mago, que indica o caminho masculino da conscientização, que vai da esquerda (inconsciente) para a direita (consciente). A Grande Sacerdotisa, a Carta 2, ao contrário, é a chave para o caminho feminino das cartas de *dois algarismos*, que vai da direita para a esquerda e descreve a direção para o escuro, o inconsciente, o misterioso — o caminho através dos mistérios. Naturalmente, aqui não se trata do caminho dos homens e do caminho das mulheres. Para se tornarem *inteiros*, os homens e as mulheres têm de percorrer tanto o caminho masculino quanto o feminino. Da mesma forma, a viagem do herói naturalmente é a viagem da heroína, mesmo que a maioria dos mitos que preservamos sejam contados com entonação patriarcal, narrando unilateralmente a história dos heróis que realizam a grande obra.

O grande psicólogo analítico Carl Gustav Jung descreve a auto-realização como um processo de individuação, que consiste em descobrir e desenvolver a originalidade individual, cristalizar o próprio padrão de vida e, dessa forma, em última análise, encontrar a totalidade. Também esse caminho é dividido — comparável ao percurso do Sol — em dois segmentos, em que se pode ver que a primeira metade da vida serve ao próprio desenvolvimento e ao crescimento exterior, sendo, ao contrário, a retirada para o interior e o encontro com a sombra os temas da segunda metade. O objetivo ou o fruto do caminho de individuação, a personalidade íntegra, amadurecida para a totalidade é o tema dos últimos três Arcanos Maiores, cartas 19 a 21, que são alcançadas por aquele que percorreu os dois mundos. Elas representam a volta à luz (O SOL), o mistério da transformação (O JULGAMENTO) e o reencontro do paraíso (O MUNDO). A 22ª carta com a cifra 0 é O BOBO. Ela nos mostra o herói, que segue o curso do Sol, a fim de realizar a grande obra. Dele diz o palhaço de Shakespeare: "A tolice, senhor, anda pelo orbe como o Sol."[3]

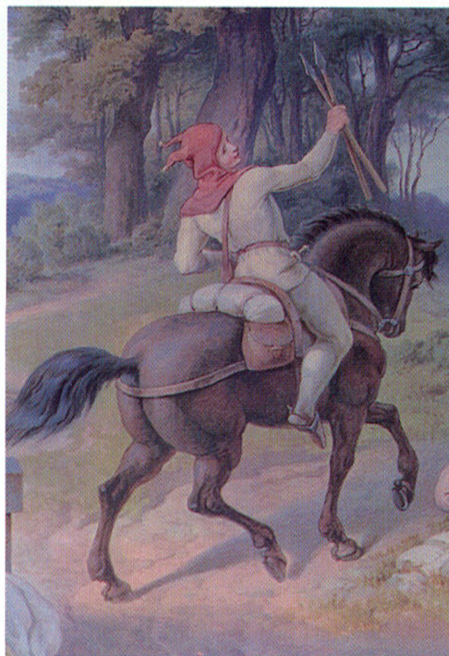
3. Shakespeare, *Twelfth Night* [Décima Segunda Noite], 3º ato, 2ª cena.



O Bobo

O herói da história

Não é extraordinário que justamente O Bobo seja o herói que consegue realizar com êxito a grande viagem? Atualmente consideramos heróis pessoas com caráter muito diferente. Eles são corajosos, fortes, imperturbáveis, inteligentes e estão sempre cercados com a aura dos eternos vencedores. Se voltarmos no tempo, no entanto, veremos que todos esses heróis corajosos e invencíveis provêm de uma época relativamente recente, mesmo que alguns deles como, talvez, Gilgamesch, Hércules, Órion ou Perseu possam contemplar três a quatro mil anos de história. Esse tipo quase sempre másculo de herói é uma formação do início do patriarcado e se distingue essencialmente dos seus modelos mais antigos, que nós também conhecemos. Eles continuam vivos na tradição oral, em nossos contos de fadas e lendas. Ali o herói — ao menos a princípio — não é especialmente corajoso, forte, esforçado ou hábil. Ao contrário, ele é sempre o mais novo, o tolo, o bobo. Mas, fato interessante, é justamente esse "idiota" que consegue realizar a grande obra. Em seu modelo essencial todas as histórias são parecidas. Elas contam, por exemplo, como um próspero reino é ameaçado por uma desgraça; por isso o rei manda procurar um herói que esteja disposto a arriscar a vida para salvar o país da destruição ameaçadora. Em geral, o rei tem três filhos, dos quais os dois mais velhos se declaram mais ou menos dispostos a tentar, embora tentem sem sucesso resolver o problema. Quando o filho mais jovem resolve tentar também, todos riem dele e o consideram perdido. Ele também sabe que não é muito ladino, corajoso ou habilidoso, no entanto, ousa seguir o caminho. Depois de muitas provas e de acontecimentos milagrosos, ele encontra o bem de difícil alcance, consegue trazê-lo para casa e salvar o país de



Percival em traje de bobo.

grandes perigos.[1] A qualquer um o rei atribuiria a capacidade desse feito, na maioria das vezes, naturalmente, aos seus filhos mais velhos, tão parecidos com ele e quase tão inteligentes e intrépidos como ele havia sido (um dia...), mas por certo nunca ao mais novo, o idiota.

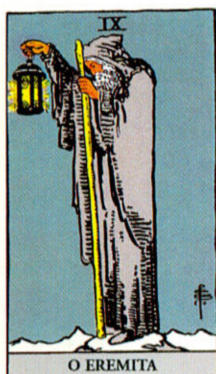
Mas é exatamente nisso que está a notável mensagem dos contos de fadas de todos os povos: os maiores problemas só são resolvidos pelo lado que nós menos esperamos. A explicação nos é dada por Marie-Louise von Franz: "O Bobo", assim diz ela, "simboliza a autenticidade e a integridade da personalidade. Elas são mais importantes do que a inteligência, o autocontrole (etc...). Através delas, ele sempre é salvo nos contos de fada."[2] Por esse motivo o bobo também é o herói na história contada pelas cartas do tarô. No entanto, seria falso e prematuro chegar à conclusão de que se trata da viagem do bobo. Sem dúvida, o herói empreende a viagem como um bobo, mas ele logo amadurece. No entanto, no final da história, ele sempre tem de voltar a uma postura simples e modesta, semelhante à da partida. Como Percival, que sai para o mundo em trajes de bobo e no final da história, como um mero tolo reencontra o Graal, também aqui vemos o bobo como uma pessoa ingênua na porta de entrada da nossa história, que chegará à porta da saída como um sábio ingênuo.

A carta mostra o bobo na companhia de um cão, que simboliza as forças úteis dos instintos que o protegerão em seu caminho. Embora ele esteja à beira do abismo, sem se dar conta disso, ele não cairá. O latido do cão dará o aviso, ou — o que é ainda mais provável — ele será atraído para outra direção, sem jamais saber quão perto esteve do abismo. As montanhas cobertas de neve, ao fundo, representam as alturas que ainda terá de escalar em sua viagem. Trata-se dos picos em que vive o eremita, que, no final da série de cartas de um algarismo, representa o obje-

1. Naturalmente, há muitas correlações femininas para essa história, em que a filha mais nova, em contraste com as irmãs mais velhas (muitas vezes, malvadas) é a heroína. (Por exemplo, a gata borralheira, Psiquê ou a filha mais nova do rei Lear.)

2. Marie-Louise von Franz, *Der Schatten und das Böse im Märchen* [A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas], p. 205.





As montanhas cobertas de neve no horizonte da carta do Bobo mostram o mundo em que o Eremita se sente em casa. Elas representam o grau de conhecimento que o Eremita conquistou, mas que o Bobo ainda tem de atingir.

tivo da primeira metade do caminho. Esse objetivo é o conhecimento, mais propriamente o autoconhecimento. Tudo o que o bobo leva consigo para a viagem está em sua trouxa, sobre cujo conteúdo já se especulou bastante. A explicação mais bela foi dada por Sheldon Kopp. Ele a chamou de "o pacotinho do conhecimento inaproveitado".[3]

Nisso se expressa uma postura essencial típica e importante do bobo. Ou ele não sabe nada, ou não usa seu conhecimento. Por isso, ele também não é impedido ou bloqueado por aquilo que sabe. De certa forma, ele personifica a criança em nós; e sabemos que as crianças sempre gostam de provar coisas novas e de trilhar, brincando, caminhos inusitados. Essa receptividade sem julgamentos é sem dúvida a melhor postura para realmente aprender algo novo. É por isso que Waite também denominou essa carta de "o espírito em busca de conhecimento".

Quanto mais amadurecemos, tanto mais tendemos a apegar-nos às nossas idéias e a reafirmar sempre as nossas opiniões. Assim, aparentemente, não só temos sempre razão, como vemos nossa opinião fortalecida. A realidade que de fato existe por trás das nossas idéias, interessa-nos cada vez menos. Em vez disso, vivemos num mundo de idéias, que orgulhosos chamamos de o nosso conhecimento empírico que cada vez mais atrapalha o nosso caminho, quando se trata essencialmente de nos abrirmos a novos conhecimentos. Nós nos apegamos demais às nossas imagens e julgamentos, porque os conhecemos e nos parecem seguros. Não é de admirar que nosso dia-a-dia se torne cada vez mais aborrecido e a vida se transforme numa monótona rotina, em que a nossa alegria de viver desaparece e uma falta de ânimo tediosa ocupa o seu lugar. Tampouco é de admirar que a realidade pareça nos perseguir e nós — em parte por meio de crises violentas — tenhamos de reconhecer que tínhamos dela uma imagem falsa.

3. Sheldon B. Kopp, *Kopfunter hängend sehe ich alles anders* [De cabeça para baixo vejo tudo diferente], p. 13.

O Bobo, ao contrário, representa o nosso lado alegre, descomplicado, que não só não se importa se algo é perfeito ou infalível, mas experimenta alegremente coisas novas, sem medo de ser ridicularizado, de fracassar ou de ser considerado maluco. Se não der certo, ele tentará outra vez, até conseguir ou perder o interesse. Ele é capaz de alegrar-se de todo o coração e de surpreender-se com tudo o que é possível fazer na vida e com a multiplicidade de coisas que este mundo nos oferece.

Palavras-chave para a carta O BOBO	
ARQUÉTIPO:	A criança, o tolo ingênuo
TAREFA:	Tentar o novo sem julgamentos, aprender brincando
OBJETIVO:	Alegria de viver, juntar experiências brincando
RISCO:	Falta de jeito, confusão, leviandade, tolice
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Empreendedor, certeza instintiva, franqueza surpreendente, alegria imperturbável de viver, curiosidade, prazer em tentar alguma coisa





O Mago e A Grande Sacerdotisa

Os pais celestiais

É típico que os heróis clássicos tenham dois pares de pais: um par celestial e um terreno. Essa imagem é conhecida em vários mitos, cujos heróis, filhos de grandes deuses, eram criados por pais terrenos — talvez na corte do rei. Às vezes essa imagem esconde o tema da origem desconhecida do herói. Os contos de fadas fazem referência a "outros pais", na maioria das vezes pelo fato de os seus heróis crescerem junto de pais adotivos. No tarô esses pais duplos são vistos nas quatro primeiras cartas numeradas.

O Mago e a Grande Sacerdotisa representam os pais celestiais do herói e personificam a polaridade original — masculino e feminino — no âmbito celestial, ou seja, no mundo das idéias. Sempre que falarmos aqui de "masculino" e "feminino", estaremos indicando não a divisão de papéis ou a soma das características masculinas e femininas, mas apenas o significado simbólico desses conceitos. O masculino arquetípico juntamente com o feminino arquetípico são a expressão dos dois princípios primordiais, que, tal como o Yin e o Yang, só formam o todo quando justapostos. Eles simbolizam os dois pólos da dualidade, mediante a qual a nossa consciência toma conhecimento da realidade, por exemplo como:

Masculino — Feminino
ativo — passivo
direita — esquerda
em cima — embaixo
dia — noite
Sol — Lua

maré alta — maré baixa
consciente — inconsciente
espírito — alma
razão — intuição
quantidade — qualidade
ter — ser
penetrante — permeável
agir — deixar acontecer
gerar — conceber
contrair — descontrair
renovar — preservar
agir — reagir
extrovertido — introvertido
arbitrário — espontâneo
conceito — imagem
logos — eros
causal — análogo
abstrato — concreto
análise — síntese
detalhado — total
separar — unir
distância — proximidade
externo — interno
direto — indireto
extenso — intenso
extremo — moderado
linear — cíclico
angular — circular
duro — mole
forte — suave
direito — costume
lei — compaixão
claro — escuro
tom maior — tom menor
constante — mutável
revelar — ocultar

A mesma dualidade se mostra nos dois caminhos que levam o ser humano ao conhecimento: o caminho mágico e o caminho místico. Eles correspondem, por sua vez, às duas possibilidades básicas de encarar a natureza: atacar ou adap-

tar-se.[1] O caminho do Mago é percorrido pelo homem com índole de Fausto que, em sua busca de conhecimento, pesquisa e penetra a natureza, descobre seus segredos a fim de compreendê-los e, em última análise, dominá-los. Trata-se do caminho que foi percorrido sobretudo pelo homem ocidental, que trouxe ao atual estilo de vida a bênção e a maldição da técnica. É o caminho do poder exterior e da ação, em que se faz "todo o possível", e quando algo dá errado ou proporciona uma sensação perturbadora é "eliminado", sempre da melhor maneira possível. Em ambos os casos, a energia do Mago é voltada para a ação, ao contrário da Grande Sacerdotisa, que indica o caminho do homem místico e representa a arte de "deixar acontecer", uma postura de vida que ainda encontramos nas tradições orientais. Percorrer esse caminho místico significa ficar pacientemente à disposição, até sermos encontrados, tocados e transformados pelo divino. Dito de modo mais simples: o mago busca, o místico se deixa encontrar. Ambos são caminhos de conhecimento, que têm seu correspondente na polaridade da Criação, bem como nos dois hemisférios do nosso cérebro. Nenhum caminho é mais correto ou melhor do que o outro. Cada um deles é ruim se houver exagero, porém valioso e bom quando trilhado na medida certa. O herói da nossa história terá — como cada um de nós — de percorrer os dois caminhos, um depois do outro, a fim de alcançar o objetivo.

1. Estas também são, afinal, as duas possibilidades de entender apresentadas pelo ensinamento de Darwin da "sobrevivência do mais apto" que, em geral, é traduzido como "a sobrevivência do mais forte". Mas o inglês *to fit* também significa adaptar-se, então a sentença pode ser traduzida como "sobrevivência do que estiver mais bem adaptado".



O Mago

O pai celestial

O Mago personifica o princípio ativo, criador. Ele representa a consciência solar, que ilumina as coisas e que busca a clareza e o que é inequívoco. A carta o mostra na pose do mestre, que não age com a própria força, mas recebe sua energia de cima e a torna eficaz na Terra. Essa ligação entre em cima e embaixo também se expressa no bastão e no oito deitado, o nó do infinito (lemniscata). Ela simboliza a união de dois mundos e a sua troca constante e recíproca.

A mesa quadrada do Mago representa o âmbito da realidade terrena, pois corresponde ao número quatro. Em cima dela estão os símbolos das quatro proposições do tarô: bastão e espada, taça e moeda como representantes dos quatro elementos: Fogo e Ar, Água e Terra. O seu conjunto também representa a totalidade que, segundo a doutrina antiga, diz que toda a Criação foi criada desses quatro elementos. Aqui elas se apresentam como tarefas, mais exatamente como as tarefas de vida a serem realizadas pelo Mago. Portanto, essa carta representa a inteligência, a habilidade, bem como a vontade e a força para realizar as tarefas que nos são impostas pela vida para que nos tornemos perfeitos.

O fato de o Mago talvez não ser um charlatão, mas uma força muito valiosa voltada para objetivos mais elevados é constatado pelas rosas vermelhas (amor divino), pelos lírios brancos (pureza espiritual), bem como pelo segundo plano dourado da carta, que nos Arcanos Maiores do Tarô de Rider simboliza os temas "nobres".

Palavras-chave para a carta O MAGO	
ARQUÉTIPO:	O criador, o mestre
TAREFA:	Atividade, tomar a iniciativa, dar impulso, procurar tarefas e realizá-las
OBJETIVO:	Maestria, auto-realização, conhecimento
RISCO:	Mania de grandeza, fantasias de poder, charlatanismo
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Autoconfiança, estar ligado a grandes reservas de força



A Grande Sacerdotisa

A mãe celestial

Como pólo oposto ao Mago, a Grande Sacerdotisa personifica o princípio passivo, receptivo. Ela simboliza a disposição paciente de deixar-se conduzir e de esperar pelo momento certo para reagir a um impulso. Como ela sabe que todas as coisas têm o seu tempo, ela consegue deixar as coisas acontecer sem interferir apressadamente em seu curso. Assim, a carta é expressão da confiança na nossa voz interior, que nos indica determinado caminho e sempre nos diz de forma digna de confiança se, quando, onde e como devemos agir.

A Grande Sacerdotisa está sentada entre duas colunas abertas em cima, símbolos de sua disposição receptiva. Elas trazem as letras B e J, de acordo com o relato bíblico do primeiro templo de Jerusalém, diante do qual o rei Salomão mandou erigir duas colunas que receberam o nome de Boaz e Joaquin (2 Crônicas 3:17 e 1 Livro dos Reis 7:21). O significado original dessas colunas e dos seus nomes não é conhecido, não obstante se tenha especulado bastante sobre ele. As duas colunas encontraram seu lugar principalmente na maçonaria. Na carta do tarô uma delas é preta, a outra é branca, representando assim a polaridade primordial, como entre luz e trevas, dia e noite, verão e inverno, consciente e inconsciente. O trono da Grande Sacerdotisa fica no centro dessa polaridade, porque ambos os lados têm grande significado para ela. Ela não separa nem avalia, porém sabe que a união dos dois pólos resulta no todo. Quem os reduzir a opostos, não só perderá a unidade original, como só encontrará unilateralidade em vez de clareza. Diante desse segundo plano seria conseqüente ler as letras B e J também como Baal e Javé. Baal era o consorte da poderosa rainha do céu canaanita, Astarte, cujo culto era lunar e, portanto, um culto noturno, ao passo que Javé (Jeová), o Deus do Velho Testamento, era adorado como um deus de luz[1] que — como todas as divindades patriarcais — de preferência, combatia as forças das trevas.

---

1. "Oficialmente" devemos acrescentar uma limitação, pois, para grande desgosto do Sacerdote, grandes facções do povo de Israel viam na rainha do céu, Astarte, a esposa de Javé.

Nessa carta ambas as forças têm igual valor, porque no âmbito mais profundo (e, ao mesmo tempo, no mais elevado) todas as separações hostis entre luz e trevas, bem e mal, Deus e diabo, vida e morte são falsas porque estão distantes da realidade. No íntimo conhecemos a totalidade, que só é alcançada quando a luz e as trevas celebram seu casamento além de todas as limitações e valorizações. Essa intuição, esse conhecimento profundo da unidade abrangente é a "sabedoria do colo" que é personificada pela Grande Sacerdotisa e que é expressa pelo fato de o rolo do Torá,[2] a lei divina, estar no seu colo. Ela não acredita literalmente nos textos, porém sente o verdadeiro sentido por trás de tudo o que é dito, como Maria, de quem se conta maravilhosamente numa história de Natal: "Maria conservava com carinho todas estas recordações e as meditava em seu coração" (Lucas 2:19).

O mesmo é expresso pela sua coroa, em que se vêem as três fases da Lua — crescente (☾), cheia (○) e minguante (☽), o que acentua, além de sua natureza cíclica, também a consciência lunar representada por essa carta. A luz indireta da Lua não permite que se vejam as coisas com a mesma clareza e nitidez como à luz do Sol, mas que em troca possibilita visões dos âmbitos de sombra, que fogem à consciência solar porque somem imediatamente com o aparecimento do Sol. Assim, a Grande Sacerdotisa representa o mundo dos sonhos, a sensação e a intuição dos inter-relacionamentos. Ela é a fonte da inspiração mais profunda, que brota tanto mais viva quanto mais decresce nossa consciência diurna, encontrando-se, por assim dizer, num "estado de penumbra".

Palavras-chave para a carta A GRANDE SACERDOTISA	
ARQUÉTIPO:	A rainha do céu
TAREFA:	Esperar pacientemente por um impulso (interno ou externo), pelo momento certo, ser receptivo, ser um eco, manter-se à disposição
OBJETIVO:	Certeza intuitiva, compreensão profunda, sentir inter-relacionamentos, compreender os sonhos, prever desenvolvimentos
RISCO:	Fuga da realidade, hesitação, indecisão duradoura
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Poder deixar as coisas acontecer, ter confiança por saber que é orientado, ficar inspirado num estado de consciência alterada

2. Por Torá entende-se os cinco livros de Moisés, o início do Velho Testamento. Esses livros contêm os mandamentos do povo judeu. Por isso o Torá é muitas vezes equiparado à lei divina. Originalmente — e até hoje nas sinagogas — esses "livros" eram escritos num rolo. É por isso que se pode ver o rolo na carta do tarô.





A Imperatriz e o Imperador

Os pais terrenos

Assim como os pais celestiais revelam os princípios primordiais masculino e feminino no mundo das idéias, do mesmo modo os pais terrenos encarnam esses princípios primordiais no âmbito concreto: como a Mãe Natureza (A Imperatriz) e como a Força do Cultivo e da Civilização (O Imperador). Quando as duas forças estão em sintonia harmoniosa, o ser humano vive protegido, amparado e bem cuidado. Enquanto a Mãe Natureza como fonte de toda a vida sempre faz crescer novos frutos, o Imperador traz a colheita. Onde a Mãe Natureza se mostra em seu estado selvagem original, o Imperador sabe como plantar jardins e construir abrigos em meio à floresta para que o ser humano possa proteger-se dos ataques e sentir-se seguro diante das mudanças da natureza, às quais tem sempre de enfrentar na forma de frio, calor, umidade ou tempestades. Enquanto a Mãe Natureza está sujeita às mudanças cíclicas, o Imperador procura compensar essas oscilações e nivelá-las da melhor forma possível. Ela pode produzir os melhores frutos durante muitos anos, mas, subitamente, em outros períodos, deixa seus filhos passar fome. É por isso que ele constrói silos para cereais e geladeiras, para compensar essas oscilações, do mesmo modo como constrói aquecedores e instrumentos climáticos a fim de equilibrar as oscilações de temperatura "dela". Dentro de limites sadios, seus esforços representam a verdadeira civilização, o que significa o aprimoramento da selvageria rude, original da natureza. Mas em excesso, a força do Imperador leva à compressão de todos os ciclos, à retificação de todos os rios, a desertos de cimento e a excessos de asfalto, a parques monótonos, a bosques esquematizados e ao ermo estéril de um mundo artificial feito de matéria sintética. Quando suas estruturas ficam muito rígidas, ela sabe como torná-las mais suaves

ou rompê-las. Horríveis paredes de concreto são cobertas amorosamente por hera, e campos em ruínas são profusamente cobertos de flores. O que quer que ele construa, enferruja, deteriora e estraga, a não ser que ele lhe dedique atenção.

Como a Mãe Natureza, a Imperatriz encarna tudo o que é natural, ao passo que o Imperador representa tudo o que é criado pelo homem. Ela representa o redondo, pois a linha reta é a exceção em seu mundo. Ele representa tudo o que é reto, pois o que suas mãos ou suas máquinas realizam, é predominantemente liso e reto. Até mesmo o tempo ela vive de modo cíclico, sem começo e sem fim, sem inovações reais. Trata-se da duração do ano, a eterna volta do que já existiu. O tempo dele, ao contrário, é linear. Nele tudo tem um começo e um fim, e o desenvolvimento entre eles é chamado de progresso. Por isso sabemos que no mundo dela, tudo o que passa torna a renascer e existe a crença no ciclo do renascimento eterno. Ao contrário, no mundo linear do Imperador, sabe-se com a mesma certeza que tudo tem um início e um fim e disso se conclui que também só vivemos uma vez.



A Imperatriz

A mãe terrena

A Mãe Natureza está sentada no seu trono, enfeitado e cercado por símbolos da sua fecundidade: as romãs em seu vestido, o campo de trigo, a floresta, o rio, todos eles mostram que ela é o solo fértil, a fonte de onde surge toda a vida. Os doze diademas da sua coroa representam os doze meses do ano e a mostram como imperatriz das estações. O sinal de Vênus em seu trono mostra o aspecto pacífico da Mãe Natureza, o seu lado protetor e fecundo. Sendo assim, o lado selvagem, destruidor do seu caráter, que pode se manifestar na forma das catástrofes naturais fica no segundo plano da carta.

A Imperatriz é a carta da criatividade e da energia vital, do solo praticamente inesgotável, que sempre faz brotar coisas novas de si. Ela representa as fases férteis, o desenvolvimento animado e as inovações cíclicas.

Palavras-chave para a carta A IMPERATRIZ	
ARQUÉTIPO:	A mãe (Mãe natureza)
TAREFA:	Ser fértil, trazer o novo ao mundo
OBJETIVO:	Energia vital e crescimento, renovação cíclica, afirmação da vida
RISCO:	Crescimento desordenado, instabilidade
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Pisar em solo fértil, sentir-se vivo, conhecimento dos ciclos e confiança na plenitude



O Imperador

O pai terreno

O Imperador representa a estrutura, a ordem, a clareza e a realidade. Como patriarca ele é tanto uma garantia de segurança e ordem quanto o portador de grande responsabilidade. Sua força extraordinária está em sua perseverança e na sua perícia em não perder o fio vermelho. Com o desmantelamento generalizado da imagem do pai no século XX, muitas pessoas acham que os valores que ele representa estão há muito ultrapassados. Com isso esquecem-se com muita facilidade de que ele apenas encarna a força que transforma em realidade as idéias, os desejos e os objetivos. Ele é o que faz, ele é o que realiza, é o que sabe como "fazer pregos com cabeça". E com tudo isso, ele não é hostil à vida, do que muitas vezes o acusam injustamente. Ao contrário: em sua mão direita, ele segura como cetro a cruz Ankh, a cruz do Egito antigo, que simboliza, com o círculo e o bastão, a ligação viva dos princípios feminino e masculino. Para os egípcios ela era o sinal da vida. Esse cetro indica que ele é uma força que protege a vida, uma força que a mantém.

Palavras-chave para a carta O IMPERADOR	
ARQUÉTIPO:	O pai (estado de pai)
TAREFA:	Concretizar idéias, intenções e talvez até mesmo desejos há muito acalentados de modo conseqüente. Perseverança
OBJETIVO:	Criar a ordem e um ambiente seguro, estrutura, capacidade de resistência
RISCO:	Teimosia, perfeccionismo, endurecimento, rigidez
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Consciência da responsabilidade, manutenção do fio vermelho, apego à realidade e sobriedade

O Caminho masculino do Mago
O caminho da vontade e da lei



O Mago que serve como libertação do seio materno e que leva ao desenvolvimento do eu



O Caminho feminino da mística
O caminho do desejo e da misericórdia



A Grande Sacerdotisa que leva à superação dos símbolos masculinos de poder e à totalidade



Os pais celestiais e os pais terrenos

Por meio da seqüência dos pais, as cartas já fornecem informações básicas sobre os temas e capítulos da viagem do herói.

Nas primeiras quatro cartas surgem ambos os pais na seqüência: masculino (I), feminino (II), feminino (III), masculino (IV). Como os números pares valem como masculinos e os ímpares como femininos, de certa forma seria mais compreensível se o Imperador tivesse o número III e a Imperatriz o número IV. Mas é justamente na apresentação dessas cartas que há afirmações importantes:

1. O terreno é um reflexo do celeste, motivo pelo qual os pais terrenos — como num espelho — parecem "invertidos".

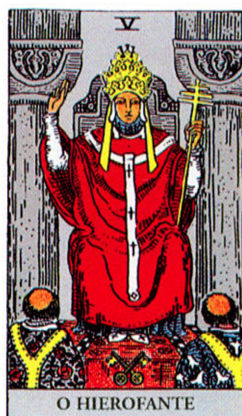
2. Com esse ritmo quaternário relaciona-se tudo o que será concreto e que toma forma neste mundo. Por certo é necessário um impulso criativo (I) que desperta um eco positivo, uma disposição receptiva (II). Sem eco o impulso não tem efeito. Sem impulso não existe eco. Mas se ambos se encontrarem — do um e do dois surge o três — então ocorre o amadurecimento do fruto (III), que finalmente toma sua forma concreta, definitiva (IV). No âmbito da formação do ser humano estes passos constituem: o sêmen (I), o ovo (II), o feto (III) e o momento em que a criança vê a luz do mundo e sua forma se torna visível (IV).

Num processo criativo se trata da idéia (I), da ressonância positiva, do solo fértil, do qual ela precisa para não se tornar ineficaz (II), do amadurecimento do projeto (III) e a sua conversão em algo concreto, sua realização (IV).

3. Essa afirmação significativa também vale para a viagem do herói. Nessas primeiras quatro cartas já se vê por que ele fará a viagem, que tarefas terá de realizar e que trechos do caminho terá de percorrer. O caminho masculino é o da vontade, o caminho da conscientização, mas também o caminho da lei, visto que aqui é preciso pesquisar as regularidades da vida e do mundo e aprendê-las. Ele percorre as cartas de um único algarismo e está sob a regência da carta número um, O MAGO (I). Segundo a qualidade desta carta, trata-se de um caminho ativo, no qual são procurados, controlados e dominados os desafios. No âmbito do significado esse trecho do caminho corresponde à primeira metade da vida. Enquanto o herói — e cada um de nós — o percorre, é preciso libertar-se do colo materno (III = A Imperatriz), sair para o mundo e tornar-se adulto. Então, por volta da metade da vida, os presságios se modificam. Agora é a Grande Sacerdotisa (II), a carta número dois, que assume a direção no caminho feminino através das cartas de dois algarismos, que leva para baixo, que nos introduz nas profundezas misteriosas do inconsciente, nos mistérios da vida. Nesse caminho é preciso praticar a arte do "deixar acontecer". Agora é preciso realmente participar; pois seja o que for que houver nesse caminho, não é mais possível resolver através da reflexão ou de provérbios elegantes, mas somente fazendo incondicionalmente essas experiências. É o caminho dos desejos e da misericórdia, no qual não progredimos quando *queremos*, mas somente quando ele quer e exige a disposição incondicional de deixar-se conduzir. Se, portanto, na primeira metade se tratava de abandonar o colo da mãe (III = A Imperatriz) e tornar-se adulto, agora o desafio é tornar-se outra vez submisso, é entregar novamente os símbolos masculinos de poder conquistados (IV = O Imperador) e confiar-se à direção de uma força superior. O pesquisador junguiano de mitos, Joseph Campbell, fala sobre esse processo: "Os símbolos normais dos nossos desejos e medos se invertem durante a tarde de nossa história de vida. O desafio não é mais a vida, mas a morte. Já não é difícil desistir do colo materno, mas desistir do falo."[1] Para realizar essa tarefa, no entanto, a força do eu deve ter sido suficientemente firmada, motivo pelo qual esses dois trechos do caminho não podem ser percorridos na seqüência inversa. Primeiramente, é necessário um forte desenvolvimento e fixação do eu, uma pesquisa das regularidades da vida no caminho do mago, a primeira metade do caminho, antes que possa ser percorrido o caminho da Grande Sacerdotisa, que representa o caminho do homem místico, o caminho da misericórdia que leva à superação do eu e também de volta à totalidade.

---

1. Joseph Campbell, *Der Heros in tausend Gestalten*, p. 21. [*O Herói de Mil Faces*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1988.]



O Hierofante

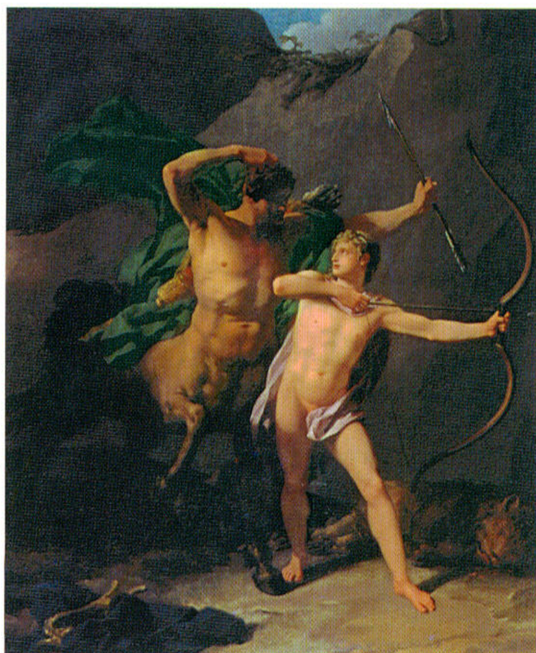
A educação do herói

Hierofantes eram chamados os grandes sacerdotes das escolas antigas de mistérios. A palavra tem origem grega e significa "aquele que ensina as coisas sagradas" (*hieros* = sagrado, *phantes* = ensinar). Em outros baralhos de tarô, a carta chama-se simplesmente O GRANDE SACERDOTE ou — sobretudo em cartas mais antigas — O PAPA.

As duas chaves ao pé do trono se referem a Pedro, o primeiro papa, a quem, segundo a tradição bíblica, Jesus disse: "Eu te darei as chaves do reino dos céus. Tudo o que ligares na terra, será ligado nos céus; e tudo o que desligares na terra, será desligado nos céus" (Mateus 16:19). Em virtude do poder dessas chaves, na crença popular Pedro é considerado o porteiro do céu e as duas chaves são o principal símbolo do brasão dos papas. A coroa tríplice, as três cruzes na bainha do traje e a cruz tríplice do sumo sacerdote são reflexos da sua competência sobre os três planos: corpo, alma e espírito — ou também céu, terra e inferno.

Em contraste com as figuras apresentadas até aqui, nesta carta surgem pela primeira vez, além da enorme figura arquetípica principal, seres humanos. São os noviços, que estão em pé ou de joelhos ao pé do trono para receber as instruções do Grande Sacerdote. Neste tema existe um paralelo com o despertar da consciência da criança, a primeira percepção consciente de um lado oposto, o olhar para os pais ou outros adultos que são encarados como grandes demais. É a hora em que a criança desperta aos poucos do sentimento inicial de unidade, de ligação com tudo e com cada um, começa a dizer pela primeira vez "eu", e a reconhecer cada vez melhor a diferença, os limites entre ela mesma e os outros.

Assim, na educação do herói, O HIEROFANTE corresponde à preparação do mesmo para aquilo que ele terá de enfrentar mais tarde lá fora, no mundo. A carta representa o período em que a consciência do herói se desenvolve, em que ele aprende a diferenciar o bem do mal. Ela representa também a confiança em Deus, que o herói necessitará durante sua viagem, e que aumenta a partir da infância. O cerne do ensinamento, no entanto, está na mão do Grande Sacerdote dando a bênção. Os dedos esticados representam o visível, o notório, enquanto que os dois dedos dobrados representam o invisível, o oculto e o transcendental. No entanto, na mística dos números, o cinco, a soma dos dedos, simboliza o sentido, o essencial, como se pode reconhecer facilmente na palavra quintessência (em latim, *quint* = cinco, *essentia* = ser). Portanto, este é o teor da mensagem: somente quem dirige sua atenção para ambos, consegue compreender o essencial, o sentido real; ao mesmo tempo, *no sentido* também existe algo que indica o caminho, como podemos reconhecer na palavra *sentido horário*. Quem só observar o exterior, não encontrará a direção e o essencial, como tampouco os encontrará quem se voltar unicamente para o transcendental. É por isso que o herói precisa percorrer os dois mundos a fim de encontrar o essencial: o mundo exterior, consciente, que corresponde ao dia, e o mundo interior, inconsciente, que corresponde à viagem pelo mar noturno.



Quíron como mestre de Aquiles.

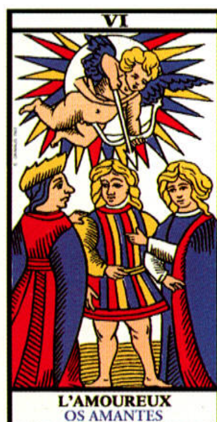


O caçador como centauro.

Os Nibelungos contam como Sigfried foi criado pelo anão Regin. Nos mitos gregos, respeita-se como grande professor e educador principalmente o sábio centauro Quíron, que transmitiu a muitos heróis — como Jasão, Asclépio, Aquiles e Hércules — a sabedoria e as habilidades necessárias para seu caminho de vida. Como centauro, ele muitas vezes é representado segundo o signo de Sagitário, o qual, por sua vez, corresponde arquetipicamente ao Grande Sacerdote.

Palavras-chave para a carta O HIEROFANTE	
ARQUÉTIPO:	O santo
TAREFA:	Prestar atenção e respeitar o notório e o oculto, busca de sentido
OBJETIVO:	A quintessência, encontrar o sentido, a direção
RISCO:	Pseudodivindade, presunção, "pretensão de ser guru"
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Ser "levado" pela confiança em Deus, experimentar coisas muito práticas





Os Amantes
No Tarô de Rider.

Os Amantes
No Tarô de Marselha.

Os Amantes

A decisão

No Tarô de Rider, de Arthur Edward Waite, e em diversos baralhos mais recentes, esta carta representa o tema do amor puro. Ela mostra Adão e Eva no paraíso, nus e inocentes antes do pecado original sob o olhar de Rafael, o arcanjo do amor, que os abençoa. Por trás dos dois cresce a Árvore da Vida e a macieira, a Árvore do Conhecimento, ao redor da qual está enrodilhada a serpente. A montanha em segundo plano simboliza aqui, como em outras cartas do tarô, as experiências de pico, os pontos altos, os maiores momentos de felicidade. Se analisarmos o caminho do herói como uma analogia à viagem do Sol, com essa carta nos encontramos no ponto mais elevado do percurso solar, sua posição ao meio-dia, e ao mesmo tempo diante da mais feliz vivência no caminho da conscientização.

Como veremos no pólo oposto da meia-noite, na carta O DIABO, há bons motivos para a reformulação dessa carta. E, no entanto, para se compreender aqui o que significa esta estação na viagem do herói é necessário recordar-se do motivo das cartas de tarô mais antigas: elas nos mostram um jovem de pé entre sua mãe e sua amada. Sobre ele flutua Cupido com um arco, cuja flecha logo atingirá o rapaz. Assim estimulado, este se decidirá a abandonar a casa dos pais — sua mãe — a fim de percorrer caminhos próprios (representados pela amada). No entanto, não devemos aceitar a imagem muito literalmente, pois nesse ponto ele ainda não conquistou o coração da sua amada. Talvez a tenha visto de relance ou tenha ouvido falar dela, e deseja salvá-la, conquistá-la, libertá-la ou fazer o que tiver de fazer.

Em "A Flauta Mágica" de Mozart, este é o momento em que Tamino ouve pela primeira vez a Rainha da Noite lhe dizer que sua maravilhosa filha, Pamina,

está nas mãos do supostamente maldoso Sarastro, do qual ele jura apaixonadamente libertá-la.

Essa decisão inequívoca, espontânea e sincera pertence certamente às maiores experiências de felicidade no caminho de conscientização. A coragem e a determinação pertinentes são o tema desta carta, mas também o pressuposto para toda viagem de herói, que não acontecerá sem a decisão de sair da casa dos pais. O motivo desta antiga carta de tarô inspirou pinturas, em que era caracteristicamente chamada "a decisão" ou " a encruzilhada". Cristianizado, este tema tornou-se a imagem da decisão entre virtude e vício. Assim, foi colocada, por exemplo, por Lucas Cranach no início do seu ciclo sobre Hércules.



A decisão no início do caminho de Hércules.

Palavras-chave para a carta OS AMANTES	
ARQUÉTIPO:	A encruzilhada
TAREFA:	Tomar a decisão sincera e espontaneamente
OBJETIVO:	Dedicar-se de todo coração a um caminho, pessoa ou tarefa
RISCO:	Sentimentalismo, fanatismo
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Sentir como o coração bate mais forte, decisão arrojada



O Carro

A partida do herói

Rápida e decididamente o herói iniciou seu caminho — sair e experimentar o mundo — no duplo sentido da palavra. Atrás de si ele deixa a cidade da sua infância, que até então lhe dera proteção e segurança. Na mão direita, ele segura um bastão, cuja ponta dourada representa os objetivos nobres que o norteiam: a pesquisa do tesouro, a libertação da bela prisioneira, a busca pela erva da vida ou o paraíso perdido.

O herói é apresentado como o deus da primavera, que os homens amam e que todos adoram como o libertador, porque ele traz a estação quente e fértil do ano e os livra do frio, da escuridão e da privação do inverno. Em todo o Ocidente esse jovem e belo deus é considerado o filho da rainha do céu.[1] Seu traje é o céu estrelado, que na carta cobre o carro como um baldaquim; seu cinto é o zodíaco que ela deixou de herança para o filho. Ele porta duas máscaras da Lua como ombreiras, atributos da rainha do céu, que na maioria das vezes foi adorada como a deusa lunar. Waite chama essas máscaras de Urim e Tumim, instrumentos oraculares do Grande Sacerdote da Israel antiga, que são mencionados em vários pontos do Velho Testamento (Êxodo 28:30, Deuteronômio 33:8 e Esdras 2:63), embora não haja outras explicações.[2] Presumivelmente trata-se de máscaras oraculares, sobras dos ritos do culto da Grande Deusa, da Antigüidade.

---

1. Como exemplo temos Attis, filho da Cibele frígia; Adônis, filho da grega Afrodite; Dumuzi, filho da Inanna sumeriana; Tammuz, filho da babilônica Ishtar; Baldur, filho da germânica Frigg.

2. Lutero traduziu Urim e Tumim como "luz" e "direito". Traduções mais recentes ficam com os nomes hebraicos e os interpretam como instrumentos dos oráculos.

Assim como em muitos contos de fadas, o herói tem uma estrela na testa, a coroa do condutor do carro é enfeitada por uma estrela de oito pontas que, como o número oito, simboliza a união com o mais elevado, enquanto que o quadrado sobre seu peito — correspondente ao número quatro — simboliza a realidade terrena. Isso também o caracteriza como o salvador que vem do céu (oito) a fim de aqui na Terra (quatro) realizar sua grande obra. Esse tema transmitido por diferentes mitos encontra seu aperfeiçoamento maior e mais conhecido em Jesus Cristo, que como filho da Virgem celestial veio à Terra para salvar a humanidade.

O carro do herói é puxado por uma esfinge branca e outra preta, as quais carregam também a cor da outra em si. Com isso, os dois animais de tração assumem o simbolismo do Tai Chi, o antigo símbolo chinês da totalidade.



Tai Chi

O preto e o branco representam a dualidade com que a nossa consciência percebe a realidade. Se a realidade é de fato assim, é impossível dizer com certeza. Sabemos somente que a nossa consciência não é capaz de reconhecer ou entender nada que não tenha um pólo oposto como ponto de referência. Não reconheceríamos o humano como masculino se não houvesse o feminino, sem tensão não haveria relaxamento, sem uma imagem do diabo não poderíamos entender Deus como a soma de todo o bem, e tampouco existiria morte, se não soubéssemos que estamos vivos. Visto sob esse ângulo, o fato de termos de morrer torna a vida repleta de sentido, porque só assim o seu sentido pode ser percebido.

Na verdade, nascemos nessa dualidade, mas quando criança não tínhamos consciência dela. Só com o crescente desenvolvimento da personalidade esse fenômeno essencial se torna cada vez mais claro. Com efeito, a palavra desenvolvimento da personalidade o demonstra com acerto, porque se trata do desenvolvimento daquilo que está em nós. Literalmente, no inconsciente todas as nossas possibilidades estão "adormecidas" (ou seja, não desenvolvidas e indiferenciadas). Desenvolver-se significa tornar-se consciente das próprias possibilidades, na medida em que as tiramos de sua simplicidade e as desenvolvemos em nossa consciência polar, para então reconhecê-las. A cada passo no caminho do conhecimento compreendemos melhor e de forma mais diferenciada a nossa realidade exterior e também o nosso potencial interior, e nos tornamos cada vez mais conscientes da tensão entre opostos em que vivemos.

Pois é natural que exista entre os dois pólos, tal como na corrente elétrica ou entre os ímãs, um constante campo de tensão, por meio do qual eles se atraem ou se repelem. Com demasiada freqüência nós entramos em atrito com essa tensão e somos arrastados para cá e para lá, entre as duas possibilidades que esse dois pólos nos oferecem. Nesse conflito tomamos partido e nos esforçamos por obter cla-

reza, à medida que avaliamos um pólo como bom e certo, e o outro como mau e errado, valorizando e desejando um, temendo e recusando o outro. Quanto mais nos aprofundamos, com tanto mais freqüência temos de reconhecer que na verdade não fazemos justiça à realidade, porque esta é muito complexa para se deixar reduzir a uma forma tão óbvia.

Sempre que temos certeza de ter descoberto uma verdade inequívoca, podemos ter certeza também de que não se trata *da* Verdade. E não é só isso. A crença de ser dono de uma verdade absoluta, leva o homem ao perigo de mais cedo ou mais tarde se tornar um tirano que quer convencer os outros, a todo custo, inclusive por meios opressivos, a ter a sua visão do mundo, supostamente a única correta. É possível reconhecer isso no afã missionário de sectários — sobretudo nos recém-convertidos — que, infelizmente, é encontrado com demasiada freqüência nos círculos esotéricos, grassando na história das igrejas e também no cenário político, onde muitos amigos da humanidade, que queriam melhorar o mundo, se tornaram déspotas destruidores de homens. Porém, em última análise, clareza significa unilateralidade, sendo assim o pólo oposto da unidade, que sempre abrange ambos os pólos contrários, donde se lê no *Tao te King*:

O Tao que pode ser pronunciado,
não é o Tao eterno.
O nome que pode ser proferido,
não é o Nome eterno.[3]

Saber que a nossa realidade nunca é a realidade absoluta, é a base para a genuína tolerância, mas também antes de tudo a possibilidade de, participando da realidade dos outros, ultrapassar os limites do entendimento atual, chegando com isso a uma compreensão mais profunda.[4] Talvez seja útil saber que nem mesmo as cores, que acreditamos captar com tanta certeza, são reais. "Lá fora" não existem cores, apenas vibrações eletromagnéticas que só se transformam em cores por intermédio do olho e do cérebro da pessoa que as contempla. Assim sendo, elas são a vivência mais subjetiva que pessoas diferentes sentem de forma diferente como sua realidade.

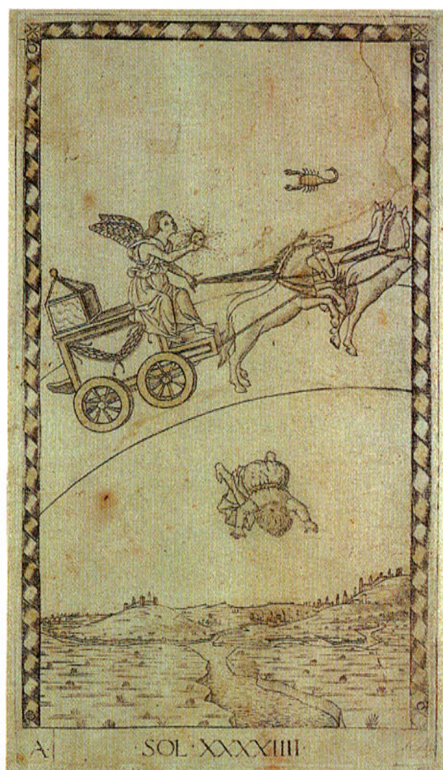
Não é a clareza, porém a união dos opostos a verdadeira tarefa no caminho do desenvolvimento, cujo objetivo é encontrar a totalidade nos âmbitos mais elevados da Unidade abrangente. Mas isso não muda em nada o fato de termos de lidar e devermos lidar durante vários trechos do caminho com a oposição: na busca do conhecimento aprendemos a diferenciar cada vez melhor e a formar cada vez com maior precisão pares de opostos, entre aqueles que na maioria das vezes

3. *Tao te King*, verso 1.

4. Exatamente esse é o tema da bela história "O rei e o cadáver", que Heinrich Zimmer reproduz no seu livro *Abenteuer und Fahrten der Seele* [Aventuras e Viagens da Alma].

diferenciamos por meio de uma avaliação. Disso resulta para nós um mundo cada vez mais sadio com tudo o que mais apreciamos, amamos e consideramos digno de esforço obter, e outro mundo cheio de desgraças que, em nossa opinião, nem deveria existir. Por mais arrogante que essa postura possa parecer — ela subentende que algo deu errado na Criação e que temos de nos adaptar a esse julgamento, apesar de nosso entendimento visivelmente limitado —, ela é indispensável para o necessário e inevitável desenvolvimento de nossa consciência do eu. Sem limites claros não pode haver um eu forte. Sem constantes novas distinções, a consciência continua indiferenciada. Somente quando o mundo dos opostos é penetrado em suficiente profundidade, podemos e devemos nos exercitar na arte da unificação. Primeiro, precisamos estabelecer limites para o fortalecimento do eu, isolando-nos suficientemente de tudo o que não somos,[5] antes que um eu suficientemente firme possa começar a superar esses limites.

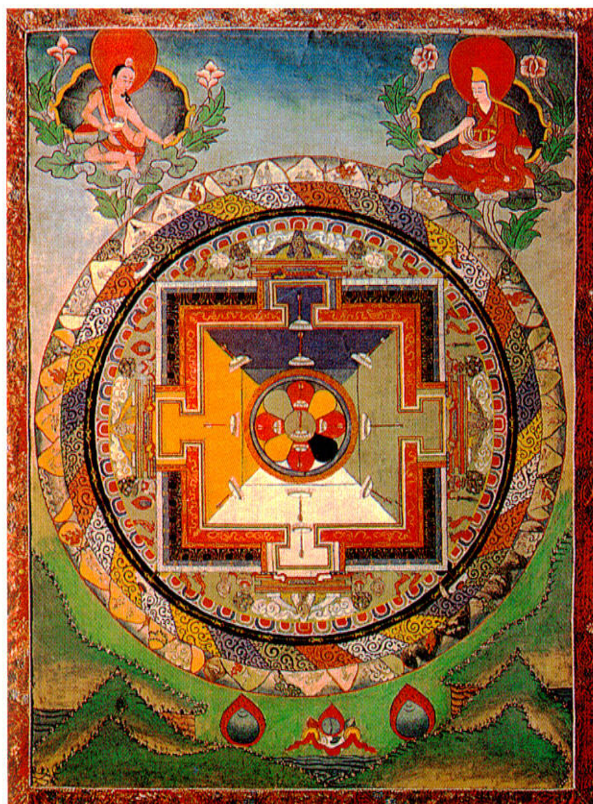
O Carro, portanto, significa que o paraíso da infância, a unidade vivida (inconscientemente), com a sincera decisão da estação precedente (OS AMANTES), já passou. O herói pisou no mundo polar, no qual sua consciência se desenvolverá, o que lhe permitirá tornar-se adulto. A essa altura, ele sempre terá de prestar atenção para não ser dilacerado entre as possibilidades — os dois animais diferentes de tração — porém com muita habilidade dominar as contradições e, assim, juntar as forças contrárias unindo-as num grande salto para a frente. Ele ainda está no início do aprendizado, ele ainda não tem prática, e se for bem aconselhado, seu poder não deve ser subestimado. Em pouco tempo pode acontecer com ele o que aconteceu com o aprendiz de feiticeiro.



Feto, que cai na carta O Sol, num tarô do século XV.

Na lenda do Graal esta estação corresponde ao momento em que Percival veste a armadura do Cavaleiro Vermelho que ele dominou e, com isso

5. Num âmbito muito elementar isso significa: com toda a naturalidade poder dizer "não" quando queremos dizer "não".



Mandala. Um mapa para a jornada da vida.

— ao menos exteriormente —, transforma-se de criança em homem. Ele já se parece com um cavaleiro, a imagem simbólica do ser mais elevado, amadurecido. Na verdade, ele traz sob a armadura, como sempre, seu traje de Bobo. Para fazer justiça à aparência exterior, ele terá de crescer interiormente.

Outros mitos, ao contrário, descrevem os perigos dessa estação, ao contarem sobre filhos de deuses que caem no abismo, talvez como Ícaro ou Feto, e fracassam porque valorizam demais as forças que ainda não exercitaram.

Como orientação, ajudam o cavaleiro nesta viagem aqueles mapas anímicos que conhecemos dos quadros de meditação atuais, principalmente as mandalas do Budismo tibetano.[6] Uma estrutura básica típica dessas figuras compõe-se de um círculo interior, que envolve um símbolo de perfeição, talvez um Buda, um Bodisatva, uma imagem de Krishna, uma figura abstrata ou, nas formas ocidentais — como nas mandalas de Hildegard von Bingen —, um símbolo de Cristo. Esse cír-

6. Ver Lutz Müller, *Magie* [Magia], p. 87.

culo interior é cercado por uma cruz ou um quadrado, que por sua vez é limitado por um círculo exterior.

No simbolismo o círculo representa o todo indiviso, o original ou, expresso literalmente, o paraíso. A cruz ou o quadrado, no entanto, correspondem — tal como o correspondente número quatro — ao hemisfério terreno, o mundo feito de espaço e tempo. Contemplada assim, a mandala nos mostra dois paraísos com seus círculos interior e exterior, entre os quais fica a cruz do espaço e do tempo. Esses três âmbitos podem ser exemplificados nos mais diferentes âmbitos de correspondência. Na linguagem dos contos de fadas, o círculo interior é o paraíso original, que freqüentemente corresponde ao mundo da infância e, via de regra, é perdido logo no início da história, quando por exemplo, a bola dourada — o símbolo original da totalidade — cai no poço. A cruz representa o mundo que percorremos em busca do paraíso perdido, ao passo que o círculo exterior simboliza o objetivo, um paraíso que corresponde ao da infância, e que, contudo, é diferente. Os círculos exterior e interior são parecidos e têm o mesmo ponto central, sem no entanto, serem os mesmos. O círculo interior é o paraíso da inconsciência; o exterior, é o paraíso muito mais abrangente da onisciência. Entre eles está o conhecimento da consciência delimitada pelo espaço e pelo tempo. Em linguagem psicológica, o círculo interior simboliza o inconsciente, a cruz o consciente, e o círculo exterior o supraconsciente, ou, nos conceitos de Jung, o inconsciente, o eu e o si mesmo. O Budismo chama esses três âmbitos de unidade, separação (multiplicidade) e totalidade. Os estados com eles associados são: destituído de eu, consciente do eu e livre do eu, ou ignorante, iniciado e sábio. Por trás da lenda do Graal está o pecado original, a eliminação da árvore do conhecimento, que na crença popular, é uma macieira. Para encontrar a salvação, os cavaleiros se punham em missão, à busca do Graal, o qual, dizia-se, seria encontrado no castelo do Graal, que, segundo a tradição, deveria ser procurado na ilha de Avalon, a ilha das macieiras em flor. Em todos esses casos, vemos como a origem e o objetivo se parecem e, contudo, não são a mesma coisa, porque o círculo exterior ancorado no mesmo centro simboliza uma etapa superior de desenvolvimento. Visto dessa maneira, o caminho correto de vida não leva a um retrocesso, a um mergulho no inconsciente, porém a uma ruptura para o mais elevado, para a supraconsciência.

Uma outra imagem que torna compreensível esse estado de consciência diz: enquanto vivemos no círculo interior, acreditamos no filho de Deus. Enquanto atravessamos o mundo do espaço e do tempo, perdemos essa crença. Porém, quem alcançar o círculo exterior, quem conseguir penetrar no supraconsciente, esse acreditará outra vez no filho de Deus, podendo perceber-se que para ele essa imagem se tornou um símbolo de totalidade, que se revela em seu significado mais profundo e mais abrangente.

As três fases do caminho em diferentes âmbitos

Âmbito Correspondente	**Origem**	**Caminho**	**Objetivo**
Simbolismo	Círculo	Cruz	Círculo
Conto de fadas	Paraíso perdido	Mundo	Reencontro do paraíso
Psicologia	Subconsciente	Consciente	Supraconsciente
Psicologia junguiana	Inconsciente	Eu	Si mesmo
Desenvolvimento da personalidade	Ingênuo	Desenvolvido	Unido
Consciência	Pré-pessoal	Pessoal	Transpessoal
Estado do eu	Sem ego	Egocêntrico	Livre do eu
Conhecimento	Ignorante	Conhecedor	Sábio
Compreensão da realidade	Indiferenciada	Polar	Paradoxal
Budismo	Unidade	Multiplicidade	Totalidade
Lenda do Graal	Macieira/paraíso	Busca	Avalon, ilha das macieiras

Assim como, desde que comeu do fruto da árvore do conhecimento do bem e do mal, a humanidade sabe diferenciar o bem do mal, a conscientização também desperta em cada um de nós o conhecimento que nos permite saber o que é bom e o que é mau. E, com isso, como nos relata a Bíblia, perdemos o paraíso da unidade total, da falta de diferenciação em que não são possíveis avaliações e não existe a tensão dos opostos que estimula os seres humanos a agir. Diz-se que desde então vivemos em pecado. Essa palavra também é interpretada como "separação", o que corresponde ao abandono do círculo interior, à perda do centro. Como cada pessoa que se torna consciente de si mesma simbolicamente comeu da árvore do conhecimento, todos nós nos separamos do centro: uma inevitável herança humana, que a Igreja chama de pecado original. Nos Arcanos Maiores esse tema aparece pela primeira vez na carta O HIEROFANTE (O GRANDE SACERDOTE), que corresponde ao primeiro despertar da consciência, que sempre é um reconhecimento de nossa natureza "pecaminosa", na medida em que cada criança, surpresa e em parte assustada, percebe que ela não "está em ordem", que tem seus lados bons, mas também aqueles que são desprezados e recusados como sujos e maus. Essa primeira tensão de opostos entre bem e mal, entre permitido e proibido, mostra que o tempo no paraíso terminou. Com a 7ª carta, O CARRO, ele é definitivamente abandonado e começa a demorada busca pela unidade perdida.

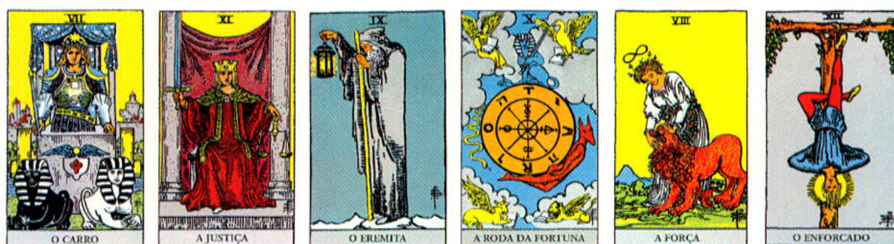
O conhecimento das três fases do caminho de vida é encontrado de igual modo nas mais diferentes culturas, nas mais diferentes ideologias e linhas de pensamento. Como o trecho do meio sempre representa o desenvolvimento do eu, devemos nos acautelar contra uma prematura e confusa danação do ego. Não se trata de evitar seu desenvolvimento, como muitos "pseudogurus" querem fazer acreditar, e sim, exatamente o contrário. Antes de tudo é importante desenvolver um ego forte, para que o caminho pelo mundo exterior (consciente) possa ser percorrido. De fato, nessa fase de separação — o pecado original herdado — vivemos perdidos no mundo, distanciados de Deus ou como seja chamado esse trecho do caminho. No entanto, não se trata de evitar o caminho, de voltar e tornar-se inconsciente outra vez, porém de dominá-lo com firmeza. Posteriormente, a tarefa será a de superar o ego e tornar-se novamente humilde e modesto. É natural que essa seqüência de passos de desenvolvimento seja significativamente mais difícil do que a recusa medrosa do desenvolvimento do ego de quem quer que seja, e da perseverança num plano infantil de consciência.

O significado dessa fase fica mais claro na imagem de um *iceberg*, do qual sabemos que se vê apenas uma sétima parte, enquanto o restante está debaixo d'água. Se imaginarmos que de início o *iceberg* está totalmente imerso, essa imagem corresponderia ao estado de total inconsciência do início da vida. À medida que a ponta do *iceberg* sobe lentamente, ela representa o maravilhoso despertar da consciência do eu. Essa é a época em que a criança se reconhece pela primeira vez no espelho, em que diz "eu" pela primeira vez a si mesma, em que pela primeira vez estabelece um limite e sente que é bem diferente, um ser distinto das demais pessoas. Esse momento em que a consciência desperta, em que uma parte do todo se torna consciente de si mesma, é algo grandioso. Resumindo, a cada despertar matinal revivemos esse momento. É fácil compreender por que a humanidade viu essa força reconhecedora como parte do logos divino. Essa parte que se tornou consciente de si mesma corresponde à ponta do *iceberg*, em nossa comparação. Se transmitíssemos à ponta apenas um tarefa, ela por certo consistiria em reconhecer as próprias possibilidades e o ambiente circundante e em cuidar da orientação. Mas seria absurdo e impróprio a ponta do *iceberg* presumir que o rumo da viagem dependeria apenas dela, pois para isso estão disponíveis inapelavelmente os seis sétimos inferiores e as correntes que envolvem o *iceberg*. E seria totalmente grotesco se a ponta simplesmente negasse a existência das seis outras partes e afirmasse que não há nada debaixo da água.

Essa última situação corresponde mais ou menos à situação do espírito ocidental no início do séc. XX. Naquela ocasião, Sigmund Freud se depara com desacordos de pontos de vista e com forte resistência em seus esforços de tornar o subconsciente "sociável". Ele foi ridicularizado porque as pessoas tinham certeza de que não poderia haver uma tal desordem. De lá para cá, essa posição se modificou consideravelmente. Hoje, círculos mais amplos partem do modelo muito



A infância do herói — O estado simbiótico.



A partida e o despertar — O amadurecimento e o desenvolvimento da personalidade.



O processo de iniciação — A abertura transpessoal.



O objetivo — libertação — totalidade — a consciência da unidade total.

mais abrangente de Jung, de que o subconsciente não mais se reduz a um depósito de coisas reprimidas e indecentes, mas reconhecem no subconsciente todas as forças que orientam e conduzem o ser humano. Voltando à imagem do *iceberg*, fica claro que se trata, de início, de formar uma forte consciência do eu (ponta do *iceberg*), mas que então é preciso aprender a não se dar tanta importância, mas a se considerar uma parte menor do todo, na verdade uma parte consciente. O todo, os sete sétimos do *iceberg*, correspondem na psicologia de Jung ao si mesmo, cuja parte consciente é o eu (ego). A força condutora, que determina a direção é o si mesmo, ao passo que o eu é competente para a orientação, o conhecimento e a compreensão. Visto dessa maneira, Freud e Jung se completam de modo primoroso. Enquanto Freud, com sua famosa frase, "onde ele existiu, eu devo existir" acentua o caminho do círculo interior (o inconsciente) para o quadrado (o ego), o processo de individuação descrito por Jung está sob o lema "onde eu existi, deve existir o si mesmo" a fim de equiparar o caminho do quadrado ao do círculo exterior.

Nesse inter-relacionamento fica visível também uma tradição judeu-cristã, em que Lúcifer, ou seja, o portador da luz, antes era o anjo predileto de Deus, segundo fontes gnósticas também seu primeiro filho. A luz, que ele trouxe para os homens, é a luz do conhecimento. Mas para o Deus da Criação deve ter sido uma grande alegria ver como suas criaturas se abriram à luz e se tornaram conscientes de si mesmas. No entanto, depois, diz a tradição, Lúcifer quis ser maior do que tudo o mais e do que todos os outros, e isso o levou à sua queda do céu. Desde então, ele se congelou no mar de gelo do mundo subterrâneo e vela ali como imperador sombrio sobre as almas que caem em suas mãos (veja p. 136). De fato, nossa consciência é uma força divina de conhecimento, porém quando ultrapassa seus limites e se torna exagerada ou com mania de grandeza, a força original abençoada se transforma em princípio gelado, diabólico e possuído pelo poder.

Os três passos de desenvolvimento da jornada de vida descritos antes se mostram oportunamente no tarô no conjunto de seis cartas que assim se apresentam:

As cartas 1 a 6 nos mostram o herói, sua infância, a fase inconsciente, simbiótica; as cartas 7 a 12 sua partida, a época em que ele cresce e desenvolve o seu eu, a sua individualidade; as cartas 13 a 18 o caminho de iniciação propriamente dito, a abertura transpessoal, que leva à totalidade, à supraconsciência, à unidade abrangente, ao objetivo da viagem, que se mostra nas cartas de 19 a 21.

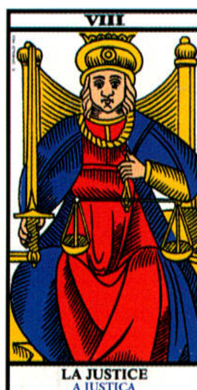
Se contemplarmos a viagem do herói como um símbolo para o caminho de vida dos seres humanos, é possível distinguir um "trecho relacionado com o dever" e um "trecho relacionado com a cura". A carta 13, A MORTE, estabelece os limites. Até essa estação todos nós chegamos. Mas se vivemos a morte como o fim ou como tema central, como uma etapa essencial de transição na metade da nossa vida, por trás da qual a verdadeira iniciação, a fase transpessoal e o desenvolvimento do eu nos aguardam, isso depende de nós e do que fazemos com nossa vi-

da. Essa estrutura das cartas também diz que temos primeiro de percorrer o trecho relacionado com o dever, antes de estarmos suficientemente maduros para nos dedicarmos à prática da cura. Mesmo se parecer atraente lidar logo com as coisas superiores e simplesmente deixar passar despercebido o que é "apenas" material, a mensagem do tarô é inequívoca e clara: antes de nos dedicarmos ao âmbito transcendental, temos de aprender a dominar a realidade em nossa vida cotidiana. Antes de superarmos o eu, a fim de chegarmos ao si mesmo, primeiro temos de ter desenvolvido um eu suficientemente forte para encontrar sua sombra nesse caminho, sem ser engolido por ela.

Palavras-chave para a carta O CARRO	
ARQUÉTIPO:	A partida
TAREFA:	Dominar contradições, ousar fazer o novo
OBJETIVO:	Experimentar o mundo, penetrar no desconhecido, realizar coisas grandes, dar o grande pulo para a frente
RISCO:	Arrogância, cólera, descontrole
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Otimismo, sede de atividade, vivacidade, conscientização, despertar



A Justiça
No Tarô de Rider.



A Justiça
No Tarô de Marselha.

A Justiça

O amadurecimento

A carta A JUSTIÇA é tradicionalmente a oitava carta dos Arcanos Maiores, no entanto, Waite a colocou como a décima primeira carta em seu tarô. Como essa carta representa as primeiras experiências feitas pelo ser humano ao sair da casa dos pais para o mundo, ela deve ser colocada em seu oitavo lugar original na viagem do herói.

A partir daí, ele se torna emancipado e é responsável por si mesmo, uma afirmação essencial da carta A JUSTIÇA. Se em casa valiam os costumes da família, agora ele tem de aprender as leis do mundo. Se até aqui cuidavam dele, agora terá vida boa ou má conforme ele cuidar de si mesmo. Ele aprenderá no seu caminho que colherá o que semear, que receberá o que merecer. Todos esses temas estão presentes nessa carta.

Ela nos mostra a Justiça na figura da deusa Dique, que com sua coroa de muros é apresentada como a protetora da cidade e da ordem da civilização. Em sua mão direita, ela segura a espada, que está levantada para julgar e executar. O lado direito do trono, bem como o seu pé direito são claramente visíveis, e, naturalmente, o direito e a justiça se relacionam com o lado direito, considerado o lado racional, consciente. Tudo isso corrobora a idéia de uma decisão premeditada, de um julgamento racional que é criticamente testado com base num amplo espectro de dados objetivos. Como mostra a balança na mão esquerda, a intuição e o *sentimento* de justiça não são deixados de lado. Contudo, a ênfase recai sobre o lado direito, o lado racional. Assim sendo, a carta A JUSTIÇA apresenta o julgamento sagaz, consciente e forma com isso o pólo oposto da carta OS AMANTES, que representa uma decisão espontânea do coração. Entre essas duas cartas está

O CARRO, que mostra a entrada na fase consciente, o passo que torna possível um julgamento premeditado, responsável. Se colocarmos as cartas lado a lado, essa transição também se mostra no fato de a esfinge negra — como símbolo do inconsciente — estar ao lado dos amantes, ao passo que a esfinge branca (consciente) estabelece a ligação com a justiça.



A decisão espontânea do coração.



A conscientização.

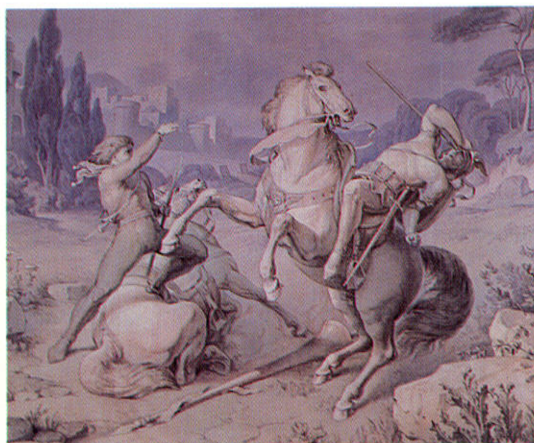


O julgamento consciente, deliberado.

É claro que nesse confronto não há valorização que privilegie uma das cartas. Há situações que são mais bem decididas a partir do coração e outras que devem ser bem analisadas com a ajuda da razão crítica. Neste caso trata-se muito mais do fato de que o amadurecimento da consciência amplia a capacidade de decisão, à medida que desperta a força mental cujo potencial de julgamento muitas vezes é simbolizado por uma espada. Os mitos descrevem isso como o momento em que o jovem herói recebe a sua poderosa espada. Sigfried, que forja novamente a espada quebrada do pai; Arthur, que foi o único que conseguiu retirar a espada Excalibur do rochedo; ou Percival, que recebe sua espada durante a primeira visita (ainda inconsciente) ao castelo do Graal.

Ao partir, o herói só possuía um bastão, sendo a lança ou a clava um símbolo de coragem e força de vontade. Trata-se de armas naturais como aquelas com que os dois famosos jovens realizaram sua primeira façanha destemida: Davi matou Golias com sua funda, e Percival venceu Íter, o Cavaleiro Vermelho, arremessando uma flecha contra ele. Mas agora é preciso domar a arrogância, controlar a vontade e forjar a impetuosa, colérica sede de atividade desenvolvendo uma compreensão fria, sem a qual as tarefas vindouras não poderão ser concretizadas. Para que uma pessoa arrebatada se transforme num cavaleiro, ela tem de aprender a avaliar cuidadosa e bem ponderadamente as conseqüências de suas ações.

Como a espada, essa força mental só é encontrada em estado bruto e precisa ser forjada, modelada e aprimorada durante um longo tempo antes que o herói



Percival vence Íter com uma flecha.

saiba lidar com ela, cultivando essa arte até chegar à mestria e conseguir ser investido como cavaleiro. Logo se verá se ele vai se tornar um protetor dos pobres e injustiçados, como Robin Hood, um guerreiro espiritual como os cavaleiros do Graal ou um terrível e impiedoso cavaleiro salteador.

Tal como toda espada, também a argúcia tem dois gumes. Sem dúvida a razão, a força do conhecimento e a esperteza são muito valiosas, enriquecedoras e irrenunciáveis no longo caminho, no entanto, a razão pode estimular a perfídia, a baixeza e a falsidade ou tornar o homem um traidor mentiroso, inescrupuloso, frio ou interesseiro. Com a mesma facilidade, pode-se abusar do discernimento personificado por essa carta para gerar preconceitos e, além disso, para condenar os outros. Elias Canetti descreve esse defeito como um discernimento doentio, que está tão disseminado entre os homens, que sua opinião vale praticamente para todos os afetados por ele: "Trata-se do poder do *cavaleiro*, que é concedido dessa maneira. Pois só aparentemente ele está *entre* os dois acampamentos, na fronteira que separa o bem do mal. Em todo caso, ele se considera pertencente ao lado bom; a legitimação do seu cargo depende em grande parte de que ele pertença inabalavelmente ao reino do bem, como se tivesse nascido nele. Por assim dizer, ele está sempre julgando. Seu julgamento é obrigatório. Ele tem de julgar determinadas coisas; seu grande conhecimento sobre o bem e o mal provém de uma longa experiência. Mas também aqueles," adverte Canetti, "que não são juízes, aqueles aos quais ninguém pediu para julgar, e aos quais ninguém em sã consciência pediria que o fizesse, proferem julgamentos incessantes em todos os âmbitos. Não se exige nenhum conhecimento de causa: aqueles que se abstêm de julgamentos porque se envergonham deles podem ser contados nos dedos."[1]

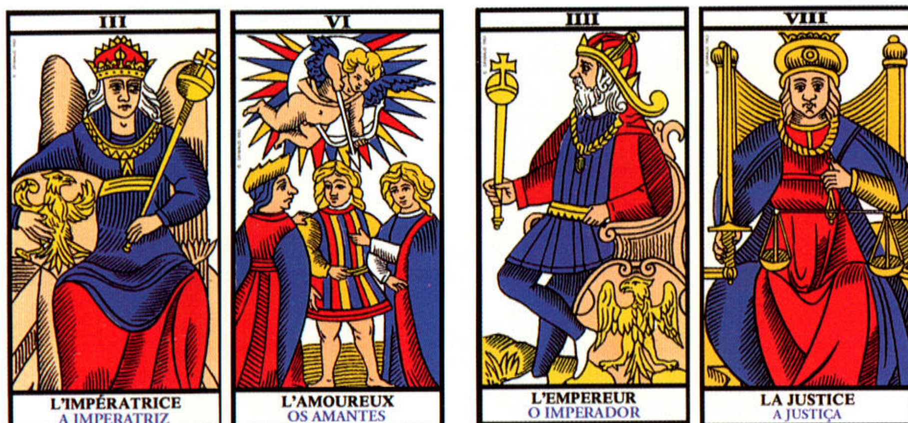
1. Elias Canetti, *Masse und Macht* [A Massa e o Poder], p. 332.

Outro significado da carta A JUSTIÇA resulta do conhecido fato de que só se pode atribuir responsabilidade ou apresentar em juízo, ou seja, culpabilizar a pessoa emancipada. Uma criança está livre de culpa. Ninguém pode levá-la a juízo. A pessoa em crescimento, principalmente o adulto, é responsável por toda a extensão das suas ações; e é isso o que diz essa carta. Ela apresenta um lado especialmente valioso do ego amadurecido: a disposição de assumir a responsabilidade por si e pelos outros. O homem que tenta evitar esse passo de desenvolvimento e foge constantemente às dificuldades que ele acarreta, não se emancipa e — independentemente da sua idade — continua uma criança, melhor dizendo, infantil. É fácil reconhecê-lo pelo fato de nunca ser competente em nada, de não admitir uma perda e, principalmente, por achar que nunca tem culpa de nada. Em vez disso, ele desenvolve uma política perfeita, embora absurda, de atribuição de culpa, que acaba sempre surpreendendo os espectadores, pois nas situações mais incríveis consegue se eximir de toda responsabilidade atribuindo-a aos outros. Como se trata de uma consciência não amadurecida, infantil, não é de estranhar ver essa pessoa ocasionalmente vivendo o pólo oposto: lamentações e queixas por não valer nada e por ser culpado de tudo.

Um ego maduro, ao contrário, entende que tem de assumir a responsabilidade quando esta lhe é devida, porém de se colocar clara e inequivocadamente quando lhe querem atribuir algo sem razão. Ele aceita reconhecer os próprios erros sem deixar de se garantir. Enquanto um ego imaturo ou fraco sempre olha os outros com inveja, buscando inescrupulosamente tirar vantagem unilateral sem resistir à exigência infantil do "Eu também quero!", um ego maduro consegue ser generoso, mostrando-se liberal e desejando sinceramente e do fundo da alma o bem dos outros. Comportar-se com justiça em situações difíceis, ser conseqüente, estabelecer limites claros bem como capacidade de dar respostas afirmativas obrigatórias, porém sabendo decidida e claramente dizer um "não", são outros frutos valiosos apresentados pelo amadurecimento do ego; e é exatamente essa a tarefa neste trecho do caminho da viagem do herói. Mas isso exige um discernimento claro. Onde, senão aqui, ocorreria esse estágio de desenvolvimento? A primeira metade da viagem, o caminho ativo, o caminho da conscientização praticamente já ficou para trás. É por isso que se deve dar preferência à antiga seqüência dos números das cartas (A JUSTIÇA = VIII) em vez de à nova numeração de Waite (A JUSTIÇA = XI).

Em baralhos mais antigos, como por exemplo no Tarô de Marselha, existe um outro inter-relacionamento entre O Imperador, que reage com seu lado direito (racional), gerando ordem e estabelecendo limites, e A Justiça, que fala do direito e vela pelos limites da ordem. O IMPERADOR tem o número quatro, cuja duplicação resulta em oito, o número da carta A JUSTIÇA. No tarô a mesma correspondência é encontrada entre a carta 3, A IMPERATRIZ, que rege com a esquerda e que, com a duplicação do três, leva à carta OS AMANTES, que por sua vez define a decisão do coração que, como todos sabem, bate do lado esquerdo. Por trás desse fato esconde-se uma analogia interessante:

Na época e nas estruturas matriarcais, valiam tal como em nossa infância — cunhada pela mãe — a tradição e o julgamento do coração, cujo lado de sombra revela a violência grupal contra os homens e a violência nos costumes, na vingança de morte e nos julgamentos carregados de emoções (Lynch). Na época e nas estruturas patriarcais, dominam, tal como na adolescência, o direito básico e o julgamento sensato, refletido, cujo lado de sombra está no uso destituído de razão das regras, na justiça em causa própria, na dureza impiedosa e no autoritarismo brutal.

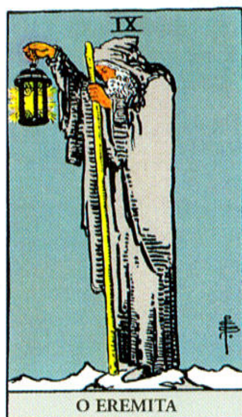


A Imperatriz (III) e sua "duplicação" Os Amantes (VI) representam a esquerda arquetípica que domina nas estruturas matriarcais.

O Imperador (IV) e sua "duplicação" A Justiça (VIII) representam a direita arquetípica que domina nas estruturas patriarcais.

Arquetipicamente esquerdos são designados o espírito de solidariedade e o patrimônio do grupo das estruturas matriarcais. Arquetipicamente direitas são, ao contrário, as estruturas de cunho patriarcal, que estimulam o desenvolvimento do ego, estabelecem limites duradouros e formam o conceito de patrimônio pessoal.

Palavras-chave para a carta A JUSTIÇA	
ARQUÉTIPO:	Esperteza
TAREFA:	Compreender as leis deste mundo, fazer um julgamento sensato, inteligente e equilibrado, coragem civil
OBJETIVO:	Responsabilidade pessoal, objetividade, honestidade e equilíbrio, conhecimentos inteligentes
RISCO:	Justiça em causa própria, autoritarismo, preconceito, juízos presunçosos, astúcia
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Colher o que plantou, agir e ser tratado com justiça, tomar decisões sábias



O Eremita

O nome verdadeiro

A viagem do Sol pelo céu diurno termina com o final dos números de um só algarismo. Com o tema do Eremita, que está em pé no alto de uma montanha coberta de neve, a carta representa que aqui se trata da colheita da viagem diurna, o conhecimento maior que podemos alcançar no caminho da conscientização. Os mitos e contos de fadas mencionam esta estação como uma fase de recolhimento, de reflexão ou contam o encontro com um velho sábio, que vive sempre isolado em algum lugar. Ele entrega ao herói os instrumentos mágicos; com ele, o herói aprende as fórmulas mágicas que o protegem durante a viagem ou de que ele — como o "abre-te Sésamo" — precisará no final para realizar a grande obra. Mas antes de tudo, aqui ele aprende seu nome verdadeiro.

Esse conhecimento do nome verdadeiro significa que o herói — e com isso, cada um que percorre o caminho da conscientização — reconhece neste ponto quem ele verdadeiramente é. Sente-se livre de tudo o que os pais, os educadores, os parentes ou amigos lhe disseram até então. Esse conhecimento da verdadeira identidade é o fruto colhido no caminho da conscientização que só pode ser encontrado no silêncio e na solidão. Só assim podemos sentir quem realmente somos. Naturalmente, o velho sábio — bem como as outras figuras ou estações arquetípicas — são um fenômeno exterior. Mesmo quando temos a impressão de que esse conhecimento nos foi transmitido por outras pessoas, trata-se ainda de uma força arquetípica que atua em nós e que, na melhor das hipóteses, se serve de uma outra pessoa a fim de manifestar-se. Portanto, seria inútil procurar um velho sábio para fazer a experiência que o Eremita nos oferece, por mais interessante que esse encontro possa ser. É muito mais importante ouvir e seguir o chamado inte-

rior que, neste caso, é sempre um chamado em meio ao silêncio e ao isolamento. Só então o velho sábio nos entrega seu conhecimento. Só assim podemos descobrir quem realmente somos.

Um problema crescente da nossa época está na eliminação generalizada do silêncio que ultimamente é tão disseminado, que se torna cada vez mais difícil encontrar um lugar tranqüilo onde possamos ouvir a voz do Eremita. É por isso que um número cada vez maior de pessoas deixa de descobrir seu nome verdadeiro e desconhece quem realmente são. Em vez disso, muitos tentam obstinadamente imitar e representar o que não são, o que consideram elegante, na moda ou "*in*". Embora cada ser humano nasça como um original, cada vez mais pessoas morrem como uma cópia. Nosso talento inato para imitar outras pessoas é encarado por Jung[1] como a mais útil das faculdades para o coletivo no qual vivemos, mas a mais nociva para a individuação.

Na história de Percival, é sua prima Sigune que o ajuda a atingir a conscientização. Até então ele sempre respondia, quando lhe perguntavam quem era: o belo filho, o filho amado ou o belo senhor, como a mãe sempre o chamara. Mas ele se torna consciente do seu nome verdadeiro e de muitas outras coisas, de que estivera totalmente inconsciente no caminho percorrido até então. Ao mesmo tempo, reconhece também a sua culpa. A culpa de ter estado totalmente inconsciente no castelo do Graal e de ali, por ingênua ignorância, ter deixado de fazer a pergunta salvadora. Por isso sua prima também chama Percival de O Infeliz.

Desde os primórdios do tempo, a conscientização anda de mãos dadas com a consciência da culpa. Não podemos viver sem nos tornarmos culpados. O lugar que assumimos não pode ser ocupado simultaneamente por nenhuma outra pessoa. Não podemos nos alimentar sem matar (mesmo que se trate unicamente de plantas) ou sem roubar de outras criaturas o que lhes pertence, como talvez leite e mel. "Do ponto de vista do inconsciente", escreve Emma Jung, "trata-se de uma culpa verdadeiramente trágica, na medida em que só através dela o ser humano pode se transformar no que deve ser."[2] Mas se a culpa de comer da árvore do conhecimento coube aos pais primitivos, a nossa culpa desde aquele tempo consiste na falta de conhecimento, principalmente na falta de autoconhecimento. Pois, depois que a humanidade, assim como o herói, perdeu para sempre o paraíso da inconsciência inocente, trata-se — na metade do caminho — de superar o estado sombrio da semiconsciência e de chegar à clareza total como pressuposto da ruptura para a supraconsciência, que está reservada ao último terço do caminho.

---

1. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich un dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], Obra fundamental vol. 3, p. 39.

2. Emma Jung e Marie-Louise von Franz, *Die Graalslegende in psychologischer Sicht* [*A lenda do Graal*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990], p. 211.

Uma outra encarnação desse arquétipo é Trevicent, tio de Percival, que vive como eremita numa cela. Em sua longa busca, na busca pelo Graal, enquanto Percival não encontra o seu verdadeiro caminho, ele sempre retorna a esse lugar. Esse eremita não só conta a Percival coisas decisivas sobre ele mesmo, como lhe entrega a "fórmula mágica". O homem santo lhe sussurra ao ouvido uma oração que só deve ser pronunciada nos momentos de maior perigo.



Percival junto do Eremita Trevicent.

Quando o herói descobre seu nome verdadeiro — assim como nós também — ele não deve esquecê-lo e nunca deve renegá-lo. Em outras palavras: assim que descobrimos quem realmente somos, a exigência associada a esse conhecimento é de continuarmos fiéis e nunca mais nos trairmos; caso contrário, teremos — como Percival — de voltar a esse lugar a fim de nos reencontrarmos outra vez. A carta do tarô mostra essa blindagem por meio do capuz com o qual o eremita se protege das influências exteriores. Sua lanterna é interpretada por Waite como símbolo da mensagem: "Você também pode chegar onde eu estou."[3] Com isso, ele torna claro que esse encontro e essa experiência não são uma vivência exótica, reservada a uns poucos escolhidos, porém um passo de conscientização que está aberto a todo ser humano que se retira para o silêncio.

A fórmula mágica ou os instrumentos de magia, que o velho dá ao herói para levar em sua viagem, são um presente que não aparece somente nos contos de fada. Trata-se de algo que o ser humano recebe inesperadamente. Por exemplo, pode ser uma melodia, uma imagem ou uma frase, uma pedra, uma pena ou sim-

3. Arthur Edward Waite, *Der Bilderschlüssel zum Tarot* [Imagens-chave do Tarô], p. 67.



Hermes Trismegisto, o lendário mestre de sabedoria e autor das leis herméticas.

plesmente uma pãlavra, uma sílaba, um símbolo. Pode-se reconhecê-lo pelo fato de "ocorrer" ocasionalmente ao ser humano, comovendo-o profundamente no primeiro momento, e pode-se reconhecer esse "presente" pela força mágica que ele irradia. Para um espírito esclarecido essas coisas podem parecer extraordinárias. Mas elas podem ser sentidas. Quem receber um presente como esse, deve guardá-lo cuidadosamente, até precisar usá-lo numa situação difícil, talvez num momento de medo. Se a pessoa se lembrar dessa frase, imagem ou melodia, se tocar naquela pedra ou pena, ela sentirá que logo uma grande força vem em seu auxílio. Mas não devemos nos esquecer do que os mitos e contos de fada nos revelam sobre o modo de lidar com a fórmula mágica: não pode ser comprada em lugar nenhum, tampouco pode ser simplesmente imaginada; ela precisa nos ser entregue ou cair do céu, e somente podemos usá-la em momentos de grande necessidade; não é possível falar sobre ela e, naturalmente, ela nunca deve ser esquecida.

Como devemos entender isso? O inconsciente possui uma "força mágica" que pode nos ajudar de fato nas situações difíceis. Muitas pessoas que reconheceram e viveram essa experiência, escravizam seu inconsciente com banalidades e o tornam, pelo "pensamento positivo" desenfreado, um escravo condescendente, que deve também satisfazer os mais bobos e egoístas desejos de nosso ego sedento de poder. É provável que mais de 90 por cento de todas as orações tenham o



O deus germânico da sabedoria, Odin, acompanhado pelos seus corvos Hugin e Munin.

mesmo objetivo. Muitas vezes seria por certo mais sábio agradecer ao amado Deus de todo o coração, quando ele por sorte nos impede de realizar nossos desejos mais tolos e nos protege dos nossos planos "mais loucos". No entanto, o inconsciente tem uma "força mágica" e pode nos ajudar de forma maravilhosa com ela.

Mas é claro que não é a frase, a imagem ou a própria pedra que contém a força mágica, assim como tampouco um amuleto preparado ou um talismã comprado. Trata-se da magia que o inconsciente empresta a esses objetos. Quanto mais falarmos sobre isso e, por orgulho ou para mantermos um ar de mistério, dermos indicações aos outros ou contarmos sobre nossa fórmula mágica, ou quanto mais conscientemente analisarmos o fenômeno, tanto mais o "lavaremos" de sua magia. Restam então fórmulas inanimadas, palavras vazias, rituais mortos, frases ocas, uma pedra sem vida. A magia desapareceu. Por isso o herói deve guardar a fórmula mágica em seu íntimo, como um tesouro. Devemos, portanto, sempre ter consciência de que se trata de um presente, que podemos aceitar agradecidos, mas não se trata de um merecimento do qual o nosso eu deva se vangloriar.

Como arquétipo proeminente o velho sábio tomou a forma de muitas figuras famosas em nossa cultura ocidental. Em primeiro lugar, como Hermes Trismegisto (Hermes, o três vezes grande), essa figura lendária que segundo fontes diferentes viveu e ensinou nos primórdios da grande cultura egípcia e que, posteriormente, foi elevado a Thot, seu deus da sabedoria, ou como um contemporâneo de Moisés, como mostra o famoso mosaico no chão do domo de Siena. Os alquimistas, os maçons, quase todas as ligas secretas e muitas sociedades esotéricas o nomeiam como seu pai fundador ou de algum modo se reportam a ele.

Ainda mais conhecido por nós é Merlim que, como velho sábio, é uma figura-chave no círculo lendário do rei Artur. Nos países nórdicos ele é o deus germânico da sabedoria, Odin, que ficou pendurado no freixo do mundo, Yggdrasil, durante nove dias e ali teve sua iniciação. Como expressão da sua conquistada capacidade de "viajar para países distantes", isto é, fazer viagens astrais, desde então é acompanhado pelos seus dois corvos, Hugin e Munin.

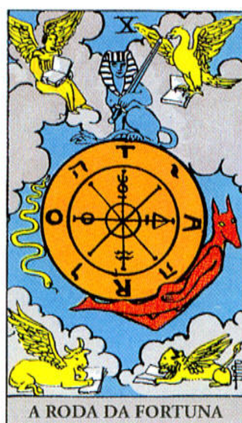
Um representante histórico do velho sábio é Tales de Mileto, um filósofo que viveu no século VI a.C.; os gregos também o chamavam de primeiro dos sete sábios do velho mundo. Dele provêm duas respostas que são típicas para o eremita. À pergunta: Qual é a coisa mais difícil de todas?, ele respondeu, pensativo: "Conhecer a si mesmo." Ao passo que à pergunta: O que é a coisa mais fácil na vida?, ele respondeu, provavelmente sorrindo: "Dar bons conselhos aos outros."

Na nossa tradição judeu-cristã Moisés certamente é o representante mais conhecido desse arquétipo. Ele lembrou logo a todo um povo sua verdadeira identidade (o nome verdadeiro), dirigiu esse povo para a terra prometida, andando durante quarenta anos pelo deserto. Ele lhes deu os mandamentos divinos. Sua subida ao monte Sinai e a entrega que lhe foi feita dos mandamentos divinos encontram paralelo na transição da carta do tarô O EREMITA para a carta A RODA DA FORTUNA.

Palavras-chave para a carta O EREMITA	
ARQUÉTIPO:	O velho sábio
TAREFA:	Recolhimento, introversão, seriedade comedida, reflexão, concentração interior
OBJETIVO:	Autoconhecimento, proteção contra influências alheias, reconhecimento dos padrões pessoais de valor, ser fiel a si mesmo
RISCO:	Esquisitice, excentricidade, distanciamento do mundo, amargura
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Clareza, certeza, paz interior, encontrar-se e viver fiel a si mesmo



Moisés, o arquétipo do velho sábio, recebe os mandamentos divinos no monte Sinai. Uma alusão à posição de destaque do Eremita e da lei divina da carta que segue.



A Roda da Fortuna

A vocação

Depois que o herói se tornou consciente da sua verdadeira identidade, enquanto seguia o arco diurno do Sol, ele agora busca o oráculo — na transição do dia para a noite — para descobrir a resposta da importante pergunta: "Qual é a minha tarefa?" Somente agora, depois de se tornar consciente de si mesmo, ele está maduro para fazer essa pergunta e entender a resposta.

Poucas cartas de tarô foram interpretadas com tanto destaque ou de modo mais errôneo do que A RODA DA FORTUNA. Waite já se queixava de que desde os dias de Éliphas Lévi[1] as explicações ocultas dessa carta eram de uma ingenuidade ímpar. De fato, o significado da 10ª carta do tarô se torna difícil de decifrar quando nos orientamos pelo seu nome. É indiferente se a chamamos de RODA DO DESTINO, ou de RODA DA SORTE, como em outras línguas, ou simplesmente de SORTE. Em todos os casos, o nome não explica a essência da carta. Apresenta-se uma roda. Trata-se da roda do tempo. Através da sua contínua rotação, ela traz sempre coisas novas, enquanto as outras desaparecem. O mesmo simbolizam também as duas figuras da mitologia egípcia, o Anúbis com cabeça de chacal, que personifica as forças que sobem e renovam a vida, e Seth na figura da cobra, um símbolo da força destrutiva. Nos quatro cantos da carta há quatro querubins, figuras simbólicas dos quatro evangelistas, que representam ao mesmo tempo os quatro elementos, juntamente com a totalidade da criação e são sempre uma expressão da totalidade. Unidas, surgem na esfinge, que rege a roda. Ela, um animal quadrúpede, tem tradicionalmente o rosto de homem, asas da águia, rabo

1. Um famoso ocultista do século XIX.



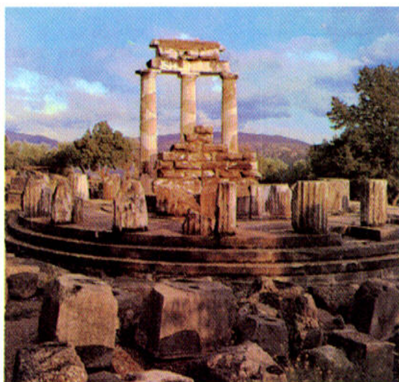
Como símbolo da totalidade, a Esfinge une em si os quatro elementos.

e garras de leão e o corpo de um touro. O fato de faltarem asas na carta do Tarô de Rider é um enigma, sobretudo porque elas são nitidamente visíveis nos baralhos mais antigos.

No interior da roda estão os símbolos alquímicos para o sal (⊖)o enxofre (🜍), o mercúrio (☿) e a água (♒), ao passo que no círculo exterior está a palavra "Tora" e entre ela as letras hebraicas do nome de deus JHVH (הוהי). Contemplados juntos resulta desse simbolismo a seguinte afirmação: tornar-se, ser e morrer são as forças que mantêm a roda do tempo em movimento. Elas podem ser vistas no aspecto em elevação, criativo (= Anúbis), o princípio de resistência, de preservação (= esfinge) e o lado descendente, destruidor (= Seth), que juntos correspondem a uma lei divina (= Tora e JHVH), que estimula os homens a se transformarem de inferior para superior (= simbolismo alquímico).

Com isso A Roda da Fortuna representa todas as tarefas que temos de resolver em nossa vida. Sempre que essa carta surge, ela afirma que o tema em questão entra em nossa vida nesse momento apenas para ser dominado. De todos esses aspectos isolados, aos poucos surge uma figura como um mosaico, que de início nos faz intuir qual é a nossa tarefa de vida, mas com o tempo deixa que a percebamos cada vez com maior nitidez, o que todavia não deve significar que ela possa ser denominada como um conceito ou reduzida a uma fórmula. Graficamente podemos descrevê-la, como os oráculos sempre fizeram quando respondiam melancolicamente à pergunta do herói com relação à sua tarefa de vida: "Procure o bem difícil de alcançar!"

Se quisermos entender psicologicamente essa resposta, há uma explicação esclarecedora de Jung. Devemos a ele uma informação sobre o caráter que, à primeira vista, mostra muitas semelhanças com as tipologias mais antigas. Também Jung distingue quatro estruturas essenciais na consciência dos homens, que ele chama de funções da consciência: pensar, sentir, perceber e intuir. A diferença com relação a outros modelos quaternários clássicos, como o dos quatro elementos Fogo,



O oráculo de Delfos.

Terra, Ar e Água ou o dos quatro tipos de temperamento, sangüíneo, colérico, melancólico e fleumático, não está tanto numa nova descrição ou designação, mas muito mais na dinâmica própria da tipologia de Jung.

Enquanto outras descrições, de vez em quando, possuem um caráter rígido e determinam que uma pessoa tem um determinado tipo ou um tipo misto de consciência, Jung parte do fato de que a consciência de cada pessoa se compõe de todos os quatro aspectos que, certamente, não são igualmente desenvolvidos. Ao contrário. Como Jung reconheceu a partir das diferentes tradições, dos mitos e dos contos de fadas e naturalmente, de seu trabalho como médico e terapeuta, em geral o ser humano desenvolve na primeira metade da vida apenas três dessas quatro funções da consciência. Isso corresponde ao motivo da alma vendida ou da pérola (um símbolo da totalidade) que, nos contos de fadas, é perdida no início da história.

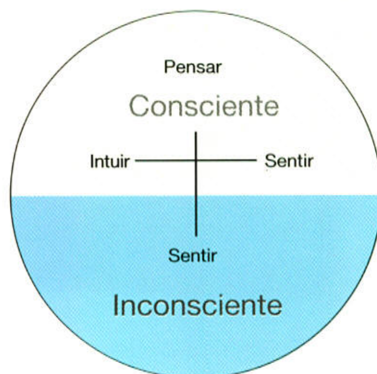
Também os pais duplos do herói, que refletem sua origem e, ao mesmo tempo, suas estruturas, representam a totalidade que é atribuída ao herói como um quaternário. No entanto, sabe-se que uma das pessoas é considerada a "madrasta" e que, conseqüentemente, é tratada como tal. Voltar-se para esse lado negligenciado, conquistá-lo e "acentuá-lo" é, segundo Jung, o tema da segunda metade da vida. Ele corresponde — em termos psicológicos — ao bem de difícil alcance.

Como se deve entender isso? Sabemos que desenvolvemos nossas forças à custa de nosso lado mais fraco. Quanto mais se destaca uma das três funções desenvolvidas da consciência, tanto mais profundamente a quarta função é empurrada para o inconsciente, faltando portanto à nossa consciência e tornando-se a fonte dos nossos erros, que nos deixam insatisfeitos e muitas vezes nos tornam bastante infelizes.

Carl Gustav Jung chamou o aspecto mais fortemente desenvolvido da consciência de função principal de um ser humano. As duas funções seguintes, igualmente conscientes — que em contraste com o modelo simplificado acima mencionado em geral são fortemente desenvolvidas —, chamam-se a primeira e a

segunda função de ajuda, ao passo que a parte inconsciente, o bem de difícil alcance, é a função inferior.

Se uma pessoa, por exemplo, desenvolveu uma forte função de raciocínio, então em geral a função negligenciada por ela é a do sentimento. Apresentado de maneira simplificada, o modelo é o seguinte:



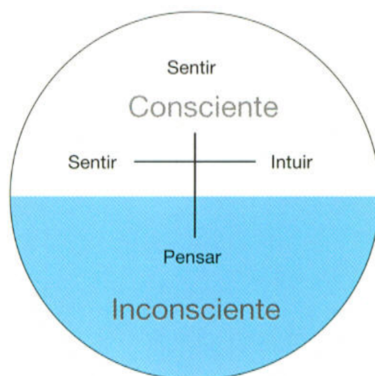
O TIPO QUE PENSA

No entanto, esse desequilíbrio inicial não significa que se trata de um erro de desenvolvimento, e que seria melhor que um homem, quando possível, desde o início desenvolvesse em igual medida todos os quatro aspectos de sua consciência. Segundo tudo o que podemos reconhecer, parece ser natural, correto e direito desenvolver primeiro três dessas funções e, então, na segunda metade da vida, lidar com o aspecto que falta; da mesma forma, a viagem do herói só leva ao bem de difícil alcance na segunda metade do caminho. Do ponto de vista psicológico, a distribuição de tarefas para os quatro tipos diferentes, parece ser a seguinte:

Uma pessoa que corresponde ao modelo acima mencionado é chamada de "intelectual". Se lhe pedíssemos para responder, bem espontaneamente, o que sente, ela responderia de imediato: "Eu penso, eu sinto..." Para ela, o pensamento é mais rápido do que todo o sentimento, tanto que sempre tem uma resposta na ponta da língua. Assim, essa pessoa imagina o que seria apropriado sentir em determinada situação. Contudo, seria um erro concluir que ela não possa também sentir a resposta. Só que para isso ela necessita de mais tempo. Seu sentimento não é desenvolvido, é obstinado, rude, global e não tão claro nem ágil como sempre é seu pensamento. Por isso, ela acha muito incômodo lidar com esse âmbito. Como o sentimento não é desenvolvido ou é pouco desenvolvido, ela tem algo de ingênuo e primitivo e nada de que possa se orgulhar. Por outro lado, seu raciocínio é brilhante. É por isso que essa pessoa prefere mostrar-se desse lado mais civilizado, além de ter em geral uma opinião pouco lisonjeira desse seu âmbito não desenvolvido ou considerado inferior, o sentimento; ela acha que, no fundo, se ne-

cessário, a humanidade poderia renunciar a ele. Uma pessoa como essa, no máximo na segunda metade da vida, enfrentará situações que a obriguem a dar fluxo às emoções e a desenvolver os sentimentos.

Num mundo em que existem "intelectuais", também não faltam os "sentimentais". Estas são as pessoas que desenvolveram sentimentos de forma tão elevada, que, com a máxima rapidez, formam um julgamento, uma opinião, a partir das entranhas. O modelo de consciência do tipo que sente é o seguinte:



O TIPO QUE SENTE

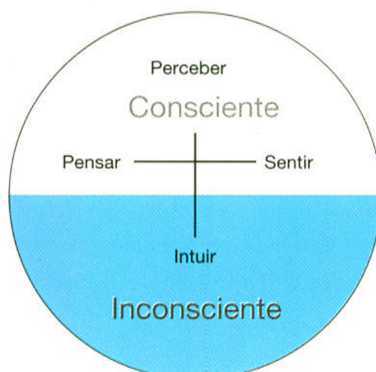
Essas pessoas na maioria das vezes negligenciaram o pensamento e, portanto, é difícil elas fundamentarem o julgamento a que chegaram pelo sentimento ou explicar alguma outra coisa com a lógica. Elas também consideram supérfluo fundamentar uma convicção claramente sentida. Naturalmente elas discutiriam se disséssemos que não conseguem pensar. Principalmente porque nossa sociedade respeita tão unilateralmente o pensamento, tanto que essa afirmação pareceria um julgamento destruidor. Mas o que o tipo que sente percebe como sentimento, são simplesmente muitos pensamentos ou puros pensamentos ideais, muitas vezes uma certeza instintiva, porém não aquilo que corresponde a um pensamento lógico, analítico e conseqüente.

Assim, para o intelectual, o bem de difícil alcance é o sentimento, ao passo que o sentimental tem de aprender o pensamento sóbrio, dirigido para conhecimentos objetivos.

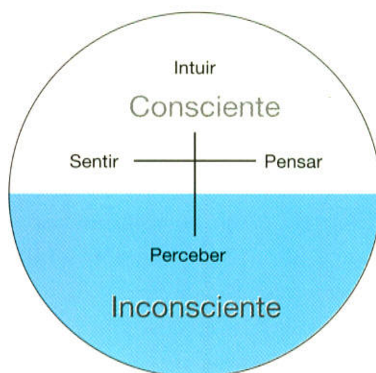
O tipo sentimental percebe o mundo com os sentidos: a cor, o paladar, o olfato, a forma exterior. Ele pode confiar nesse prazer dos sentidos, ou se fixar exclusivamente na forma exterior, que lhe dá o sentimento de quais possibilidades existem num objeto ou projeto. Falta-lhe o acesso intuitivo. Em caso extremo ele só vê o que existe, não vê o que é possível. Desenvolver esse faro, sentir a multiplicidade de possibilidades que esse mundo oferece, desenvolver uma intuição para desenvolver as tendências e avaliar as chances que existem num experimento ou

empreendimento, em poucas palavras, abrir sua visão interior, é um bem de difícil alcance.

O seu pólo oposto percebe o mundo exatamente do modo contrário. O tipo intuitivo fica tão fascinado com as possibilidades que existem numa idéia, numa causa ou num projeto, que negligencia totalmente a forma e os fatos reais. De tanto fantasiar ele não consegue realizar nada. Enxergar a realidade simples, satisfazer-se com ela, ter uma única visão das coisas, desenvolver a paciência de deixá-la tornar-se concreta e transformá-la em ação é o seu bem de difícil alcance.[2]



O TIPO QUE PERCEBE



O TIPO INTUITIVO

Na carta do tarô os querubins, as quatro figuras simbólicas nos cantos, representam os quatro elementos Fogo, Terra, Ar e Água, que por sua vez correspondem às quatro funções que acabamos de descrever. Todos os quatro seguram livros

2. Para maiores informações, ver Hajo Banzhaf, *Der Mensch in seinen Elementen. Eine ganzheitliche Charakterkunde* [O Homem em seus Elementos. Uma descrição integral do caráter].

em suas mãos como símbolo das tarefas e lições que irão distribuir. Sempre que uma pessoa faz a pergunta: "Qual é a minha tarefa nesta vida?", um dos quatro lhe responderá: "Aprenda-me, desenvolva minha natureza essencial, para que você se torne íntegro."

Assim, a carta A RODA DA FORTUNA representa todas as experiências que temos de fazer ao longo de nossa vida para nos tornarmos inteiros. E assim nós também entendemos o nome da carta; pois Schick*sal* (alemão, para destino) nos diz que nos será enviado *sal, salus,* que significa "são". Nós não somos sãos ou somos doentes, e todas as experiências que fizermos relacionadas com essa carta, toda lição que nos for ensinada nesse ponto, tem o objetivo de tornar-nos sãos, isto é, inteiros.

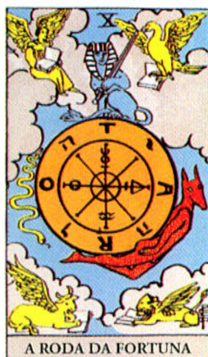
No final dos Arcanos Maiores, a 21ª carta é O MUNDO. Ela corresponde ao círculo exterior da mandala (veja p. 57) o reencontro do paraíso nos contos de fadas e lendas e representa a totalidade alcançada no âmbito espiritual como nosso objetivo de vida. Aqui os quatro querubins são vistos outra vez, mas em contraste com a 10ª carta, eles não seguram mais livros nas mãos. Isso significa que as lições de A Roda da Fortuna foram aprendidas durante o caminho entre ambas as cartas, a totalidade foi alcançada, o ser humano tornou-se são, a quarta força que faltava foi integrada à consciência.

Com A RODA DA FORTUNA nós chegamos às cartas de dois algarismos. Na viagem do Sol ela corresponde ao Sol poente no horizonte ocidental, um quadro da mudança da luz para o pólo escuro e até agora negligenciado. Esse momento também simboliza o conceito da *necessidade* no sentido de uma lei obrigatória, como também o momento da *mudança*, que o Sol tem de inevitavelmente realizar. Também necessárias são as experiências que fazemos em correlação com essa carta.

Simbolicamente, o que separa corresponde ao masculino e o que une, ao feminino. Igualmente, o trecho do caminho masculino nos separa da origem, ao passo que o trecho feminino do caminho à nossa frente nos reconduz a ela. O pensamento masculino é separador, diferenciador, sempre estabelece novos limites e, com isso, determina diferenças cada vez mais sutis, ao passo que o pensamento feminino, análogo, é integral, reconhece e acentua as coisas em comum e sempre extingue os limites estabelecidos anteriormente.[3] O pensamento masculino acusa o pensamento feminino de ser ambíguo, enquanto que o pensamento feminino ridiculariza todo esforço masculino pela clareza, sabendo muito bem que a realidade é complexa demais para se submeter a uma única fórmula inequívoca. Se o caminho percorrido pelas cartas de um só algarismo levou para fora da unidade da origem para a multiplicidade em que o ego desperto, em desenvolvimento e em constante esforço pela clareza, se tornou crescentemente unilateral, assim

3. Naturalmente, não se trata aqui do pensamento dos homens e das mulheres. Aqui, masculino e feminino devem ser entendidos como conceitos simbólicos, como yin e yang (ver p. 36).

o início do trecho de caminho, muitas vezes ambíguo, à nossa frente nos leva através das cartas de dois algarismos, dos conhecimentos paradoxais para finalmente a unidade total. Pois, assim diz Jung: "O paradoxo, em especial, é um bem mental superior; a clareza, no entanto, é um sinal de fraqueza." E pouco adiante, ele diz: "Só os paradoxos captam aproximadamente a plenitude da vida, a clareza e o que está isento de contradição, mas eles são parciais e por isso impróprios para expressar o que não pode ser compreendido."[4]



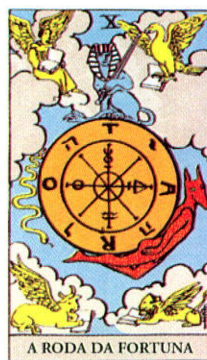
Os querubins seguram livros nas mãos: eles transmitem lições.



Os querubins não seguram mais livros nas mãos: as lições foram aprendidas.



O mago personifica a força e a destreza para realizar as tarefas.



A Roda da Fortuna simboliza a tarefa da vida.

4. C. G. Jung, *Traumsymbole des Individuationsprozesses* [Símbolos Oníricos no Processo de Individuação], Obras completas, vol. 5, p. 21.

Essa mudança de direção, que aqui se torna "necessária", não agrada nem um pouco o ego. Com a maior má vontade, ele desiste da sua pretensão de esclarecer tudo inequivocadamente. Talvez nisso esteja um motivo de tantas previsões oraculares serem precipitadamente interpretadas de forma errônea. As duas maneiras de reagir à exigida mudança de rumo se mostram no modo patriarcal e matriarcal de interpretar a carta seguinte. A recusa tão freqüente em realizar a mudança necessária, sempre leva à situação difícil do ENFORCADO, aparentemente sem saída.

As cartas de dois algarismos dos Arcanos Maiores sempre estão associadas significativamente às cartas que correspondem à soma transversal. Neste caso trata-se da 10ª carta (A RODA DA FORTUNA), que leva à 1ª carta (O MAGO). Enquanto A Roda da Fortuna simboliza a tarefa de vida, O Mago personifica a habilidade e a força para resolver as tarefas apresentadas. Por conseguinte, a tarefa de vida para cada ser humano é criada de modo que ele possa solucioná-la e dominá-la.

Palavras-chave para a carta A RODA DA FORTUNA	
ARQUÉTIPO:	A vocação, a previsão do oráculo
TAREFA:	Compreensão do necessário para fazer sua tarefa
OBJETIVO:	Mudança do inferior para o superior, domínio da tarefa de vida, tornar-se inteiro
RISCO:	Fatalismo, entender mal sua tarefa
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Vivências e experiências que nos permitem ficar sãos, mesmo que de início não as apreciemos



A Força
No tarô de Rider



A Força
No tarô de Marselha

A Força

Hibris ou o animal prestativo

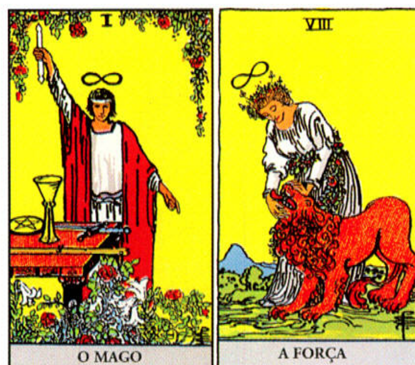
A FORÇA é uma das duas cartas cujo lugar no baralho foi alterado por Arthur Edward Waite — contrariando a seqüência tradicional (veja p. 18). Em seu undécimo lugar original ela abre a segunda dezena dos Arcanos Maiores, como o correspondente feminino do Mago, que começa a primeira dezena. A semelhança das duas cartas é visível e no tarô de Rider é acentuada pelo mesmo colorido. Em ambos os casos trata-se de força. O Mago encarna a força criativa, ao passo que a carta A FORÇA expressa a vitalidade, a paixão e o prazer de viver. Em ambas as cartas pode-se ver acima da cabeça da figura uma lemniscata (∞), símbolo do infinito, que no tarô de Marselha se esconde na forma do chapéu. Esse oito deitado simboliza a união constante e a troca recíproca de dois âmbitos ou mundos. No Mago, ela representa a união do que está no alto com o que está embaixo, do macrocosmo com o microcosmo, ao passo que na carta A FORÇA representa a união harmoniosa do ser humano civilizado (mulher) com sua natureza animal (leão). Por todos esses motivos a força feminina está no início do trecho feminino do caminho, que no decurso das cartas com dois algarismos levará aos segredos das profundezas, aqui na 11ª posição, muito mais convincentemente do que na 8ª posição.



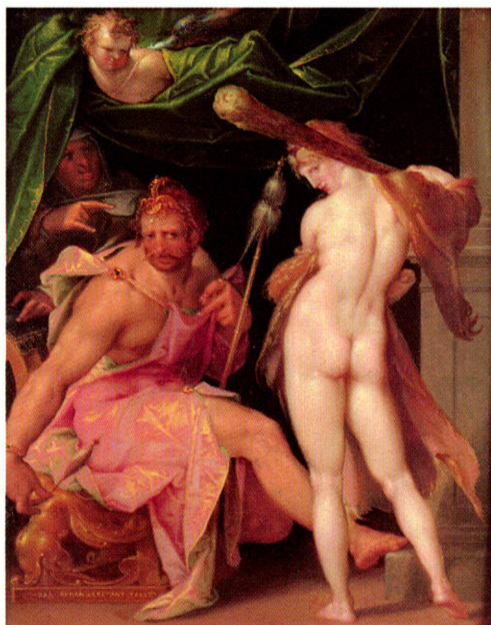


Tarô de Marselha.

O que esta carta significa na viagem do herói depende do tipo de leitura que escolhermos: patriarcal ou matriarcal. O leão é o símbolo da nossa natureza instintiva e dos desejos, dos nossos impulsos apaixonados, selvagens, agressivos e do instinto nu e cru de conservação. Os mitos patriarcais nos falam de heróis que matam leões; interessante é que as mais conhecidas dessas histórias não acabam bem. Sansão foi vítima de uma traição e perdeu toda a sua força; também o famoso Hércules teve problemas consideráveis, principalmente com o seu lado feminino. Num primeiro ataque de loucura ele matou a sua mulher e os filhos, e depois de um novo ataque, ele foi obrigado, para ser absolvido, a assumir o papel de uma mulher. Assim, ele serviu durante três anos vestido de mulher na corte da rainha da Lídia, Ônfale, tendo de fiar e executar outras tarefas femininas, enquanto a rainha usava a pele de leão e a clava do herói. Essa "terapia" o ajudou a integrar seu lado reprimido a ponto de se libertar da sua loucura, porém a sua feminilidade interior ferida jamais foi totalmente curada. Por fim, a ferida resultante lhe custou a vida.



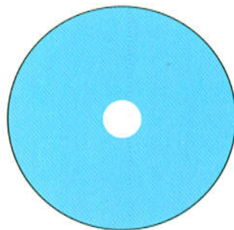
Tarô de Rider.


Usando roupas de mulher, Hércules enrola o fio da lã.
A clava e a pele de leão lhe foram tiradas pela rainha da Lídia.

Nesta variante da história patriarcal do matador do leão a carta da Hibris corresponde à arrogância pessoal do ser humano, sua malcriada recusa em se submeter à lei divina e de cumprir a tarefa que lhe foi destinada. Mas aqui se trata do modo feminino de dominar o dragão, que consiste em aceitá-lo.[1] Felizmente, o tarô manteve essa mensagem para nós, mostrando uma mulher que domina amorosamente um leão. Esse tema não só é transmitido em fragmentos mitológicos, como parece ter sido muito apreciado na época matriarcal. A deusa sumeriana Innana, correspondente a Vênus, foi representada em pé sobre um leão domado por ela; sobre a sua "sucessora" babilônica, Ishtar, diz-se muitas vezes que é uma leoa. A deusa grega Ártemis também é considerada pelas mulheres como leoa. Somente com a crescente danação da nossa natureza instintiva e impulsiva, o leão tornou-se no âmbito cristão o símbolo do anticristo, que é dominado pela Virgem Santa. Nisso se reflete a tentativa da consciência de dominar, escravizar ou até mesmo matar em nós o animal expulso como pecador. "Uma simples repressão da sombra, contudo", como Jung observou com um pouco de ironia, "é um remédio tão eficaz como decepar uma cabeça que dói."[2]

Na lida com os nossos lados sombrios, com nossa selvageria interior e no encontro com o animal interior são tão inconvenientes a amargura, a abstenção e repressão quanto a contração ou violência. Há um bom motivo para que esse encontro aconteça somente agora, no meio do caminho. Antes era preciso criar a força do eu e fortalecê-la suficientemente, para que pudesse suportar esse encontro, visto que uma fraca consciência do eu seria engolida pelas demais forças do inconsciente com muita facilidade. Jung repetiu muitas vezes como é confuso falar do inconsciente, porque esse conceito desperta a ilusão de que existe uma supraconsciência opulenta, que não tem nenhuma dificuldade para controlar tudo o que está no subconsciente. Em vez disso, Jung preferiu falar da relação do inconsciente com o consciente, que ele apresentou assim:

A consciência que a humanidade desenvolveu ao longo de alguns séculos e que cada ser humano tem de desenvolver de novo durante a sua vida, é totalmente en-



O consciente cercado pelo inconsciente.

1. Ver Erich Neumann, *Amor und Psyche*, p. 132. [*Amor e Psiquê*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]

2. C. G. Jung, *Psychologie und Religion* [Psicologia e Religião]. Obras completas, vol. 4, p. 79.

volvida pelo inconsciente. Se for tão fraca que os limites se tornem transparentes, o inconsciente pode desinibidamente inundar a consciência. Os povos da natureza chamam isso de perda da alma. Neste caso, falamos bastante intuitivamente de alienação mental. Para superar esse perigo, o ego precisa tornar-se forte e amadurecer nos primeiros trechos do caminho. Ele tem de estar solidamente enraizado na realidade exterior, e ser capaz de dialogar com as forças do inconsciente a fim de poder ficar firme no encontro que se realizará. Caso contrário, será facilmente engolido, inundado ou sufocado pelos sentimentos, fantasias e imagens do inconsciente. Por isso, nos mitos e contos de fadas o verdadeiro herói é sempre aquele que enfrenta o perigo com consciência, sem deixar-se enredar pela noite ou pelo monstruoso.

Uma das grandes figuras míticas, que não lutou contra a brutalidade interior mas a encarnou como uma força divina, foi Dioniso. Ele até soube como montar o animal selvagem.

Dioniso foi o deus da embriaguez, do vinho e das festas orgíacas e tempestuosas. O mito conta que ele — um filho da cidade de Tebas — foi enviado logo cedo para o estrangeiro. Como um belo rapaz ele voltou da Ásia Menor à pátria com um bando feroz de músicos e bacantes, com o intuito de trazer seu culto para Tebas. Mas como a matilha dançante não era bem vista ali, ela ficou tocando tambor, cantando e assobiando diante dos portões da cidade, levantando acampamento nos barrancos de Kitairon. E então aconteceu algo extraordinário: fascinadas pelo deus irresistível, todas as noites, cada vez mais mulheres abandonavam secretamente suas casas e se esgueiravam para fora da cidade, a fim de festejar com Dioniso na floresta.

Penteu, o respeitável rei de Tebas, achava esse culto desenfreado um horror; e quando o jovem Dioniso lhe apareceu certo dia, imediatamente mandou jogá-lo na prisão, da qual o deus fugiu de maneira maravilhosa. Novamente, ele apareceu diante do rei, contou-lhe sedutoramente sobre orgias e descreveu com vivos detalhes os desregramentos fabulosos. Ao fazer isso, conseguiu despertar de tal modo a curiosidade e lascívia do rei, que este facilmente ficou seduzido e foi convencido a usar roupas de mulher a fim de sair incógnito da cidade e ir ao acampamento das bacantes. Ao chegar lá, ele se escondeu numa árvore, de onde podia observar os impulsos ferozes. O que viu era tão sufocante que as lágrimas lhe vieram aos olhos e ele sentiu-se totalmente indisposto. Mas isso o tornou tão descuidado que as mulheres que dançavam em transe o viram. Em sua embriaguez elas o tomaram por um leão das montanhas, se jogaram sobre ele, arrancaram-no da árvore, estraçalharam seu corpo vivo, espetaram sua cabeça num bastão e com esse troféu partiram dançando em direção à cidade. Só então recuperaram a lucidez. A mulher que carregava o bastão era Agaue, mãe do rei, que tomada de horror teve de reconhecer que havia esquartejado o próprio filho.

Essas histórias mostram como pode ser perigoso amordaçar, reprimir ou até mesmo matar o animal em nós (a ferocidade interior). Na medida em que repri-

mimos algo ou acreditamos ter absoluto controle sobre ele, cresce o perigo de nos tornarmos vítimas desse lado endemoninhado. Se Penteu tivesse dado suficiente espaço para sua natureza animal, ele a teria conhecido e controlado. No entanto, ele foi vencido, no verdadeiro sentido da palavra, pela sua luxúria reprimida, e portanto bastante inconsciente, que acreditava ter sob controle.

Mas se nos aproximarmos cuidadosa e amavelmente do animal interior, com freqüência ele se torna uma força aliada, útil. Em muitos contos de fadas, a princípio o animal é bravo e perigoso e tem de ser antes de mais nada domado. Mas o herói que tem êxito nisso, e que então se propõe a conduzir o animal, encontra o tesouro ou o que é preciso encontrar. Marie-Louise von Franz examinou uma série de contos de fadas para verificar se fazem uma afirmação comum, sempre igual, por assim dizer uma recomendação incontestável de como o ser humano deve se comportar em determinada situação. Tudo em vão. Obviamente não existe uma verdade absoluta para o inconsciente coletivo (o solo primitivo de onde surgiram os mitos). Os conselhos dependem totalmente da situação e são diferentes mesmo em acontecimentos comparáveis. Parece que uma única regra não tem exceção: quem fere o animal prestativo, acaba em desgraça.[3]

Para se manter no longo caminho, a consciência precisa encontrar a posição correta diante do inconsciente. Ela tem de aprender a se deixar conduzir confiantemente e, sobretudo, não perseguir quaisquer objetivos egoístas ou gananciosos



Dioniso cavalgando sua pantera.

3. Ver Marie-Louise von Franz, *Der Schatten und das Böse im Märchen* [A Sombra e o Mal nos Contos de Fada], pp. 135ss.

do eu. Se o eu recusar esse "exercício de humildade" e, em vez disso, tentar roubar a força mágica do inconsciente por meio de truques, a fim de se apoderar desse poder, então ele perde o verdadeiro,[4] o ser humano é vítima da sua fantasia de poder e fracassa em sua jornada para o inferno; ele mesmo se transforma em animal. No tema típico dos três irmãos ou das três irmãs dos contos de fadas, via de regra os dois irmãos mais velhos fracassam, enquanto o tolo é "puro de coração" e, por isso, consegue realizar o trabalho.

A Bíblia nos conta que o rei Nabucodonosor, ao receber um aviso num sonho, se enalteceu vaidosamente no telhado do seu palácio: "Não é esta a grandiosa Babilônia que edifiquei para capital do meu reino, com a força do meu poder, para minha honra e glória?" (Daniel 4:27). Essas palavras ainda estavam nos seus lábios quando se transformou num animal e "deram-lhe grama para comer, como aos bois" (Daniel 5:21).



O rei Nabucodonosor transformado em animal.

O que torna o caminho para a profundeza tão perigoso? Por que o homem teme a descida para a escuridão? Nossa consciência sente-se atraída por tudo o que desperta a aparência de ordem, porque acredita poder enxergar, calcular e, mais cedo ou mais tarde, controlar esse fenômeno. É por isso que gostamos de falar so-

4. "Perda do verdadeiro" é uma outra interpretação da palavra pecado. É interessante que o 11, número desta carta, é também o número do pecado.

bre a ordem divina e, ao mesmo tempo, atribuímos tudo o que é ocasional e caótico ao demônio. Nós encontramos esse lado endemoninhado, isto é, imprevisível, do caminho nas cartas de dois algarismos. Ele está — como já vimos — sob a direção da Grande Sacerdotisa, que encarna tanto a arte do deixar-acontecer, quanto a disposição de estar de acordo.

A FORÇA, a primeira carta do caminho feminino, corresponde na numeração original à soma transversal da Grande Sacerdotisa. Esse inter-relacionamento nos permite reconhecer mais uma vez que no restante do caminho "não há mais nada a fazer". O trecho ativo do caminho do Mago se encerrou. Ele leva do colo da mãe para o mundo. Nesse trecho do caminho exigia-se atividade e era preciso dominar as tarefas com mestria. No entanto, aqui, na metade da viagem, os indícios mudaram. Quando então a Grande Sacerdotisa assume a direção, trata-se de abandonar aos poucos todos os símbolos de poder masculinos que foram penosamente conquistados nos trechos anteriores do caminho. O ego fortalecido, amadurecido, mas sedento de poder, tem de reconhecer seus limites, tem de se tornar outra vez humilde e modesto. Até então o herói precisava *fazer* experiências, mas agora o desafio é ficar sinceramente *aberto às experiências*. A partir de agora nada mais acontece quando e porque o eu quer, mas quando e porque o si mesmo quer. A partir daqui nada mais é obrigatório. Todas as experiências futuras fogem ao planejamento. Elas vêm o seu tempo e não podem ser determinadas em *workshops* ou em cursos de final de semana. O verdadeiro acontece involuntariamente no verdadeiro sentido e, enquanto o tempo não estiver maduro, nada acontece, independentemente de quanto tempo fiquemos na posição iogue sobre a cabeça, em fervorosa devoção ou em meditação imóvel, deixando-nos inundar com incenso ou com os doces sons da nova era. A segunda metade do caminho que aqui se inicia, só pode levar o herói à visão do superior, porém, somente quando tiver dominado as exigências da primeira metade do caminho.



A disposição de concordar.



O encontro com a natureza instintiva e dos desejos.

A partir daqui, nada resta a aprender nos livros, apenas na medida em que nós — por assim dizer, "vivos" — nos entregarmos de corpo e alma às experiências a que formos levados. Aqui cabe o desafio alquimista: "Rasguem os livros para que seus corações não sejam rasgados"[5] que Jung considera tão decisivo "para que o pensa-

5. *De Atalanta fugiens*, obra alquímica de 1618.

mento não cause a ruptura do sentimento, caso contrário, a alma não consegue voltar."[6]

No mais tardar a partir daqui, a razão deve compreender sua função como *head-office* no sentido positivo, como posição central e ponto de ligação, que administra e não é "administrada", que permite a expressão dos diferentes aspectos da personalidade em vez de comandar, tiranizar ou reprimir sem mais nem menos aqueles que são desagradáveis. A tarefa essencial dessa central está antes de tudo no reconhecimento daquilo que acontece e no conhecimento muito significativo de que fugir não é a solução. Tudo isso torna o caminho incerto e incômodo. Neste ponto estamos tão hesitantes como ao dar os primeiros passos no trecho já percorrido do caminho. Novamente o desconhecido está diante de nós. E não é só isso. Muito daquilo que aprendemos na jornada para o interior, que até então nos parecia natural e evidente e que pusemos na cabeça, nos causará irritação e medo. Jung compara o medo de uma criança diante do grande mundo com o medo que sentimos quando entramos em contato com nosso lado infantil, um mundo igualmente grande e desconhecido. Esse medo, diz ele, é justificado na medida em que "nossa visão racional do mundo, com suas certezas científicas e morais, tão apaixonadamente aceitas (porque duvidosas) é abalada pelos dados do outro lado".[7]

Os gregos chamavam seu inferno de reino das sombras. E é para aí que leva a viagem. O conceito de sombra foi introduzido na psicologia por Jung, para com ele designar a soma das nossas possibilidades não vividas e na maioria das vezes não amadas. A sombra contém tudo o que aparentemente não temos, mas constantemente notamos nos outros. Sempre que nos revoltamos momentaneamente ou nos sentimos incompreendidos, quando alguém nos atribui erros, ou quando reagimos a uma crítica à nossa pessoa com reprimida irritação, podemos ter certeza de ter entrado em contato com uma parte da nossa sombra. Não fosse assim, a crítica ou censura não nos atingiria, pois poderíamos constatar e constataríamos com tranqüilidade e determinação, que devia tratar-se de um mal-entendido. Mas assim que a nossa sombra, assim que nosso lado não amado é tocado, nosso ego imediatamente dá o alarme. Então, perplexo e obstinado, ele afasta de si todas as acusações, sobretudo se a acusação de fato puder atingir uma particularidade que está tão imersa na sombra da consciência que o ego realmente a desconhece. Só o fato de vivenciar algo como distante do eu, não prova que não me pertence, mas apenas que eu nada sei sobre ele. A medida da nossa indignação é, portanto, um interessante gradímetro para constatar se uma censura ou acusação esconde a indicação de um tema da sombra.

---

6. C. G.Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência]. Obras completas, vol. 3, p. 223.

7. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], Obras completas, vol. 3, p. 86.

Como a sombra contém tudo o que nos é possível, mas que não vivemos por razões morais ou pessoais, ela abrange todo o "ser interior" com todas as suas possibilidades. Por isso, o âmbito da sombra não deve se limitar a temas banidos. Ali estão também as possibilidades que nos parecem positivas e dignas de esforço, mas que são ao mesmo tempo tão inimagináveis que o nosso eu não consegue concebê-las. Elas nos parecem muito grandes, muito ousadas ou tão extraordinárias que não acreditamos poder realizá-las. Poderíamos denominá-las a parte luminosa da sombra.

Naturalmente é preciso coragem e força para lidarmos com a sombra, pois afinal nela encontramos uma parte forte e desconhecida de nós mesmos. Nisso está um aspecto importante do processo de amadurecimento, em que podemos aprender algo essencial sobre nós mesmos. Na verdade, todo ego possui a destreza especial de se colocar sem problemas sob uma luz totalmente favorável; ao menos no que diz respeito à comparação com o grupo. É surpreendente observar como até mesmo os mais desagradáveis patifes e os piores criminosos facilmente conseguem fazer isso. Quer se trate de um traficante sem consciência, de um tirano frio como gelo ou de um impiedoso verdugo — seu ego também não encontra problemas em desenvolver uma imagem surpreendentemente favorável de si mesmo, atribuindo a culpa de todo o mal às outras pessoas, a motivos de força maior ou a circunstâncias compulsórias.

No entanto, enquanto uma pessoa se esforça unicamente em ficar na luz certa, ela segue — livre de toda crítica pessoal — um impulso ingênuo do ego. Não podemos encontrar a nossa totalidade sem a reconhecermos como nossa e aceitarmos também a sombra. Para alguns de nós é relativamente fácil fazer isso, quando não se trata de figuras de sombra gigantescas. Pois o ego pode até sentir orgulho em confessar ter também um lado mau e poder ser, por exemplo, um temido fomentador de guerras, um terrível assassino em massa ou um horrível ditador. Nos livros de história essas pessoas sempre terão muito mais lugar do que as corajosas e boas. Mas, muito mais desagradável torna-se a integração da sombra para a maioria de nós, principalmente quando temos de confessar mesquinharias banais, escrúpulos dos quais nos envergonhamos até os ossos, e nos quais é de esperar que ninguém nos pegue em flagrante. Reconhecer que não é o vizinho mas nós mesmos que somos um covarde, um ladrão vulgar, um mentiroso maldoso, um mísero e pequeno filisteu, um traidor desavergonhado, um intrigante nojento ou simplesmente um verme mentiroso, sem caráter, acomodado; reconhecer que temos todos os desejos, cobiças, vícios e fraquezas que gostamos de imputar falsamente aos outros, para os farisaicamente julgarmos; reconhecer que de longe não somos tão nobres, prestativos e bons como pretendemos ser: tudo isso é muito, mas muito difícil mesmo. Mas sem a sombra não apareceria nenhum perfil definido. "A 'imagem viva' precisa da sombra para parecer plástica", diz Jung. "Sem a

sombra, ela é uma ilusão bidimensional ou uma criança mais ou menos bem educada."[8] Em outro ponto ele reflete que por certo não é ideal "que as pessoas continuem sempre infantis, cegas em relação a si mesmas, atribuindo tudo o que é indesejável ao outro, atormentando-o com censuras e projeções"[9].

No centro da lida com o mundo inconsciente da sombra está o encontro com o sexo oposto interior. Como Jung demonstrou, o inconsciente do homem é feminino (ele o chamou de anima) e o inconsciente da mulher é masculino (ele o chamou de animus). Tornar-se consciente dessa sexualidade interior oposta, encontrá-la e aceitá-la é parte essencial da jornada para o interior. Enquanto essa sexualidade oposta nos fascina "fora", no sexo oposto, naturalmente somos atingidos por ela. Porém, assim que tratamos de aceitá-la interiormente como nossa, inicia-se a crise.

Um homem que encontra pela primeira vez seu lado feminino, até então oculto, primeiro o sente como fraqueza, como moleza, covardia ou desamparo e, finalmente, decide continuar "naturalmente" durão.

Neste ponto do tempo ele ainda não intui que a sua feminilidade interior não significa apenas fraqueza, mas muito mais, que sua anima o levará por fim à visão do superior. E quanto mais fraco for o seu ego, tanto mais terá ele medo de fracassar, e tanto mais acreditará que tem de manter um exterior de dureza. Em vez de desenvolver firmeza interior ele só desenvolve dureza exterior, por trás da qual esconde instabilidade interior e sensibilidade de flor. Esse tipo de pessoa, que se ofende com demasiada facilidade, é capaz de extrema brutalidade, apenas para compensar sua tibieza interior. Em vez de aceitar seu lado feminino e amadurecer com ele, ele tende a combatê-lo em toda parte.

Um famoso representante desse tipo de caráter é o herói grego Aquiles. Durante seu tempo de vida era apegado à mãe, a ninfa Tétis. Ela quis torná-lo imortal, mergulhando-o no rio do inferno, Styx (nome que significa "ódio"), quando recém-nascido, mas o calcanhar por onde o segurou acabou ficando desprotegido. Exteriormente de dureza impiedosa, interiormente, porém, de extrema sensibilidade, muitas vezes zangado e impaciente Aquiles ficou conhecido como um dos guerreiros mais capazes, mas também como um dos mais cruéis, na Guerra de Tróia. Assim, em vez de se unir à sua anima, que lhe apareceu na figura da rainha das amazonas, Pentesiléia, ele a matou. Só depois que se apaixonou desesperadamente pelo cadáver dela, ele percebeu ter cometido um crime. Conseqüentemente, a sua história acaba mal: permitiu que a bela Polixena lhe extraísse o segredo do seu vulnerável calcanhar e, logo depois, foi vítima de uma traição. Seja o que

8. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], obras completas, vol. 3, p. 121.

9. C. G. Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência], obras completas, vol. 3, p. 173.



Aquiles mata Pentesiléia.

for que o eu sonhar sobre uma vitória sobre a anima ou animus, o perigo persiste, "pois toda imposição do eu," diz Jung, "é seguida por uma imposição do inconsciente".[10]

Algo semelhante acontece com uma mulher que não está consciente da sua masculinidade e, em vez disso, a combate no exterior. Por falta de confiança na própria masculinidade, ela sente todo masculino exterior como muito ameaçador, ou ela cai no total desamparo e no papel de vítima, e luta — com não menos eficiência —, na medida em que prepara para o ambiente masculino que a cerca uma sensação permanente de consciência culpada. Como a organização patriarcal nega à mulher toda forma de expressão aberta, agressiva, é contra este último tipo, o indireto, isto é, o "desajeitado", que luta o papel "clássico" da mulher numa sociedade patriarcal. Ao contrário disso, o tipo primeiramente mencionado na psicologia junguiana foi descrito como a mulher castradora, que "castra" o homem a seu lado no âmbito da masculinidade superior (cabeça) ou da masculinidade inferior (sexo), isto é, ou põe constantemente palavras em sua boca, tutela-o ou o diminui como um rapaz tolo ou se nega sexualmente a ele. Tudo isso não constitui um comportamento consciente, que deva ser avaliado como maldoso ou desejoso de provocar o mal, mas um comportamento imaturo, resultado da vivência inconsciente da problemática interior. O que estaria em julgamento seria a recusa em amadurecer e em lidar com o próprio inconsciente.

Essa problemática feminina tem uma certa correspondência com o mito de Hércules, que narra uma batalha mortal com a filha de Ares, Hipólita, uma outra rainha das amazonas. Como o nono dos seus trabalhos, Hércules tinha de trazer

10. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], obras completas, vol. 3, p. 112.



Hércules e Hipólita.

o cinto de Hipólita. Para isso, velejou para o país das amazonas e deu um *ultimatum:* a entrega do cinto, o sinal de domínio da linhagem. Na verdade, Hipólita estava disposta a entregar a Hércules, sem hesitação e voluntariamente, o símbolo do seu poder, mas Hera, a inimiga ciumenta de Hércules, não lhe permitiu uma vitória tão fácil. Sob o disfarce de amazona ela induziu todas as outras guerreiras a atacarem o herói. Zangado com essa traição, Hércules matou a rainha que, na sua opinião, havia faltado com a palavra.

Se lermos a mensagem dessa narrativa do ponto de vista feminino, ela nos fala de uma mulher muito masculina, decidida a se unir de modo muito positivo com o animus. A rainha é a portadora da consciência, enquanto seu povo simboliza os múltiplos aspectos da natureza do seu caráter. Mas essa mulher ainda não é a personalidade adequada, ela desconhece forças essenciais em si mesma. Conscientemente, ela talvez tivesse a boa vontade de renunciar aos símbolos externos de seu poder e de entregá-los ao seu pólo oposto. Mas subestimou a força e a independência das partes não integradas da sua natureza essencial que, amotinadas por uma força arquetípica, fazem fracassar as intenções da consciência. Isso também vale para Ulisses, cuja volta ao lar com seus companheiros de infortúnio sempre fracassava — até que, finalmente, pôde retornar sozinho à sua pátria (ver p. 170). Ele pôde seguir três impulsos. Para Hipólita, entretanto, o destino previu uma única tentativa.

É interessante notar que os mitos sempre nos repetem que a grande obra só pode ser realizada por aquele que se encontrar num relacionamento vital com o sexo oposto. Vemos quão importante é essa constante união em Ulisses, que estaria perdido sem Circe, mas também em Perseu e Atena, Teseu e Ariadne, Dante e Beatriz, Innana e Ninschubur e muitos outros. Obviamente, a disputa entre homem e mulher é um catalisador irrenunciável para o autoconhecimento e autode-

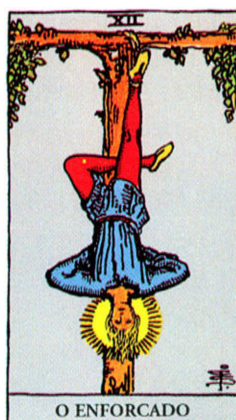
senvolvimento. Talvez isso signifique até mesmo que a menor tarefa dos nossos relacionamentos amorosos seja nos levar ao sétimo céu, e o essencial seja o enquadramento dos passos mais importantes do desenvolvimento de cada um.[11] O mesmo vale não só para a relação entre homem e mulher, mas também para a relação entre o adulto e a criança.

Em todo caso, podemos deduzir das imagens arquetípicas, que a recusa decepcionada de continuar lidando com o sexo oposto ("Estou farto dos homens/mulheres!") identifica-se com estagnação, com becos sem saída e com destruição, mas por certo não leva ao verdadeiro amadurecimento ou à solução da nossa tarefa de vida.

No final do caminho de conscientização masculino está o autoconhecimento (Eremita) como seu maior fruto: saber quem realmente somos e qual é o objetivo da primeira metade do caminho (pressuposto irrenunciável para a segunda metade). Nesse momento, não é preciso escalar maiores alturas. Em vez disso é preciso seguir com a Roda da Fortuna à mudança inevitável, que abre o caminho para o âmago, até o bem de difícil alcance. Se a consciência que se tornou orgulhosa e consciente de si se recusar a fazer essa mudança, isso se assemelharia a um Sol que se recusasse a se pôr e, em vez disso, seguisse sempre para o ocidente. Logo ele perderia todo contato com a Terra e se perderia no infinito. Do mesmo modo, achamos avoadas e sem qualquer relação com a realidade terrena as pessoas cujo pensamento tem algo de estranhamente distanciado. Esse pensamento às vezes parece nove vezes mais esperto, mais vazio, abstrato e sem vida. Parece que elas não concretizaram a mudança e permanecem incompletas. Falta-lhes profundidade dionisíaca que tornaria perceptível o que querem expressar; falta-lhes a sensualidade que só pode ser desenvolvida no caminho inferior; falta-lhes a paixão, que essa carta representa. Elas perderam o regresso ou acharam que para elas valeriam outras regras. Em vez disso, elas precisam, no verdadeiro sentido da palavra, fazer a "curva" para crescer em profundidade. Esse é o tema da próxima carta.

Palavras-chave para a carta A FORÇA	
ARQUÉTIPO:	Domesticar o animal
TAREFA:	Afirmação prazerosa da vida, coragem e *engagement*
OBJETIVO:	Alegria de viver, paixão sagrada, encontro com a própria natureza impulsiva e com a ferocidade interior
RISCO:	Hibris, endurecimento, brutalidade
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Sentir-se muito vivo, entregar-se ao prazer total e — quando necessário — também mostrar as garras

11. Ver Hajo Banzhaf e Brigitte Theler, *Du bist alles, was mir fehlt* [Você é Tudo o que me Falta], pp. 41ss.



O Enforcado

A grande crise

O ENFORCADO integra-se à vida da maioria das pessoas com muita persistência. Quase todos os que pegam O Enforcado nas mãos pela primeira vez giram a carta algumas vezes para um lado e para o outro, antes de descobrir a posição certa. Caracteristicamente, O Enforcado aparece pendurado pelo pé, com a cabeça para baixo, em todas as representações clássicas do tarô. Na Idade Média esse era o castigo dado aos traidores. E, de fato, aqui de certo modo se trata de uma traição: da traição à própria causa, da traição a nós mesmos. O Enforcado representa o beco sem saída em que ficamos atolados, ou a armadilha em que caímos quando estamos no caminho errado. Transposto para a viagem do herói, isso mostra que o herói provavelmente ultrapassou os limites do objetivo da viagem diurna. Ele se recusou a fazer a viagem à noite e por isso é forçado pelo destino a voltar.

Pelo simbolismo desta carta percebemos qual é realmente o problema. O Enforcado forma uma cruz com as pernas, enquanto que a posição dos braços forma um triângulo. No entanto, tanto a cruz como o quadrado e o número quatro, que correspondem a essas duas figuras, desde a Antigüidade correspondem ao âmbito terreno no simbolismo e na arte ocidental. O triângulo, bem como o número três, ao contrário, simbolizam o âmbito divino. Assim, a postura do enforcado é símbolo do mundo invertido no qual está pendurado; um mundo, em que o divino fica embaixo e o terreno em cima. Em outras palavras: o principal, o essencial, o significativo está soterrado embaixo do plano terreno, e por isso o ser humano fica preso nesse ponto. Se encontrarmos alguém nessa terrível situação, por certo lhe daremos o conselho de simplesmente virar-se. Assim, essa pessoa estaria corretamente posicionada no mundo. No resto do caminho, tratar-se-

á desse processo de regresso, como mostra o confronto desta carta com o último dos Arcanos Maiores.

Quando viramos o 12, número de O Enforcado, obtemos 21. Sabemos que a 21ª carta representa o final da viagem do herói para o reencontro do paraíso e, num outro âmbito, representa a totalidade alcançada. Se compararmos essas duas cartas, a figura da 21ª carta apresenta-se como o enforcado invertido. Nela, as pernas cruzadas ficam embaixo, ao passo que os braços abertos acima indicam o triângulo. Da posição estagnada do Enforcado surge o movimento vivo, dançante da 21ª carta. Encontrou-se o caminho do mundo invertido para o mundo correto.





O Enforcado e sua inversão O Mundo. Do 12 surge o 21, da estagnação surge o movimento, do mundo invertido surge o correto.

Como veremos, O Enforcado representa também a situação de impasse diante da Morte — a carta seguinte — e a luta cada vez mais necessária com essa sorte inevitável. Enquanto nos recusarmos a olhar para ela e tentarmos reprimir todo pensamento sobre ela, ficaremos na posição do enforcado e mais cedo ou mais tarde nos transformaremos na morte (ainda) vivos, enquanto o caminho da iniciação rumo a um ser livre e vivo, por meio da experiência das cartas seguintes, torna-se o caminho de um ser humano vivo que convive com a morte. Ninguém é livre, disse Martin Luther King, enquanto tiver medo da morte.

O Enforcado representa todas as crises que nos querem obrigar ao regresso, e, portanto, também a crise central da metade da vida, a *Midlifecrisis*. Esse americanismo logo desperta a impressão de que é uma descoberta do século XX. Totalmente errado. A crise da mudança de vida, como se diz mais apropriadamente, é conhecida há muito tempo. Com ela, Dante dá início à sua *Divina Comédia*: "Bem no meio do nosso caminho de vida entrei numa floresta escura, tanto que perdi o caminho certo",[1] diz a primeira frase dessa maravilhosa descrição de uma viagem pelo mar noturno.

Não dá para descrever melhor o conteúdo desta carta. Há pouco acreditávamos que tudo estava em ordem, que tínhamos tudo sob controle... e agora isso! Assim, ou de modo parecido, começa a maioria das elegias. Naturalmente, apenas julgávamos ter algo sob controle. Mas isso não era o presente real, muito menos

1. Dante, *Die Göttliche Komödie*, "Inferno", p. 1,1. [*A Divina Comédia*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1965.]

o futuro. Podemos ter o passado sob controle e, naturalmente, todas as idéias que temos sobre a realidade e o futuro nas quais acreditamos. Contudo, a vida sempre toma a liberdade de se desenvolver de modo totalmente diferente do que imaginamos ou que havíamos calculado com tanta beleza. Essa exclamação profundamente perplexa "... e agora isso!" mostra como somos surpreendidos pela mudança de vida (e por outras crises). A esse respeito afirmou Jung: "Mesmo as pessoas esclarecidas e preparadas em todos os outros sentidos, não só não sabem nada sobre o processo das mudanças psíquicas da meia-idade, como chegam à segunda metade da vida tão despreparadas quanto todas as demais pessoas. Segundo minha opinião, deveria haver escolas para quarentões. Elas não pareciam ser necessárias no passado, naquela época em que as religiões ainda eram suficientemente fortes para oferecer ajuda abrangente para todas as fases da vida."[2]

Mas tudo isso não significa que o sentido desta carta se reduza à crise da meia-idade. Ela representa naturalmente todas as crises que nos atingem, que se transformam em verdadeiras provas de paciência, e que visam obrigar-nos a uma



Dante perdido na floresta. Início de A Divina Comédia.

2. Citado por Gerhard Wehr, *Tiefenpsychologie und Christentum* [Psicologia Profunda e Cristianismo], p. 146.

tomada de posição ou a uma mudança de direção. Contudo, ela não quer dar a falsa impressão de que é possível evitar essas crises com esperteza, devoção ou um comportamento exemplar.

Jung diz, como se descrevesse esta carta: "Quem se encontrar no caminho para a totalidade, não pode escapar da suspensão característica representada pelo enforcado. Pois fatalmente encontrará o que o 'cruza': em primeiro lugar, o que não quer ser (sombra); em segundo, o que ele não é, porém o outro é (realidade individual do tu); e em terceiro lugar, o que é o seu não-eu psíquico, exatamente o inconsciente coletivo." E pouco adiante, ele acrescentou: "O encontro com o inconsciente coletivo é um acontecimento do destino, do qual o ser humano natural nada intui, enquanto não estiver envolvido nele."[3]

Com freqüência, essa crise é despertada por um medo primordial, que Karlfried Dürckheim descreve como a necessidade tríplice de todos os homens:[4] o medo da destruição (morte ou ruína), o medo da solidão inconsolável ou o medo de duvidar da questão sobre o sentido da vida. Este último medo é especialmente traiçoeiro, porque somente poucos o esperam. Mas é exatamente um profundo sentido da vida que nos permite vencer as mais duras crises sem cair; as pequenas crises, ao contrário, podem ser vividas como crises insuportáveis, por nos parecerem sem sentido e absurdas.

Mas é exatamente aqui, perto do final do segundo terço do caminho, em cujo percurso se tratava do desenvolvimento do eu, que nos aguarda a grande crise do sentido. Tudo ia indo tão bem. Havíamos desenvolvido um eu sadio e alcançado todos os objetivos dignos de nota: automóvel, moradia, sucesso, uma boa conta bancária, um belo homem, uma mulher maravilhosa, uma família feliz. Gozamos de boa fama, nos sentimos importantes e nos saímos realmente "bem". Era o que nós pensávamos! Talvez até tenhamos realizado o sonho de nossa vida na "ilha da fantasia"; acreditamos seriamente que podemos "sair". E, de repente, constatamos, assustados, que estamos no meio dela e que não existe saída. Subitamente, percebemos como o gosto de tudo é insosso. Tentamos nos anestesiar ou conseguir o mesmo desejo em doses cada vez maiores. Mas a certeza de que nada ajuda é cada vez mais forte. Agora, que temos praticamente tudo, nos vemos subitamente vazios e vemos, com desespero, que só nos espera a morte. Isso é terrível! E esse problema piora cada vez mais, porque acreditamos poder responder às novas perguntas com as velhas respostas, aparentemente eficazes. Mas Jung nos leva a refletir: "Não podemos viver a tarde da vida com o mesmo programa com que vivemos a manhã, pois o que é

---

3. C. G. Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência], Obras completas, vol. 3, p. 210.

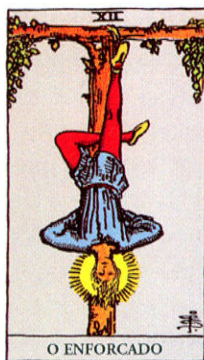
4. Ver Karlfried Graf Dürckheim, *Meditieren — wozu und wie* [Meditar — para que e como], p. 36.

muito pela manhã, à noite será pouco, e o que é verdade pela manhã, à noite será mentira."[5]

O pesquisador da consciência, Ken Wilber, também descreve o segundo plano dessa crise de forma muito insistente: "Nós nos identificamos com o nosso corpo, com o nosso espírito e com a nossa personalidade e julgamos que esses objetos são nosso "eu" real, e então passamos toda a nossa vida fazendo a tentativa de defender, proteger e prolongar o que é uma mera ilusão."[6] Mas ele também ressalta como essas crises são valiosas: "Ao contrário da opinião da maioria dos peritos, essa contundente insatisfação com a vida não é sinal de uma doença 'anímico-espiritual'; não é um indício de adaptação social insuficiente, e tampouco é um distúrbio de caráter. Pois, oculto nessa insatisfação básica com a vida e a existência, está o germe de uma inteligência em desenvolvimento, de uma inteligência extraordinária que em geral está enterrada sob o peso imensurável da hipocrisia social."[7] O sofrimento ajudará na sua irrupção, razão pela qual não devemos negá-lo, desprezá-lo ou permitir que a conscientização fracasse. Tampouco devemos glorificar o sofrimento, apegarmo-nos a ele ou dramatizá-lo, mas usá-lo como impulso para o conhecimento.



O Enforcado no Tarô de Marselha está pendurado pelo pé esquerdo.



O Enforcado no Tarô de Rider está pendurado pelo pé direito.

Como situações deste tipo nos pegam na maioria das vezes pelo pé esquerdo, isto é, pelo lado inconsciente, o Enforcado está pendurado pelo pé esquerdo nas antigas cartas de tarô. Waite foi o primeiro a mudar esse simbolismo, a fim de explicar que pode haver boas razões para adotar essa posição conscientemente (lado direito).

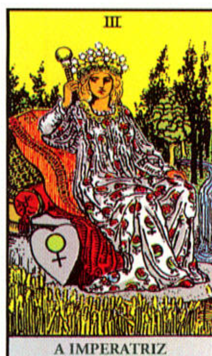
O Enforcado sempre significa que estamos no final de um caminho e que temos de regressar; que temos um modo de ver equivocado e que é preciso inverter o pensamento; que uma situação estagnou porque deixamos de ver algo importante ou o esquecemos. E sempre, além da disposição de repensar, é necessário ter paciência, muitas vezes muita paciência. Essa carta também foi muitas vezes interpretada como o sacrifício, porque a crise que ela representa, na maioria das vezes exige a desistência de uma expectativa compreensível, até então natural, e o seu sacrifício, para que a vida possa continuar. Diante desse segundo

5. C. G. Jung, *Die Lebenswende* [A Mutação da Vida], obras completas, vol. 9, p. 73.

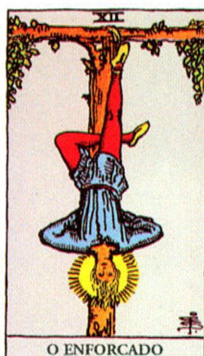
6. Ken Wilber, *Wege zum Selbst* [Caminhos para o Si Mesmo], p. 82.

7. Idem, p. 114.

plano, a apresentação modificada de Waite estimula a não esperar até que o destino nos obrigue a uma mudança de direção, mas a adotar essa postura conscientemente, para que desse ângulo de visão totalmente modificado, a posição sobre a cabeça, possamos descobrir verdades valiosas. Por isso a cabeça do Enforcado é envolta por uma auréola, como sinal de que lhe surgiu uma luz. Formação das raízes e crescimento profundo é portanto o objetivo desta carta, um significado que complementa a carta da Imperatriz, com a qual está ligada pela soma transversal e que, por sua vez, representa o crescimento em sua plenitude exterior.



Desenvolvimento e crescimento na plenitude exterior.



Formação de raízes e crescimento na profundidade.

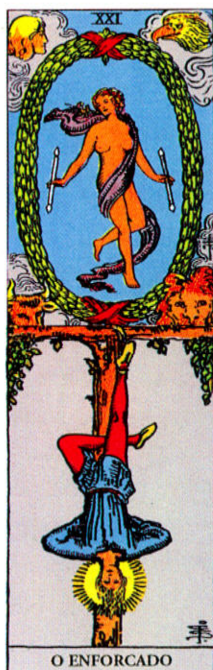
Num âmbito profundo esta carta representa um homem que se oferece voluntariamente ao sacrifício. A cruz em forma de T é uma indicação da letra grega Tau (T), cujo correspondente hebraico Thau (ת) se assemelha ao cadafalso na carta do Tarô de Marselha. Em épocas bíblicas, no entanto, a letra hebraica ainda tinha a mesma forma da letra grega[8] e valia como sinal dos escolhidos. Era a marca de Caim, que ao contrário da crença popular não era uma marca vergonhosa, mas o sinal daqueles que Deus colocou sob sua proteção especial (Gênesis 4:16). Até o tempo dos juízes, era tatuado na testa dos membros da linhagem dos israelitas como uma marca real: dessa série de membros era escolhido o rei sagrado, que se sacrificava pelo seu povo ao final do seu reinado.

Combinadas entre si, as cartas 12 e 21, O ENFORCADO e O MUNDO, resultam na Ankh, a antiga cruz egípcia composta de um círculo e um bastão. Na união desses símbolos os egípcios vêem o sinal da vida para os sexos masculino e feminino.

Chegar de O Enforcado (XII) até O Mundo (XXI) e unir esses dois pólos é a grande tarefa que nos é apresentada. Amarrados na cruz terrena (O ENFORCADO) sentimos um anseio profundo pelo paraíso (O MUNDO). Algo em nós capta o chamado do si mesmo, que quer levar o nosso eu até a totalidade — e, num âmbito superior, à Unidade total. Se o homem seguirá esse chamado ou se entrará por esse portal de iniciação, fica em aberto. E mesmo se o fizer, não existe garantia de que alcançará o objetivo. Mas ele é livre também para continuar "pendurado". O "capítulo do dever" da jornada termina com a carta seguinte, A MORTE. Com toda a certeza todos nós, sem exceção, chegaremos lá. Se o caminho termina aí, ou continua além até o superior, depende de cada pessoa. Pois o si mesmo, que deve

8. Ver Robert von Ranke-Graves, *Die Weisse Göttin* [A Deusa Branca], p. 210.

ser alcançado como objetivo da vida — como acentua Emma Jung — "não está pronto, mas existe como uma possibilidade disponível para nós e só pode formar-se ao longo de um determinado processo". Mas não existe garantia de que "ao longo do processo natural da vida biológica o si mesmo seja infalivelmente compreendido. Parece até mesmo haver muitas vidas em que não se chega a isso".[9]



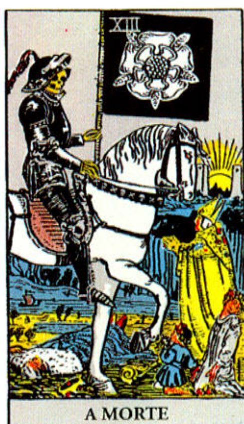


Ankh.

O Mundo e O Enforcado formam juntos a Ankh.

Palavras-chave para a carta O ENFORCADO	
ARQUÉTIPO:	A prova
TAREFA:	Regresso, visão e disposição de fazer um sacrifício
OBJETIVO:	Crescimento na profundeza
RISCO:	Deixar-se pendurar, virar-se infinitamente em círculos
DISPOSIÇÃO ANÍMICA:	Estagnar sem ver saída na rotina da vida ou num lugar errado. Crise existencial. Criar os próprios obstáculos, vida sem sentido, esgotamento, exercício da humildade, prova de paciência

9. Emma Jung e Marie-Louise von Franz. *Die Graalslegende in psychologischer Sicht*, p. 141. [*A Lenda do Graal*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]



A Morte

A descida ao inferno

Numa história zen, o mestre adverte seu discípulo, à beira da morte: "A morte é uma experiência interessante, porém o medo apenas estragará essa experiência."[1] O mesmo vale para A MORTE, uma das mais temidas cartas do tarô — e, ao mesmo tempo, uma das mais incompreendidas. Ela representa o fim natural; ela representa uma força que se esgotou e precisa regenerar-se. Em todo o caso, essa carta significa que uma fase chega ao fim e que é hora de dizer adeus. Não podemos recusá-la, quer temamos essa despedida ou talvez já a esperemos saudosamente há muito tempo.

As pessoas mostradas na carta olham ou se dirigem para a esquerda. O lado esquerdo é o oeste, o ocaso, o escuro, o fim, a noite. A própria Morte cavalga para a direita, para o leste, para uma novo amanhecer. Essa também é a direção do vento e a direção para a qual vai o faraó na barca dos mortos, que pode ser vista no rio. No leste o Sol imortal mostra-se por trás das torres singelas, os prenúncios da Jerusalém celestial que tornaremos a encontrar na décima oitava carta. Por meio da direção desses movimentos, a carta simboliza que nós, os homens, só vemos o escuro nessas fases e temos diante dos olhos apenas o extermínio, o fim, o nada, enquanto o verdadeiro sentido dessa experiência está em sofrer um profundo processo de transformação, em chegar a uma nova manhã, em conquistar uma nova vivacidade.

Mas essa indicação não deve animar-nos a interpretar, com aparente esclarecimento, a carta da Morte como o início de algo novo e, precipitadamente, enco-

1. Janwillen van de Wetering, *Das Koan* [O Koan], p. 40.

brir a noite que fica entre o anoitecer e a manhã. A morte significa despedida e fim. E somente quando essa despedida é realizada, quando o velho realmente terminou, são apresentados os pressupostos para a mudança. Hermann Weidelener[2] esclarece o que significa de fato dizer adeus quando nos intima a perguntar constantemente se sentimos o que um lugar pede de nós, antes de o abandonarmos. Só com a consciência dessa realização podemos nos pôr dignamente a caminho. Mas se ficarmos devendo essa realização, nossa saída é uma fuga. Em vez disso tendemos a correr de um espaço para outro, levados sempre pela esperança de encontrar algo melhor, mais excitante ou satisfatório. Depressa escancaramos uma porta depois da outra, sem fechar a que ficou para trás; ainda menos fazemos a nós mesmos a pergunta sobre a realização. Estamos sempre fugindo de nos despedir e, nessa *fuga*, existe uma *maldição*. Nesse ponto a exigência é a seguinte: um desapego autêntico como pressuposto irrenunciável, para que possa surgir algo realmente novo. O desapego autêntico significa despedir-se com toda a atenção. A *solução*, que nos *liberta* da situação de impasse da carta precedente, O ENFORCADO, sempre pressupõe que em primeiro lugar nos libertemos do velho, sem com isso olhar de esguelha para o novo. Sem uma verdadeira solução não existe uma verdadeira mudança. Em vez disso, tornamos a cair sempre na situação precedente do Enforcado e ficamos oscilando entre essas duas cartas, para lá e para cá.

Esse estado pode comparar-se com perfeição com um arranhão num disco, em que ficamos ouvindo interminavelmente o mesmo trecho da música. Na vida, sempre que tivermos a sensação de estar entalados num desses "riscos do disco" e de fazermos sempre a mesma experiência, podemos partir consolados com o fato de que estamos no Enforcado evitando a Morte. A correlação típica para isso são todas as situações em que nós mesmos criamos nossos obstáculos, em que fugimos repetidamente dos passos importantes do desenvolvimento. Se não ousamos dá-los por timidez ou pelo medo de fracassar ou nos culpamos por não nos sentirmos capazes de dar esse passo não faz grande diferença. Em determinado caso, o nosso ego é fraco demais; no outro, é cheio de si. Mas em cada um desses casos — mesmo quando somos tímidos demais — nos damos demasiada importância e com isso pomos obstáculos em nosso caminho. Sobre isso diz o *Tao te King*:

Quem fica na ponta dos pés, não está firme.
Quem anda de pernas abertas,
não vai em frente.
Quem quer brilhar,
não fica iluminado.
Quem quer ser alguém,
não se torna grandioso.

2. Hermann Weidelener, *Die Götter in uns* [Os Deuses em Nós], p. 68.

Quem se vangloria,
não realiza as obras.
Quem se enaltece,
não será enaltecido.[3]

Por isso, neste ponto vale a pena superar o ego; por isso, precisamos aprender a não nos dar tanta importância e deixar o nosso eu de lado, para que o caminho para a continuação do desenvolvimento fique livre.

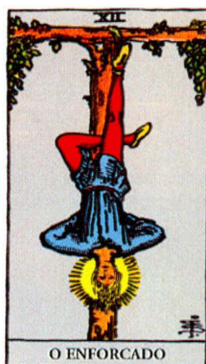
Um desses "riscos no disco" também é um motivo central de *A História sem Fim*, a maravilhosa jornada do herói Bastian Balthasar Bux. Bastian é um menino gorducho que está sentado no sótão da escola e lê o livro *A História sem Fim*. E quanto mais ele lê, tanto mais é atraído para dentro da história. (Quanto maior for o tempo em que lemos o livro da nossa vida, tanto maior a profundidade com que somos atraídos para a vida.) E, de repente, ele é intimado pela história a saltar para dentro dela, pois sem ele ela não poderá continuar. Mas Bastian não tem coragem, ele fica com medo. E, imediatamente, a história volta ao início e é narrada outra vez, e outra vez, até chegar ao momento em que ele tem de pular. E, finalmente, ele cria coragem. Bastian salta para a Fantasia, assim se chama o inferno na história interminável; e assim a ação continua.

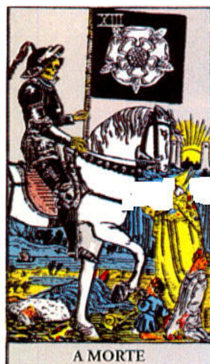
O hamster que gira na roda é outra imagem que representa bem a marcha da vida em ponto morto, simbolizada pelo O ENFORCADO. Com o prazer, a alegria de viver e o entusiasmo da carta A FORÇA começamos muitas ações, que subitamente se transformam num giro contínuo e sem sentido (O ENFORCADO), como a roda do hamster. Mas nós não entendemos o que aconteceu, por que aquilo que antes nos dava tanta alegria e nos fazia florescer de energia, de repente se transformou numa marcha no vazio. Em vez de buscar uma solução real, como talvez sair da roda pela lateral, tentamos o método descrito por Paul Watzlawick como bastante duvidoso de oferecer "mais da mesma coisa"[4], aumentamos cada vez mais a velocidade, continuamos a girar e nos fatigamos cada vez mais na roda da loucura. Então, quando uma força exterior (MORTE) subitamente detém a roda, a princípio ficamos muito perplexos, como o hamster também ficaria. Desnorteados, tentamos fazer a roda girar mais algumas vezes, antes de abandoná-la com o coração pesado, com a firme convicção de que tudo acabou. Mas, com um certo distanciamento, conseguimos talvez entender o absurdo de tudo isso e compreender de repente a situação sem saída em que nós mesmos nos havíamos colocado. Só desse distanciamento entendemos como a morte não só é a solução, mas uma verdadeira libertação para nós.

---

3. *Tao te King*, verso 24.
4. Ver Paul Watzlawick, *Vom Schlechten des Guten* [Do Mal no Bem], p. 23.

O Enforcado corresponde também a um fruto que amadureceu na árvore e que precisa cair a fim de gerar nova vida e novos frutos. Esse deixar-se cair é vivido pelo fruto como a morte. Se ele se recusar a cair, ficará pendurado na árvore e ali apodrecerá aos poucos, sem ter gerado nova vida. Mas ele também não pode com isso evitar o seu fim; ele apenas ficou estéril.





Sem a verdadeira solução, tornamos a cair no estado do Enforcado.

Aplicada ao ser humano, essa imagem significa que ninguém nos obriga a aprender com as nossas crises. Mas quando vivemos O Enforcado como nossa crise da meia-idade, ele pode valer para toda a segunda metade da nossa vida. Quem não procurar outra resposta para a crise da mudança de vida, ou encontrar lamentações, queixas e dores, poderá passar o resto da vida com isso. Nesse caso, um belo dia A Morte significará o fim da viagem e, ao mesmo tempo, o fim da vida. Mas também temos a possibilidade de aprender com as nossas crises, de nos desapegarmos e experimentar a Morte como um tema central na metade da nossa vida, da qual só então surge o homem verdadeiro. Este é o motivo pelo qual a carta da Morte aponta para o meio do caminho e não para o seu fim. Com isso se assemelha à visão de mundo das culturas antigas, por exemplo a dos celtas, de cujos druidas disse o poeta romano Lukan: "Se os seus cantos contêm verdades, a morte é apenas a metade de uma longa existência."[5] Nessa correlação também devemos compreender a mensagem: "Se você morre antes de morrer, não morrerá quando morrer." Por esse motivo, os sábios dos povos sempre afirmaram que o encontro e o confronto com a morte era o tema central de sua vida e sempre enfatizaram que o homem tem de morrer e renascer, para poder reconhecer a realidade. Quando a Bíblia diz: "Faze-nos criar juízo contando os nossos dias, para que venhamos a ter um coração sábio" (Salmos 90:12), talvez o nosso ego prefira entender isso no sentido inverso como: "Ensina-nos a ser tão espertos, que acreditemos não mais precisar morrer!"

Em tudo isso não podemos esquecer que mudanças profundas levam tempo. Trata-se aqui da descida ao inferno. A volta para a luz, o nascimento do novo só acontece seis cartas adiante com a décima nona carta, O SOL. Essas cartas correspondem uma à outra como a noite e o dia.

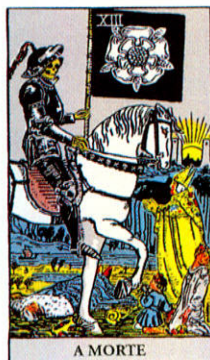
Em ambas as cartas vemos um cavalo claro. Na carta da Morte trata-se do quarto cavalo do Apocalipse (Apocalipse 6:8), o corcel lívido cavalgado pela mor-

5. Lancelot Lengyel, *Das geheime Wissen der Kelten* [A Sabedoria Secreta dos Celtas], p. 24.

te. O SOL, ao contrário, nos mostra o cavalo branco, o cavalo imperial, que é cavalgado pelo herói renascido. Na carta da Morte, o Sol se põe,[6] enquanto brilha com todo o seu esplendor na carta do Sol. Na carta da Morte, quem cavalga é um esqueleto; na carta do Sol, uma criança. (Em virtude dessa transformação, podemos imaginar que existe uma fonte da juventude entre essas duas cartas, caso contrário esse rejuvenescimento não teria explicação. Nós a encontraremos na 17ª carta.) A criança brande um tecido da cor vermelha, da vida; a Morte, ao contrário, carrega sua bandeira negra, cuja rosa mística branca é um símbolo de vida, na verdade uma indicação da fase renovadora de vida que introduz. A pena no elmo da morte pende flacidamente para baixo; a que está na cabeça da criança está reta, em pé. Tudo isso mostra como essas duas cartas estão interligadas uma com a outra, e que simbolizam os dois pólos da morte e do vir-a-ser. Elas simbolizam a descida ao inferno (Morte) e a volta à luz (Sol); entre elas está a viagem pelo céu noturno.

As cartas 13 a 18 também são chamadas de cartas noturnas. Elas têm motivos sombrios como A MORTE, O DIABO e A TORRE, ou símbolos da noite, como A LUA e A ESTRELA. A carta A TEMPERANÇA aparece nessa sociedade sombria como algo à primeira vista fora de lugar. Mas logo a conheceremos como uma força indispensável no inferno. Ela corresponde ao condutor de almas, descrito em várias culturas nos livros dos mortos. E como em nossa tradição cristã ocidental os condutores de almas são anjos, a carta mostra um anjo.

O motivo da viagem para o além, a viagem pelo céu noturno, em algumas religiões e tradições dos povos orientais e ocidentais não só é conhecida como determina todos os pontos essenciais do caminho. Todas essas culturas "contemplam a morte como uma viagem com o objetivo de conquistar novamente o cerne verdadeiro do ser, mesmo se essas viagens levarem temporariamente ao céu ou ao inferno ou à volta em um novo corpo; também há unanimidade em que só é sábio quem tem consciência da morte, e que é necessário preparar-se para ela moral, espiritual e imaginativamente — se quisermos morrer bem.[7]

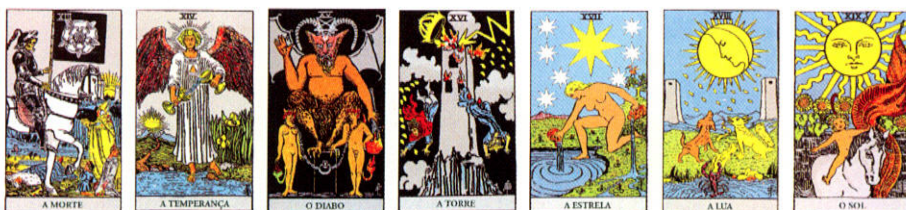




Os dois pólos do "Morra e torne-se".

6. O Sol poente corresponde ao tema da carta. Outros comentários a interpretam como o Sol que nasce. Um argumento favorável a essa afirmação é que o Sol pode ser visto no oriente, mas a carta em si mesma não representa uma nova manhã. Em todo caso, o Sol está no horizonte, em contraste com o Sol a pino visto na carta O Sol.

7. Carol Zaleski, *Nah-Toderlebnisse und Jenseitsvisionen* [Experiências de Quase-Morte e Visões do Além], p. 40.



A descida ao inferno ou a viagem do herói pelo céu noturno.

Para observarmos o que essa viagem pelo céu noturno nos traz, vamos dar uma olhada no inferno dos egípcios, pois nenhum outro povo deixou tantas e tão impressionantes imagens daquilo que os sábios viam nos mundos do além. Vemos como a alma se eleva do corpo do falecido. Ela se chama Ba e é representada por um pássaro, que então começa a viagem.



A deusa do céu, Nut.



O pássaro da morte se eleva do corpo do falecido.

O falecido é velado por divindades protetoras como a deusa do céu, Nut, ou a deusa escorpião, Selket, enquanto Anúbis, com cabeça de chacal ou Upuaut, com cabeça de lobo, como condutor de almas conduz Ba pelo caminho através do além, até Maat, a deusa egípcia da justiça.

Maat sempre é representada com a pena do ramalhete. Essa pena sozinha já vale como sinal da presença da justiça divina. No salão que tem o nome da deusa, o salão de Maat, acontece a prova decisiva, o julgamento dos mortos.

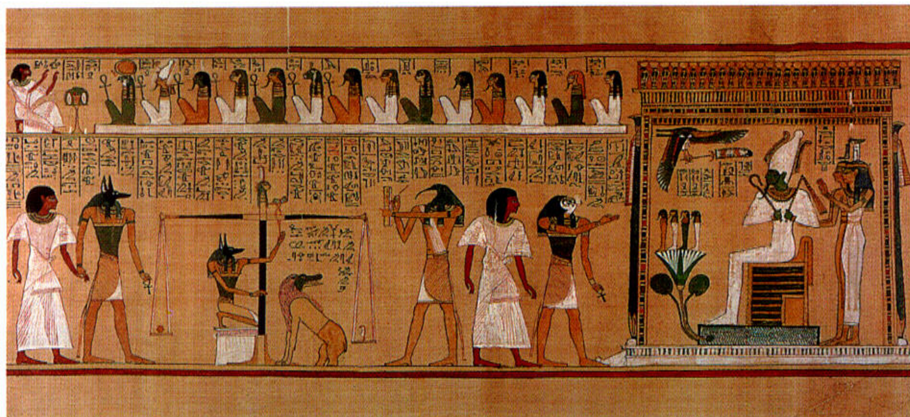
Vemos como Anúbis, como condutor dos mortos, leva o falecido até o salão. No prato esquerdo da balança encontra-se um recipiente com o coração do morto; no prato da direita, a pena, símbolo de Maat e da justiça insubornável, abso-



A deusa protetora Selket.



Maat, a deusa da justiça.



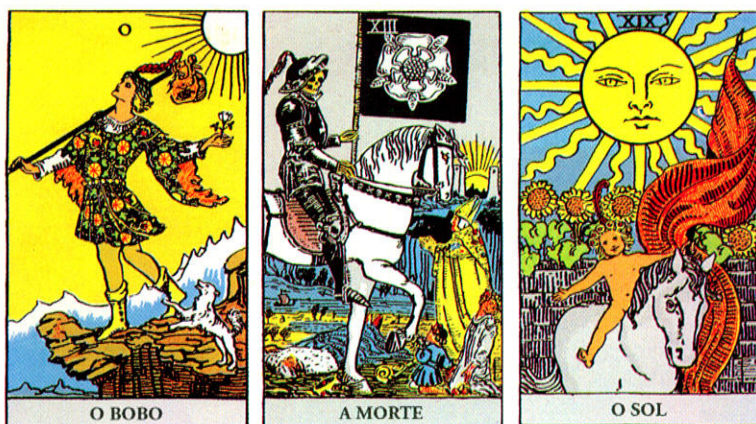
A pesagem do coração no salão de Maat.

luta. Também no centro da balança pode-se ver o seu símbolo. Anúbis lê o resultado dos ponteiros e o participa ao escriba colocado à sua direita. Trata-se do deus Thot, deus egípcio da sabedoria, que aqui anota o resultado dos protocolos do inferno. Se o peso do coração do morto for igual ao da pena — o ponteiro da balança se assemelha a um fio de prumo —, então o morto está "no prumo", viveu corretamente e deve ir para Osíris, o senhor do reino dos mortos. Mas se, ao contrário, seu coração for leve ou pesado demais, ele falhou e está perdido. Exatamente por isso o monstro aguarda junto à balança. O devorador, como os egípcios o chamavam, pode engoli-lo para sempre. Na cena apresentada, o morto passou na prova. Por isso, na metade direita do quadro vemos Hórus levá-lo até Osíris, por trás de cujo trono o saúdam Ísis e Néftis. No reino de Osíris ele ficará até Anúbis envolvê-lo com o hálito da vida, no ritual da abertura da boca, para que possa voltar ao mundo superior.

Assim, a balança é o símbolo do equilíbrio, tema central no inferno egípcio. No tarô, encontramos o equilíbrio correspondente na carta A TEMPERANÇA. O espaço decisivo dessa viagem pelo inferno está no salão de Maat, a deusa da justiça, cujo sinal é a pena. Nas cartas dos Arcanos Maiores só três figuras portam uma pena na cabeça: O Bobo, a Morte e a criança na carta O Sol.



Anúbis faz o ritual da abertura da boca.



Três cartas que estão interligadas pela pena.

Estas três cartas estão ligadas em vários planos. Em primeiro lugar, o Bobo é o herói que precisa descer ao inferno pela morte, e que, com o Sol vê novamente a luz do dia. A pena é uma indicação das provas intermediárias, que correspondem ao que ocorre no salão de Maat. Uma outra ligação das cartas O BOBO e O SOL está nas duas figuras, que se parecem, e que, no entanto, são totalmente diferentes: o bobo infantil e o bobo sábio, o ingênuo tolo e o ingênuo puro. Entre eles está a morte como pressuposto inevitável para essa transformação essencial. Do mesmo modo, na carta do Bobo o ingênuo Sol branco encontra seu pólo oposto no encontro com a morte (seu nigredo alquímico) e por isso pode aparecer como o ouro imortal na carta do Sol.

Nossa tradição judeu-cristã conhece a viagem pelo mar noturno sobretudo através da história bíblica de Jonas, que foi engolido por uma baleia (Jonas 1:3).

Para começar, Jonas recebe uma incumbência de Deus: "Levanta-te, vai a Nínive, a grande cidade, e proclama sobre ela que a maldade deles subiu até Mim!" (Jonas 1:2) (Isso significa: ameace-os com a punição). Como sua tarefa, esse mandamento corresponde à carta A RODA DO DESTINO. O que Jonas faz? Ele faz o que todos preferimos fazer, quando nos encontramos pela primeira vez com um aspecto da nossa missão de vida. Ele foge.

Em geral imaginamos que nossa tarefa de vida é algo elevado, significativo e feliz, e muitos pensam cheios de anseio: "Ah, se eu soubesse qual é minha verdadeira missão de vida", sobretudo se a imaginamos no campo de nossos talentos e forças. Mas a tarefa sempre é tornar-se inteiro, e, para isso, precisamos lidar por bem ou por mal com nosso pólo oposto, com nosso lado inferior, primitivo, viscoso, lento, até então deixado de lado e muitas vezes desprezado (veja p. 77 ss.). Mas se encontramos os temas ligados a ele, imediatamente ficamos revoltados e os recusamos com um zangado: "Tudo, menos isso!" Poderíamos dizer que sempre que

gritamos do fundo da nossa alma: "Tudo, menos isso!", com toda a certeza encontramos uma pedra do mosaico que compõe nossa missão de vida.

Assim também pensou Jonas: "Eu? Ir a Nínive? Nunca! Eu não sou maluco! Com certeza, eles vão me matar. Tudo, menos isso!" e, em vez disso, ele parte a bordo de um navio na direção exatamente contrária, a Grécia. Uma tal recusa de seguir a ordem divina era chamada pelos gregos de Hibris, que significa arrogância pessoal e birra malcriada. Como vimos na décima primeira carta, um sacrilégio como esse está no espectro de significado da carta A FORÇA. Segundo a concepção grega, trata-se antes de tudo desses delitos que os deuses castigam imediatamente, e assim, também no caso de Jonas o castigo não se fez esperar na forma do ENFORCADO. Existe uma armadilha mais sem saída do que um navio que corre perigo no mar? Aconteceu exatamente isso com ele. Indecisos e mortos de medo, os marinheiros deitam a sorte para descobrir de quem é a culpa dessa desgraça. Ela recai sobre Jonas que, sincero, logo se mostra arrependido, confessa e assume a culpa pela desgraça. Pelo fato de ter-se recusado a cumprir o mandamento de Deus, ele está disposto a morrer e, assim, depois de hesitar um pouco, os marujos o lançam ao mar. Mas, em vez de morrer afogado na correnteza como eles pensaram, ele foi engolido por uma baleia, em cujo ventre ficou três dias e três noites (o período típico de uma viagem pelo céu noturno) antes de ser cuspido em terra pelo animal. Depois dessa purificação, Jonas está pronto a aceitar a tarefa de Deus e a cumprir sua missão de vida.



Jonas, que é engolido pela baleia. Um motivo típico de uma viagem pelo céu noturno.

Por meio das cartas de tarô foi fácil contar essa história outra vez. Porém, como a Bíblia somente nos dá a oração que Jonas pronunciou no ventre da baleia, e não fala sobre o que ele vivenciou ali, não há correlações da décima quarta até a décima oitava cartas.

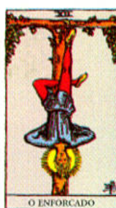
Com a décima terceira carta chegamos ao fim do segundo terço do caminho, em cujo percurso se trata do desenvolvimento e da superação do ego, da sua submissão ao Eu Superior. Marie-Louise von Franz diz, como se estivesse descre-



Ordem de Deus.



Hibris.



Navio em perigo.



Arremesso no mar.



Proteção e direção.





Volta à terra.

vendo O Enforcado: "Sempre que a personalidade consciente entra em conflito com o processo interior de crescimento, ela sofre uma crucificação." [...] "A teimosia da personalidade consciente precisa morrer e se submeter ao processo interior de crescimento."[8] É por isso que essa estação significa a superação do eu, por assim dizer, um egocídio — não um suicídio — para o qual o Enforcado nos torna pouco resistentes e maduros. Mas não devemos chegar à conclusão apressada de que as forças do eu não representam nenhum papel no resto do caminho. No sentido positivo elas estão a serviço do eu, o símbolo do todo maior. Elas também podem se formar sempre de modo problemático, sedento de poder e, assim, fazer fracassar o futuro processo de transformação.

As cartas do tarô unem o Imperador e a Morte por meio da soma transversal e mostram com isso o efeito recíproco desses dois princípios. Enquanto o Imperador constrói estruturas e ergue os muros do sentimento do eu, aqui se trata da sua destruição e superação. O eu sempre estabelece limites, limites entre o eu e o não-eu, entre o eu e a sombra, entre espírito e corpo, entre Deus e homem, entre o bem e o mal e assim por diante. Neste ponto deveríamos ou temos de reconhecer que, em última análise, esses limites são falsos. Originalmente, eles têm seu valor, sua função e sua justificação, pois eles servem à construção do eu, que tem de se limitar, a fim de tornar-se. E, contudo, todos os limites são falsos e aleatórios.[9] Por isso não devem tornar-se duradouros. Sempre que chegamos a esse ponto do caminho, temos de destruir e superar limites a fim de dar lugar a uma experiência maior. Este é um dos sacrifícios, para os quais O ENFORCADO nos prepara até estarmos prontos.

Da união que ambas as cartas têm entre si, depreende-se uma outra afirmação. Neste ponto da viagem nós alcançamos definitivamente o limite do que é possível realizar (Imperador = fazer e poder). A partir daí, nada mais nos pode ser im-

---

8. Marie-Louise von Franz, *Der Schatten und das Böse im Märchen* [A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas], pp. 50 e 51.

9. Ver Ken Willber, *Wege zum Selbst* (O título original *No boundries* significa "Sem limites"). [*A Consciência sem Fronteiras*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1991.]

posto. Tampouco podemos nos fazer adormecer ou nos obrigar a dormir, velar sobre o nosso próprio sono ou observarmo-nos dormindo. Tudo isso são tentativas de controle do ego, nas quais ele fracassará. Nós podemos criar os pressupostos, podemos praticar a arte do deixar acontecer e — como durante o sono — confiar que passaremos para um outro estado.

Desde a Antigüidade, o ser humano teme tudo o que põe a vida em perigo e enobrece muito mais o que eleva a vida. Tanatos, a morte, e Eros, como energia vital, são os representantes desses dois pólos no mundo mítico dos gregos. A magia primitiva sempre tentou banir o pólo da morte e evocar o pólo da vida. Hoje fazemos o mesmo, na medida em que nos calamos tanto quanto possível sobre o tema da morte e o transformamos em tabu, enquanto exaltamos tudo o que eleva a vida no cinema e na televisão, na propaganda e no consumo, no culto ao corpo e na adoração à juventude eterna. Nos Arcanos Maiores encontram-se ambos os pólos nas cartas A FORÇA[10] e A MORTE, entre as quais está O ENFORCADO, desde que coloquemos a carta A FORÇA no seu primitivo décimo primeiro lugar.

O ser humano é crucificado (O ENFORCADO) entre o pólo da morte (A MORTE) e o pólo da vida (A FORÇA). Com o avançar da idade, com freqüência cada vez maior o ego se torna consciente da sua transitoriedade e do fato de não poder fugir da morte. Em seu desespero, ele sempre tenta evocar o pólo da vida, a fim de desviar-se do destino inevitável. Sobre isso, diz Elias Canetti: "Cada pessoa é para si mesma um digno objeto de queixa. Cada pessoa está teimosamente convencida de que não deve morrer."[11]

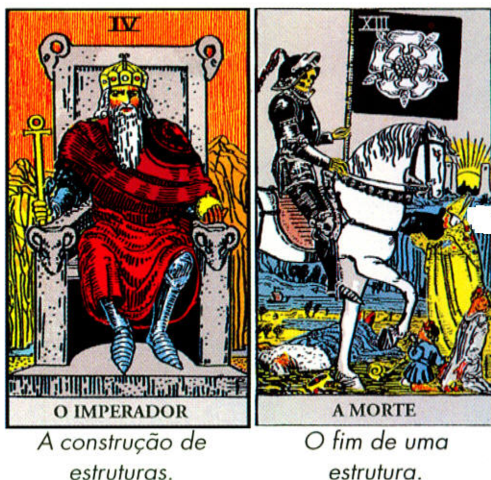
Por meio de programas de atividades, por meio do esporte, da sexualidade e dos prazeres de todo tipo geramos desejo, provando sempre de novo nossa vivacidade inquebrantável e evitamos — da melhor forma possível — olhar na outra direção, olhar para o nada, para aquela parede negra da qual o ego tem tanto horror. Muitos conselhos bem-intencionados mantêm nas pessoas essa postura temerosa com relação ao caminho. Mas também algumas psicoterapias-relâmpago seduzem os pacientes com suas pseudo-soluções e se vangloriam do seu sucesso e da aparente superioridade diante dos métodos de terapia transpessoal, que são mais demorados, porém mais profundos. Muitos desses procedimentos rápidos motivam o homem animicamente atormentado a empreender algo excitante, e se essa tal centelha se ateia, então, durante certo tempo, ele de fato se sente bem. Mas, como mostram as cartas do tarô, o caminho do Enforcado para a Força é um retrocesso. Por isso, para a conjuração do pólo da vida sempre se exige também uma

---

10. Eros, que aqui é equiparado à força e não à carta OS AMANTES, nessa correlação precisa ser entendido em sua forma original como a força primitiva, assim como o descrevem as antigas tradições gregas, como o violento deus criador primitivo, que somente vários séculos depois foi rebaixado ao rapaz Eros, com seus dardos.

11. Elias Canetti, *Masse und Macht* [O Povo e o Poder], p. 526.

boa dose de força, porque a certeza da morte bate com cada vez mais força às portas da consciência. Mais cedo ou mais tarde, a vida nos obriga, tão inevitável quanto inexoravelmente, a continuar na outra direção e a olhar de frente para o inevitável, para a morte e a transitoriedade.



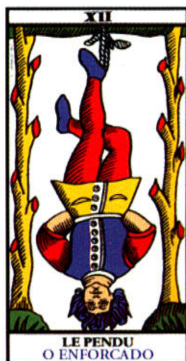
A construção de estruturas. *O fim de uma estrutura.*

Portanto, não importa quão inteligente, refletida ou abrangente seja nossa idéia da morte. O que importa é o modo como nos aproximamos dela, o quanto nos aproximamos dessa experiência e a profundidade com que somos tocados por ela.

Assim como uma catedral é um museu sem vida quando nos limitamos a inspecioná-la, tampouco conseguimos captar o significado da morte enquanto apenas refletirmos sobre ela. Mas assim que nos ajoelhamos, transformando-nos de observador em pessoa que ora, de mero espectador em participante devoto, no mesmo instante o museu se transforma em templo, e a morte fria, inimiga, se transforma numa *vivência* sagrada.

Quanto mais sincero for esse cair de joelhos, mais enriquecedora será a experiência que faremos; por um lado, porque na proximidade da morte aumenta o respeito pela vida; por outro, porque a morte é a verdadeira iniciação, o único portal para o realmente secreto. Tudo o que assim foi chamado no caminho que ficou para trás não passou de segredos sem nenhum valor.







Eros (Força XI) e Tanatos (Morte XIII) pólo da vida e pólo da morte, entre os quais o homem é crucificado (O Enforcado XII).

Mas, quanto mais obstinada e medrosamente desviarmos o olhar dela, tanto mais desenfreado e extremo se torna o vaivém entre a euforia e a depressão. Em sua forma extrema essa recusa leva a sintomas maníaco-depressivos. Quanto mais humanamente o pólo da vida (A FORÇA) é enfatizado, tanto mais profunda será a depressão que se segue (O ENFORCADO). A solução aponta para a Morte. Ela nos mostra a direção correta.

Em sua grandiosa obra sobre o desenvolvimento do espírito humano, Ken Wilber deixa claro que somente através de Tanatos, o pólo da morte, acontecem as verdadeiras mudanças, ao passo que Eros, o pólo da vida, só cuida de mudanças no sentido de variação.[12] Wilber compara a consciência humana com uma casa de vários andares. Se o ego se instala confortavelmente num andar e se acostuma com o panorama, ele quer permanecer ali e não quer saber de mudar-se para outro andar. Se, no entanto, a vida ali começar a ficar insossa, vazia de conteúdo e desconsolada, ou se houver fases de depressão graças à monotonia desse plano, então o ego logo conjura o plano da vida e cuida de arranjar um pouco de variação. Isto é, mudamos os móveis de lugar, mas permanecemos entre as mesmas paredes. Em outras palavras, procuramos uma nova ocupação, começamos um novo relacionamento, buscamos excitação no sexo e nos jogos, nos entregamos ao consumismo e fazemos alguma coisa que prometa mudança em nossa vida sem representar perigo para o nosso ego. Mas uma mudança profunda só pode acontecer por meio do pólo da morte, pela qual abandonamos nosso estado de consciência até aquele momento. Só então existe a chance de chegar à supraconsciência. O preço dessa mudança essencial é o risco de cair. E é nisso que reside o perigo associado a esta estação e a esta carta. Pois, na jornada através da noite, no caminho de iniciação que tem aqui seu ponto de partida, não há cartas de regresso garantidas. Mas, por certo, há condutores de almas!

Palavras-chave para a carta A MORTE	
ARQUÉTIPO:	Morte
TAREFA:	Despedida e descida ao inferno, recolhimento voluntário, encerrar algo, libertar-se
OBJETIVO:	Solução, superação do ego, destruição de limites, mudança profunda
RISCO:	Fingir de morto por medo, queda
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Viver um fim, esgotamento — busca da paz e regeneração, experiência de despedida

12. Ver Ken Wilber, *Halbzeit der Evolution* [A Meio Caminho da Evolução], p. 93.



A Morte indica a direção.



A Temperança

O condutor de almas

O significado desta carta não fica muito claro quando buscamos entender seu nome. Embora a temperança faça parte das virtudes cardinais, essa palavra está tão desvalorizada no uso moderno da língua que dificilmente associamos valores positivos com "moderação". Mas se, ao contrário, reconhecemos em seu motivo o símbolo da mistura correta, logo descobrimos o verdadeiro enunciado desta carta.

Muito já se especulou sobre o que o anjo mistura, e se de fato mistura algo ou apenas o despeja. Esta última suposição expressaria que as energias, que até então fluíam no crescimento externo, agora finalmente são vertidas, para daí em diante provocar o crescimento interior; nisso está certamente um enunciado essencial da carta. Mas é ainda mais importante entender a mistura correta como a expressão da bem-sucedida união, um tema básico deste último trecho do caminho. Depois que a morte destruiu os limites que o ego teve de construir, trata-se, daqui em diante, de unir o que antes estava separado. Mas a carta também representa a medida correta como expressão de uma sensibilidade apurada, indispensável para superar os perigos à espreita no restante da viagem. Esse conhecimento iniludível do caminho certo simboliza o condutor de almas, que a carta nos mostra como um anjo. Na tradição cristã é o arcanjo Miguel que assume essa tarefa. Antigas representações o mostram num tema que lembra muito a prova no salão de Maat. Um diabo tenta tirar a balança do prumo, mas é impedido por Miguel, e assim a balança (e o homem) recuperam o equilíbrio.

Apesar das suas cores claras a carta mostra um tema do inferno. Os lírios são uma chave para essa interpretação. Segundo a tradição grega eles crescem no inferno, motivo pelo qual Hades também era chamado de chão de Asfodelias (um



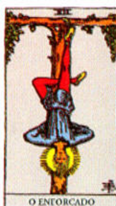
Miguel, o condutor de almas.

tipo de lírio). O lírio não só traz o nome de Íris, a mensageira dos deuses, mas também é o seu símbolo e o sinal da presença dessa deusa grega experimentada no inferno. No simbolismo cristão, o lírio da Páscoa equivale ao maracujá, e quando contemplamos o trecho de caminho em que nos encontramos, o paralelo com a época da paixão é imenso. As cartas desde O ENFORCADO (XII) até O DIABO (XV) mostram a via-crúcis de Cristo e a descida ao inferno em uníssono com a profissão de fé cristã, que diz: "Foi crucificado, morto e sepultado, desceu aos infernos..."; tanto mais que a Bíblia fala de um anjo no túmulo.

O caminho que a carta mostra é um símbolo do caminho estreito da individuação, da formação do eu. Ele leva (de volta) à luz, ao Sol no qual se oculta uma coroa. Se movimentarmos a carta de um lado para o outro podemos vê-la na linha pontilhada. Depois da morte do velho rei (o ego) tem início o caminho até o Sol e a coroação do novo rei (o si mesmo), um motivo que tem sua correlação em todos os contos de fada nos quais o herói se torna rei no final da história. Assim segue o caminho do desenvolvimento e da superação do *eu*, da sexta até a décima segunda carta, no último terço do caminho transpessoal da verdadeira experiência e desenvolvimento do *si mesmo,* no sentido mais profundo do termo.

O si mesmo, força organizadora da alma, quer levar o homem à totalidade. Não só podemos ler esse objetivo em vários motivos de sonho, mas também no plano das brincadeiras, talvez no impulso de resolver um enigma, uma palavra-cruzada, de levar um jogo de paciência até o final ou no desejo de completar uma coleção; é possível reconhecer essa força inconsciente no dia-a-dia, é possível observar como ela nos impele à totalidade. Enquanto o desenvolvimento do eu que ficou para trás significou libertação do todo, agora o empenho do si mesmo é levar-nos, no restante do caminho, outra vez à unidade, à totalidade.

Uma agravante está no fato de que temos de nos confiar a essa direção até então inconsciente, contra o que resiste tanto um eu tornado orgulhoso quanto um eu medroso e fraco. No primeiro caso falta visão, no segundo, confiança. Por isso, o si mesmo logo cuida para que nos enredemos numa situação sem saída, numa crise existencial, em que o eu tem de fracassar, porque todos os refinamentos,



Crucificado



morto

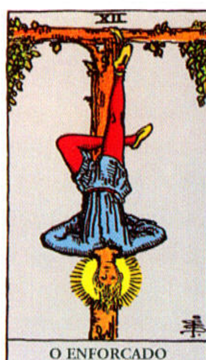


sepultado

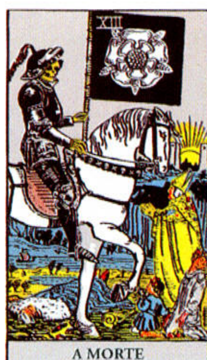


desceu ao inferno.

toda esperteza e mesmo os truques mais espertos da nossa consciência até então muito hábil e sagaz, de repente não ajudam mais. Na seqüência, surgem o desamparo, a desesperança e uma profunda resignação, até que ao eu, no fim das suas forças, nada mais reste senão, totalmente desesperado, desapegar-se com a firme convicção de que está tudo acabado. Mas, em vez de afundar ou cair no vazio — como esperado —, para sua grande surpresa, o homem sente que é carregado por uma força que é muito maior do que tudo o que conhecia e que o sustentava até então. Esse encontro decisivo com o si mesmo corresponde à escolha na história de Jonas. Jung contou numa carta como ele mesmo passou por essa experiência ao ter um enfarte: "Eu estava livre, totalmente livre e inteiro, como nunca me havia sentido antes... Foi uma festa silenciosa, invisível e permeada por um sentimento incomparável, indescritível de bem-aventurança eterna; eu nunca pensei que pudesse haver uma experiência como essa no plano humano. Vista de fora e enquanto estamos vivos, a morte se reveste da maior crueldade. Mas assim que estamos dentro, temos uma sensação tão forte de totalidade, de paz e de realização, que já não se quer voltar."[1]



A crise sem saída.



Fracasso e desapego do eu.



O encontro com o Si mesmo.

1. Citado por Lutz Müller, *Der Held*, p. 109. [*O Herói — Todos Nascemos para Ser Heróis*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1992.]

Essa capacidade rara da psique inconsciente de transformar o ser humano, que ficou preso numa situação desesperançada e levá-lo a outra, foi chamada por Jung de função transcendental. As cartas O ENFORCADO, A MORTE e A TEMPERANÇA nos mostram essa transformação como a passagem do terço médio do caminho para o último:

No último trecho do caminho muito do que antes era natural e também objetivamente correto se modifica e muitas coisas ficam obsoletas. Assim se dá talvez com o nosso tempo de vida, mas também com a nossa posição diante da morte e com todo o nosso sistema de valores. Quando criança, vivíamos o tempo ciclicamente. O ano girava em torno da festa do Natal. Estávamos longe dele, depois ele se aproximava outra vez de nós. Mas era sempre o mesmo Natal. Depois que crescemos, vivemos o tempo linear, cronológico. Um ano se segue a outro. O círculo rompeu-se, o tempo virou uma linha que tem começo e fim. Desde então sentimos o tempo como quantidade e, assim, como limitado. Isso de início pouco importa, porque vivemos a sensação de que ainda nos resta todo o tempo do mundo. Mas no máximo ao chegar à meia-idade, percebemos que ele se torna cada vez mais veloz e escasso. Calculamos quanto tempo talvez nos reste, tentamos detê-lo e nos esforçamos por fazer muita coisa ao mesmo tempo a fim de "economizar" tempo; vivemos cada vez mais depressa, cada vez mais agitados e, no entanto, obrigados a ver, desamparados, como o tempo transcorre impiedosamente.[2] "Mas quando estamos a sós", assim Jung descreve esses medos, "e é noite e está tão escuro e silencioso que não ouvimos nem vemos nada a não ser nossos pensamentos, os quais somam e diminuem os anos de vida como a longa série de fatos desagradáveis; os quais provam impiedosamente o quanto o ponteiro do relógio se adiantou, como o lento aproximar-se daquela parede negra que engolirá definitivamente tudo o que eu amo, desejo, possuo, espero e pelo que luto; então toda a sabedoria da vida se esconde num esconderijo que não pode ser encontrado e o medo cai sobre o insone como um cobertor sufocante."[3]

Mas quando conseguimos chegar ao último terço do caminho, entendemos cada vez mais que o tempo não é igual ao do relógio e que estava errado medi-lo em quantidades, pois só é decisiva a sua intensidade. O tempo não é quantidade, mas qualidade. Por isso não é tão importante o *quanto* nós vivemos, mas o quão *profundamente*. Diante desse segundo plano também surge um novo posicionamento diante da morte. Ela não é mais o terrível fim, por trás do qual tudo acaba. Muito menos procuramos por emplastros de consolação sagrados para o eu, que espera a todo custo por uma *rematerialização*, aconteça ela no Dia do Juízo ou numa próxima encarnação. Em vez disso, aprendemos a compreender uma parte do todo indestrutí-

2. A maioria significativa de descobertas da era da tecnologia serve para economizar tempo, porém, extraordinariamente, o homem tem menos tempo do que antes.

3. C. G. Jung, *Seele und Tod* [A Alma e a Morte], obras completas, vol. 9, p. 79.

vel, do qual nunca estivemos separados e do qual logo faremos parte outra vez. Assim como a onda nunca esteve separada do mar, o nosso eu nunca esteve separado do todo. E assim como a onda tem de tornar-se uma com o mar outra vez, o nosso eu se libertará e se unirá novamente ao cerne original de tudo o que existe. Naturalmente, cada parte de uma onda já foi muitas vezes parte de muitas outras ondas. Mas não seria absurdo se uma onda afirmasse que ela já foi onda muitas vezes antes? Igualmente disparatado e arrogante soa quando o eu afirma ter vivido muitas vezes (e, naturalmente, como uma personalidade importante). Isso não quer dizer que a idéia da reencarnação seja errada. Mas fazer dela um anestésico barato contra o medo da morte do ego, parece muito questionável e desvia de uma compreensão mais profunda do significado da morte. Em vez disso, Ken Wilber aconselha: "Sacrifique a imortalidade do eu e descubra a imortalidade de tudo o que existe."[4] E em outro ponto ele diz: "Mover-se do inconsciente para a consciência do eu é tornar a morte consciente; mover-se da consciência do eu para a supraconsciência significa tornar a morte definitiva."[5] Nisso parece haver muito mais verdade do que em todos os modelos contraídos de explicação do caminho da morte.

Nesta seqüência dos Arcanos Maiores também fica muito claro o que significa criatividade autêntica. Se um homem vive inconsciente o primeiro terço do caminho, ele desenvolve sua consciência do eu no trecho central do caminho. Embora exista aí um pressuposto essencial para todo o processo criativo, a verdadeira criatividade é impedida pela nossa consciência do eu, mas também somente na medida em que quer provar como é extravagante. Podemos ver esse fenômeno em pessoas que tiveram uma boa idéia, uma experiência realmente impressionante ou criaram algo e, então, pelo resto da sua vida contam orgulhosamente sempre a mesma história. A esse beco sem saída do qual não surge nada novo, mas se reproduz o conhecido em uma nova embalagem ruim, corresponde O Enforcado. O ego repete apenas conhecimentos antigos que, com o passar do tempo, se tornaram tão estimulantes quanto o centésimo giro da roda do hamster. A criatividade autêntica só existe no último terço do caminho, que segue ao Enforcado. Ela pressupõe a retirada do ego. Só então uma força superior pode fluir e nos levar a novos conhecimentos, afirmações e modos de ação.

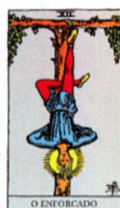
A carta da Morte simboliza o limiar para esse reino. Ela representa mudança profunda, graças ao fato de sua consciência não mais ser dominada por um ego sedento de poder. O eu que se tornou humilde, entregou a direção a uma instância superior, o Si mesmo.

Naturalmente, o verdadeiro potencial criativo está na profundidade. Onde mais poderia estar, a não ser nos reinos em que não olhamos antes? O que se en-

---

4. Ken Wilber, *Halbzeit der Evolution* [A Meio Caminho da Evolução], p. 169.

5. Idem, p. 389.



A armadilha do eu.



A superação do eu.



Entrega à direção superior.



O potencial da profundeza.



Ruptura das velhas estruturas.



Novas esperanças, novos horizontes.

contra na superfície e no claro já foi assimilado pelo ego há muito tempo. Somente os conhecimentos intuitivos dos reinos escuros, inconscientes, evitados até o momento, não demarcados ou temidos rompem as estruturas existentes e possibilitam novas perspectivas, novas esperanças e novos horizontes. Tudo isso se vê nas cartas, desde O ENFORCADO (XII) até A ESTRELA (XVII).

Há uma antiga lenda chinesa sobre a pérola mágica, que narra que nessa superação do eu está o passo decisivo na busca da verdade, do misterioso, do maravilhoso:[6] O senhor da terra amarela viajava para além dos limites do mundo. Chegou a uma montanha muito alta e viu a circulação do regresso. Então ele perdeu sua pérola mágica. Mandou o conhecimento ir buscá-la e não a teve de volta. Mandou a perspicácia ir buscá-la e não a teve de volta. Então ele enviou o esquecimento de si mesmo.[7] O esquecimento de si mesmo a encontrou. O senhor da terra amarela disse: "É estranho que justamente o esquecimento de si mesmo tenha sido capaz de encontrá-la!"

Na nossa viagem, nós nos aproximamos do inferno, o ponto mais profundo e escuro da jornada. Como aqui se trata de descer penhascos íngremes, atravessar abismos profundos e como é preciso vencer perigos desconhecidos e peregrinações por cumeeiras, o herói estaria totalmente perdido sem um condutor digno de confiança.

Mas onde encontrar um condutor de almas? Procurar por ele não tem sentido, pois aqui na segunda metade do caminho não há nada *a fazer*; aqui só podemos deixar acontecer. Mas abrir-se para ele e estar disposto a mantê-lo o atrai. Mais precisamente, ele sempre esteve aí, nós apenas deixamos de vê-lo e ouvi-lo.

---

6. Dschuan Dsi, *Das wahre Buch vom südlichen Blütenland* [O Verdadeiro Livro do País da Florescência] p. 131.

7. Quando diferenciamos entre o eu e o si mesmo no sentido dado por Jung, teria necessariamente de haver o esquecimento de si mesmo. O esquecimento de si mesmo como o pólo positivo oposto da afirmação: "Eu esqueço logo de mim!"



Virgílio conduz Dante na descida ao inferno.

Naturalmente, como arquétipo, o condutor de almas é uma instância interior, mesmo que gostemos de projetá-lo sobre outras pessoas, sobre um terapeuta, um sacerdote, um amigo, uma musa ou um guru. Como os mitos nos ensinam, trata-se quase sempre de uma pessoa do sexo oposto. Assim, Perseu de Atenas e Teseu foram conduzidos por Ariadne. O famosíssimo Ulisses agradeceu a Circe não



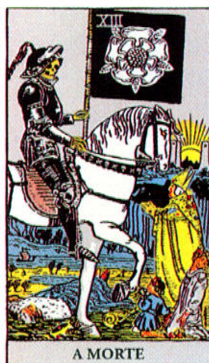
A sibila cumaica conduz Enéias pelo inferno.

ter sido vítima das perigosas sereias ou dos monstros Squila e Caríbdis. Enéias deixou-se levar pelo inferno pela sibila cumaica e Hércules seguiu o conselho de Atena. Sem sua ligação com Eros, Psiquê teria continuado inconsciente no inferno. Em Dante, de início foi Virgílio quem o levou pelas profundezas do inferno até a montanha da purificação. Mas isso aconteceu devido à intensa busca por Beatriz, a verdadeira condutora da alma de Dante, que então continuou a guiá-lo pelo resto do caminho até o paraíso e à visão do Mais Elevado.

Do ponto de vista psicológico, o condutor de almas é o nosso sexo oposto interior, a anima ou o animus. Quem se entrega a essa força de início inconsciente, será por certo melhor conduzido do que alguém que ouve os conselhos das outras pessoas, por melhores que eles sejam. Por isso é útil estabelecer um verdadeiro diálogo com sua anima ou seu animus. Mesmo se no princípio parecer bastante estranho falar em voz alta "consigo mesmo", graças à psicologia de Jung é altamente conhecido o fato de que essas conversas logo podem tornar-se muito produtivas. O próprio Jung enfatizou que as considerava uma técnica, e disse: "A arte consiste somente em dar voz ao invisível, colocando momentaneamente à sua

disposição o mecanismo de expressão, sem ser sufocado pela repugnância que possamos sentir com um jogo tão absurdo com nós mesmos, ou pela dúvida quanto à autenticidade da voz que está do lado oposto."[8] Ele continua explicando que, de início, acreditamos que todas as respostas obtidas foram dadas por nós mesmos, exatamente porque gostamos de acreditar que "fazemos" nossos pensamentos; mas na verdade, como nos sonhos, eles não são intencionais ou arbitrários, especialmente se forem formulados com afeto. Mas, para não ser vítima de uma ilusão, ele adverte, finalizando: "A honestidade dolorosa consigo mesmo e nenhuma exclusão precipitada do que a outra parte possivelmente possa dizer, são condições indispensáveis dessa técnica de educação da anima."[9] Por meio desses diálogos, com o tempo aumenta a disposição da consciência de levar cada vez mais em consideração as imagens e mensagens do inconsciente e de incluí-las na rotina diária.

Se analisarmos o ambiente escuro da carta A TEMPERANÇA, vemos que ela nada tem a ver com benignidade ou inexpressiva hipocrisia. O tarô a coloca entre A MORTE e O DIABO. A correlação com o Diabo é bastante compreensível. Um dos seus significados é o excesso em oposição à TEMPERANÇA, que representa a medida correta. Assim, o fato de as duas cartas estarem lado a lado é como um espelho de muitos desenvolvimentos, que muitas vezes começam com a medida correta, mas, cedo ou tarde, caem no imoderado. Mas um enunciado antes inesperado acontece quando incluímos as duas cartas que cercam a Temperança: A MORTE significa dar adeus, abandonar tudo e, portanto, corresponde à renúncia total, à abstinência. O DIABO, ao contrário, representa a cobiça e o excesso. Quando A TEMPERANÇA está entre esses dois temas, torna-se claro que



Renúncia e abstinência.



A mistura correta.



Excesso, cobiça e dependência.

8. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], Obras completas vol. 3, pp. 84, 85.

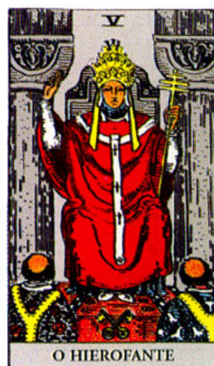
9. Idem, p. 86.

a medida correta fica entre a abstinência e o excesso. E é exatamente por isso que é tão difícil manter a medida certa. A maioria de nós por certo acha mais fácil deixar de comer chocolate (abstinência, Morte) ou comer logo uma barra inteira (cobiça, Diabo) do que comer um único pedaço; e isso nos parece muito comedido. Mas é exatamente aí que está a importante mensagem da carta A TEMPERANÇA. Não renunciar a nada e, no entanto, não apegar-se a nada; não evitar nada, mas nunca tornar-se viciado ou dependente. Uma postura como essa diante da vida é certamente mais difícil, e amplamente mais intensa, do que flutuar hipocritamente ao redor das coisas, tirando o corpo fora desde o início, deixando de fazer algumas coisas e simplesmente ser um corajoso aluno-modelo. Ao contrário, entregar-se com toda a confiança ao condutor de almas significa aceitar totalmente a vida sem prender-se em lugar nenhum.

A Temperança (XIV) está ligada ao Hierofante (V) através da soma transversal. Se o Hierofante foi o educador que preparou o herói para a viagem no mundo exterior, na Temperança temos o condutor de almas para a viagem pela noite. Se o Hierofante corresponde à conscientização, ao nosso isolamento da totalidade, que também pode ser entendido como o pecado original (veja p. 59), agora é o condutor de almas que quer nos levar de volta à totalidade, ou como diríamos num viés espiritual: da desgraça para a salvação. Nosso conceito de pecado proveio da palavra hebraica *chato* e da palavra grega *hamartia* e significou originalmente "falta do verdadeiro". Exatamente nesse sentido, o condutor de almas nos salva dos nossos pecados à medida que nos permite encontrar o nosso centro (o verdadeiro). Se o Hierofante transmitiu ao herói o código de ética e lhe deu a armadura moral que o trouxe até aqui, então o herói pode e deve, a partir de agora, confiar na força superior que, como sua consciência amadurecida, é a única que lhe pode dar certeza ao longo do restante do caminho.

Em contraste com todos os critérios válidos e confiáveis até o momento para nós, o condutor de almas não distingue entre o certo e o errado, o nobre e o profano, o útil ou o inútil, o valioso e o sem valor, e também não distingue entre agradável e desagradável. Neste ponto, até a avaliação entre bem e mal ensinada pelo Sumo Sacerdote torna-se obsoleta, porque a consciência madura compreende que nada na Criação é somente bom ou mau, mas que em tudo a medida é decisiva: o maior veneno na dose correta pode ser o único remédio para uma cura, ao passo que o bom demais — vivido com excesso — logo se transforma em mal.

A partir daqui vale unicamente a diferenciação entre afinação e desafinação. E, nesse sentido, afinado é o que o homem percebe como uma voz interior que lhe dá certeza total. Essa *vox dei* (voz de Deus) como é muitas vezes chamada, é descrita por Jung como um sussurro interior, que leva o homem a uma "reação verdadeiramente ética", a um modo de agir que pode colidir com a idéia ou com as leis modernas da moral. O poder explosivo que está implícito é evidente, e em todos os ca-



O educador e guia no mundo exterior.



O condutor de almas pelos espaços interiores e pela noite.



A medida correta.



O excesso.

sos pressupõe uma consciência amadurecida, que não se deixa enfeitiçar por puras quimeras e por achar-se sempre certo, um sabichão, que necessita ser valorizado ou que sabe diferenciar a sedução do poder das inspirações mais elevadas. Por esse motivo esse passo é dado somente agora, no final da superação do ego. Pois, naturalmente, não se trata aqui de um salvo-conduto que permite ao herói agir como quer; por isso, todo homem que estiver nessa posição deve, se possível, examinar se sente uma inspiração superior ou se na verdade se trata de influências duvidosas do seu ego, que talvez só tenham sido bem disfarçadas. A proximidade do Diabo, a carta seguinte, torna claro o grande perigo da confusão, contra a qual adverte não só a Bíblia enfaticamente, quando diz: "Não acrediteis em qualquer pessoa, mas examinai os que se apresentam, para ver se são de Deus" (I João 4:1). Vivida de modo imaturo, essa posição parece justificar atos de terror e outras ações intrigantes; segundo consta, atos assassinos destinados à melhoria do mundo. Vivida com maturidade, ela leva à exemplar e imperturbável estabilidade de um homem realmente piedoso, que serve a Deus e não aos homens, sem buscar elogios ou admiração.

É sempre o condutor de almas, a *vox dei* que aponta a saída "impossível" de um dilema ou de uma culpa trágica em que o ser humano se enredou. Esse é o tema central da tragédia grega, em que o personagem principal torna-se inevitavelmente culpado, na medida em que entra em conflito com a realização de duas tarefas que se excluem. Quando Antígone tem de escolher entre a sua dívida de enterrar seu irmão Polineiques e o dever de cumprir as ordens do seu tio, o rei que acabou de lhe negar o enterro, ela se torna culpada, seja qual for a sua ação. O código de tradições, que o Sumo Sacerdote transmitiu como base da consciência, nesses casos fracassa ou leva diretamente ao conflito por causa da sua contradição.

Uma solução só acontece depois de uma grande paixão, um tempo de sofrimento em que a alma parece se perder em meio aos opostos. Mas, de repente, eis que ela ressurge, a certeza inegável que é maior e mais clara do que as convicções anteriores. Ela não só dá aos seres humanos a força de tomar a decisão até então impossível, mas também os ajuda a suportar as conseqüências muitas vezes graves para o restante do caminho, com firmeza e de livre e espontânea vontade.

Mas não existe garantia de que tudo "saia bem" quando ouvimos nossa voz interior. Ao menos não no sentido de sairmos ilesos da situação. Por fim, Antígone precisou pagar sua decisão com a vida. Tudo vai bem na medida em que agimos com plena consciência e quando estamos firmemente dispostos a suportar até mesmo as conseqüências mais graves provenientes da decisão.

A *vox dei*, no entanto, não é audível apenas num caso de conflito. Ela também pode atingir uma pessoa de repente, surpreendendo-a com uma instrução, através da qual não raro ela é levada a um conflito como esse. Quando a Bíblia nos diz como a voz de Deus estimulou o profeta Oséias a casar-se com uma prostituta (Oséias 1:2) e se pensarmos o que isso deve ter significado para um homem justo, naquela época, reconhecemos como pode ser estranha e chocante uma tarefa como essa. Isso mostra mais uma vez que TEMPERANÇA não significa benignidade. Essa carta não tem nada a ver com moderação média ou indiferença e muito menos com indecisão medíocre; mas ela representa a descoberta da mistura correta, que nos permite continuar nosso caminho original sem erros, o qual ainda pode levar-nos a trilhar muitas cumeeiras críticas.

Palavras-chave para a carta A TEMPERANÇA	
ARQUÉTIPO:	O condutor de almas
TAREFA:	Aceitar orientação superior, encontrar a mistura certa
OBJETIVO:	Encontrar certeza interior insubornável, encontrar o centro e a totalidade
RISCO:	Seguir uma falsa inspiração, moderação
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Ser levado por uma grande força, harmonia, tranqüilidade e saúde



O Diabo

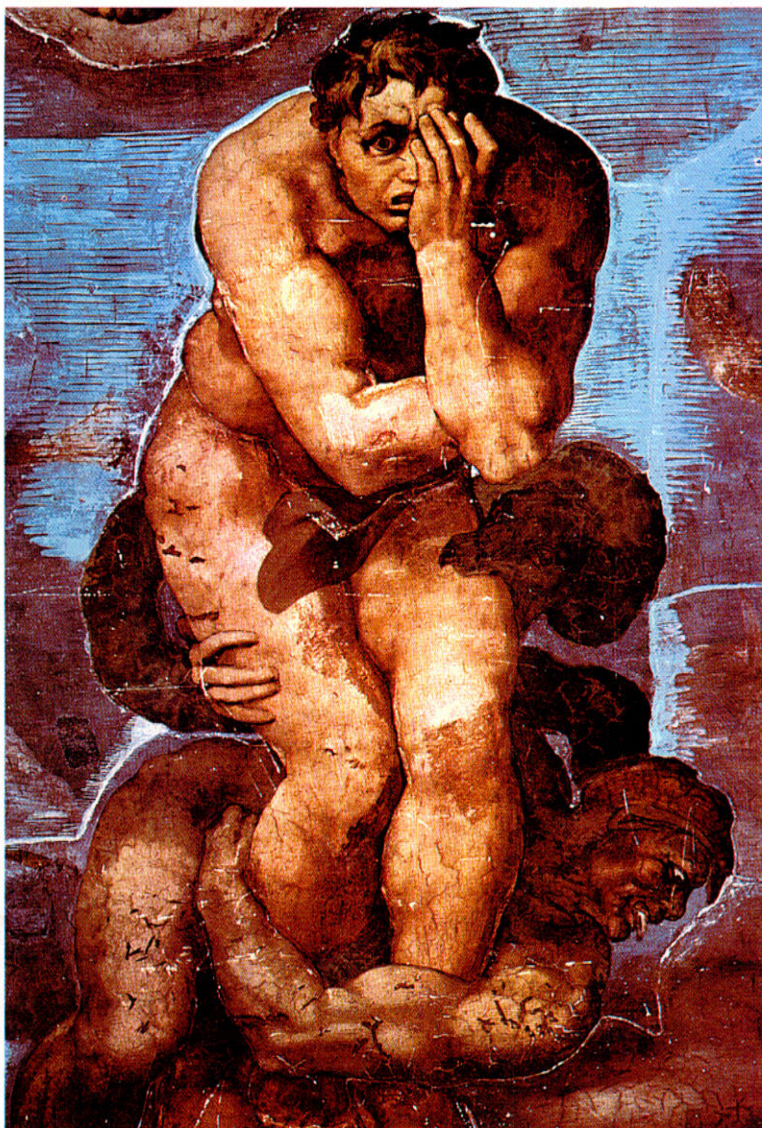
No reino da sombra

O Sol chegou a seu ponto da meia-noite e encontrou as forças das trevas. Da mesma forma, o herói desceu ao local mais escuro da sua viagem. Aqui no labirinto do inferno, o tesouro perdido, a bela prisioneira, a erva da vida ou qualquer que seja o bem de difícil alcance, é guardado por um monstro horrível, um dragão perigoso, um adversário maldoso.

Com essas imagens os mitos e contos de fadas descrevem a ameaça que parte do inconsciente e que sentimos tão logo entramos em contato com suas forças, pois trata-se de algo bem diferente do que ficar pensando sobre o inconsciente com toda a calma de espírito. Com o contato verdadeiro podemos ficar com medo e entrar em pânico, o que Jung explica por meio da analogia que esse encontro tem com uma perturbação espiritual. "Portanto, *analisar* o inconsciente como um objeto passivo" ele continua dizendo, "nada tem de perigoso para o intelecto; ao contrário, essa atividade corresponderia a uma expectativa racional. Mas deixar o inconsciente acontecer e vivê-lo como uma realidade, isso supera a coragem bem como o poder do homem mediano. Ele resolve não entender essas coisas. Para os fracos de espírito, é melhor assim; pois essa coisa não é de todo inofensiva."[1] Nesse ponto da viagem, contudo, é preciso encontrar e experimentar o lado sombrio do nosso ser.

Como no Ocidente cristão o diabo tornou-se o *summum malum*, a soma de tudo o que é mau, nele estão reunidos alguns aspectos de sombra. Isso não só atri-

1. C. G. Jung, *Traumsymbole des Individuations prozesses* [Símbolos Oníricos do Processo de Individuação], obras completas, vol. 5, p. 59.



O horror diante da visão dos demônios interiores.

bui muitas facetas ao significado desta carta, mas também às tarefas nesta estação arquetípica, visto que não podem reduzir-se a um único motivo.

Certamente, trata-se aqui do inconcebível no sentido duplo da palavra. Ao lado do que nunca concebemos em nossa vida, tudo o que recusamos como inconcebível, na firme convicção de que nada tem de ver conosco. Ações, motivos, desejos, intenções, pensamentos, características que achamos muito desagradá-

veis, que nos enchem de horror, dos quais nos envergonhamos, de que até então só tomávamos conhecimento nos outros; comportamentos, opiniões e expressões que achávamos repetitivas, insistentes e revoltantes, mas que nos excitam bastante, que podem nos abalar profundamente e que, pela primeira vez, temos de reconhecer como nossos — quando achávamos que estavam restritos aos outros. Aqui no reino escuro da sombra vive tudo o que reprimimos tão bem a ponto de nada ou quase nada sabermos a respeito. Tudo de que temos horror quando escurece. Tudo de que nos envergonharíamos até os ossos, caso nos pegassem ou se nós mesmos nos pegássemos "em flagrante". E temos de reconhecer e aceitar agora que tudo isso faz parte de nós. Não é de admirar que só o façamos com repugnância e com grande mal-estar.

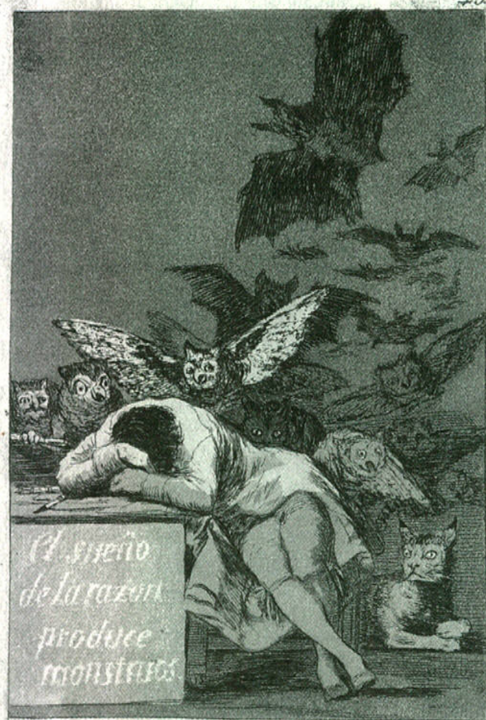
Devemos a Albert Camus uma descrição impressionante de uma confissão impiedosa, um autodesnudamento sem compaixão que, além disso, estimula à imitação. Em seu livro *Der Fall*[2] [A Queda] ele conta a história de um advogado famoso, bem-comportado e bem-sucedido nos melhores círculos, que tem uma imagem totalmente impecável de si mesmo. Mas, certa noite, ao atravessar uma ponte deserta, ele ouve um riso atrás de si. E esse riso não o deixa mais em paz, até que amargamente tem de confessar a si mesmo quem realmente é: enxergar a vaidade do seu ego, reconhecer a sua sombra impetuosa e compreender os verdadeiros motivos que estão por trás do seu caráter distinto e de todas as suas ações.

Nesse local escuro vive com dificuldade tudo o que gostaria mas não pode estar vivo em nós, uma vida infeliz de sombra. São as malquistas "pessoas interiores" que o nosso ego não considera dignas de sociabilizar-se e que expulsou sem mais nem menos. Elas encontram-se num lugar incômodo, naquela prisão realmente infernal que é baixa demais para permitir que alguém fique em pé e pequena demais para esticar-se, à qual durante a Idade Média se arremessava o criminoso, deixando-o totalmente esquecido. Nosso ego não lida menos brutalmente com os lados não amados da nossa personalidade. Eles são impiedosamente trancados e esquecidos. Não é de admirar que se transformem em demônios e atormentem a nossa consciência, e não só nos pesadelos.

Na linguagem dos contos de fadas esse é o local das almas vendidas. Aqui no inferno, Lúcifer vela sobre as partes divididas do nosso ser, sobre tudo o que nós, como seres humanos, não achamos que nos pertença. E é por isso que aqui está tudo o que nos falta para a totalidade e que, ao mesmo tempo, é a fonte de nossos erros.

Do ponto de vista psicológico, no caso do bem de difícil alcance, trata-se dos aspectos das nossas quatro funções da consciência que nós não desenvolvemos, que permaneceram inconscientes e que faltam à nossa consciência (veja pp.

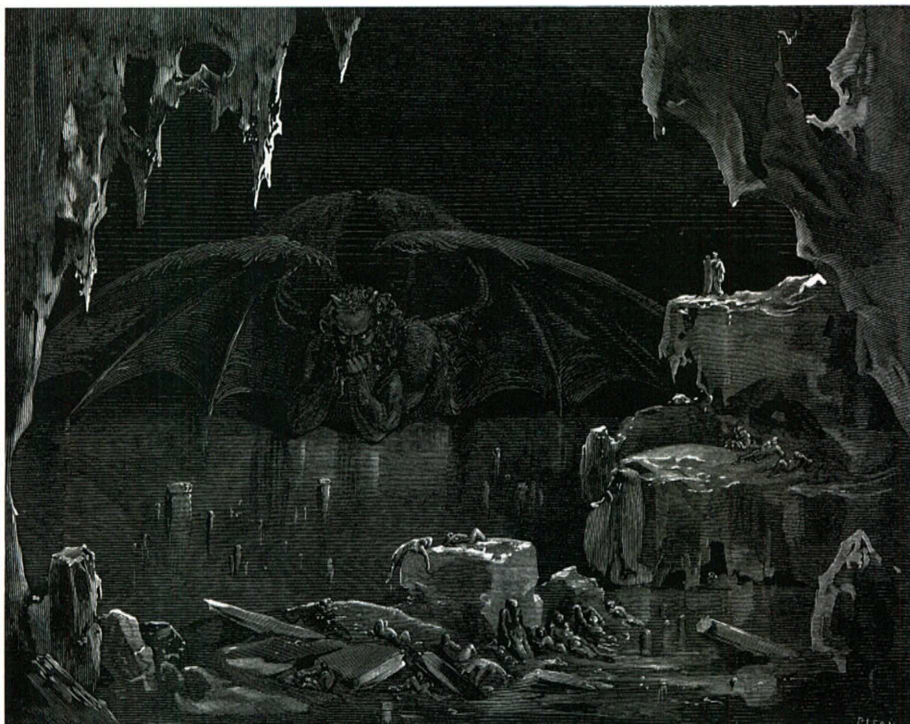
2. Ver Albert Camus, *Der Fall* [A Queda], pp. 34ss.



Assim que a razão desperta, que tudo controla,
quer dormir, os demônios reprimidos a atormentam.

78 ss.). Com sua falta e os erros resultantes dessa falta somos violentamente confrontados nesse aspecto. Pelo fato de termos de confrontá-los inevitável e repetidamente na vida exterior e de, bem ou mal, termos de lidar com eles, ou porque finalmente entendemos que temos de voltar-nos para esse aspecto, visto que falta à nossa totalidade.

O mais desagradável é que esse lado do nosso ser ficou muito pouco desenvolvido, rude e primitivo. Enquanto ao longo dos anos desenvolvemos com elegância as outras funções da consciência e as aprimoramos, essa parte abandonada ficou cada vez mais para trás, continuou incivilizada, inferior, obstinada e caótica. Por isso não a queremos, considerando-a incômoda; achamos que é supérflua e dispensável e a desprezamos — quando a percebemos em outras pessoas. Assim que nós mesmos temos de aprender a desenvolver essa função da consciência, isso não só é desusado e penoso, mas sobretudo toma muito tempo. Parece-nos que somos obrigados a usar óculos embaçados, quando todos os nossos outros óculos são tão claros e limpos. É como se tivéssemos de nos mostrar em sociedade como



Lúcifer vela sobre as partes divididas das almas que caíram nessa posição incômoda.

um velhaco desleixado ou como uma prostituta mal vestida. É por isso que até agora nos recusamos teimosamente a começar com isso.

Muitas vezes a nossa consciência é suficientemente soberba para acreditar que tudo o que reprimimos ou esquecemos não existe mais. O que reprimimos ou esquecemos, no entanto, tornou-se inconsciente mas continua bem ativo. Apenas não temos mais consciência disso. E é justamente nisso que há um grande perigo, porque só podemos controlar e viver com responsabilidade aquilo de que temos consciência. Um velejador que tem consciência do vento, pode até mesmo velejar contra o vento com a ajuda do próprio vento. Mas se não tivesse conhecimento dessa força, ele seria um joguete em suas mãos. O mesmo vale para os nossos desamados lados de sombra. Não saber nada sobre eles não quer dizer que eles não estejam presentes ou que não sejam eficientes.

Todos já viveram momentos em que subitamente "foram possuídos pelo demônio". Assim descrevemos uma situação em que imprevistamente surgiu uma força, que é demoníaca porque a separamos de nós e a reprimimos. De repente, esse lado demoníaco da nossa consciência, por assim dizer a ocupa e nos leva a fazer coisas para as quais não temos explicação, diante das quais posteriormente



No inferno, o reprimido corresponde ao estado obstinado, indiferenciado e caótico da função negligenciada da consciência.

perguntamos perplexos, como isso pôde acontecer conosco. A psicologia chama essas partes não integradas da nossa personalidade de "complexos autônomos", que, por assim dizer, levam uma vida de vagabundagem em nossa alma, movimentam-se como uma corja que tem medo da luz, fora do âmbito organizado da nossa consciência, à espera de um momento favorável e de descuido — um momento de excitação ou também de embriaguez — para tomar conta da consciência e viver "desavergonhadamente". Eles nos levam a fazer coisas que depois achamos estranhas, visto que o nosso eu não conhece esses lados e tampouco quer aprender a conhecer.

Mas, mesmo quando não chegamos ao ponto de ser possuídos pelo demônio, em que a consciência acha que está no controle, somos acuados e influenciados pelos lados não vividos da nossa sombra. Quem pode afirmar que não é seduzido ou manipulado, e quem pode afirmar que não repete coisas que há muito tempo se propusera não mais fazer? Todo ser humano luta contra as próprias fraquezas, os sedutores interiores. E quem acredita que superou essa problemática é possivelmente sábio, mas provavelmente apenas um ingênuo. Pelo fato de esses lados de sombra *faltarem* à nossa totalidade, por não desejarmos tomar conhecimento deles, eles se transformam em nossos *erros* e fraquezas, raízes da nossa falta de liberdade. Aquilo que nos falta, toma conta de nós e constantemente nos puxa outra vez para o fundo, talvez somente para se tornar percebido, para que não nos esqueçamos dele. Esses lados desamados e não vividos querem ser libertados de sua incômoda prisão, querem tomar forma e ser vividos. É por isso que apesar das nossas boas intenções sempre recaímos no erro, para que não acreditemos poder passar sem eles.

Mesmo que não nos demos conta disso, aqui estamos num local de cura. Aqui está aquilo que nos falta para a cura, para a nossa totalidade. Enquanto não aceitamos esse nosso lado de sombra, continuamos unilaterais e infelizes. Mas, naturalmente, essas reflexões não devem ser interpretadas como uma ordem para fazer desenfreadamente tudo o que não se fez antes, agredindo o vizinho, reagindo mal no trabalho ou em casa, ou passando a viver daí em diante segundo o princípio do prazer e, sem nenhuma vergonha, dando vazão às emoções. Trata-se muito mais de confessar as inclinações e desejos reprimidos e depois procurar uma possibilidade de integrá-los à personalidade consciente e vivê-los responsavelmente. Então o que era destrutivo pode tornar-se novamente construtivo porque voltou ao próprio lugar.[3] Isso não impede o sentimento da amargura. Uma pessoa que tomou conhecimento da sua sombra e que vive os lados antes reprimidos do seu ser, nunca é inofensiva. Ela pode, no mínimo, ser incômoda, provocante ou chocante. Mas ela sabe o que faz e o faz conscientemente.

Não nos libertamos daquilo que não pode ou não deve ser enquanto — no duplo sentido do termo — não o deixamos ser. Quanto mais lutamos contra algo e o reprimimos, tanto mais somos atraídos e ficamos fascinados por ele. Enquanto não nos declararmos dispostos ou não estivermos em condição de ver o que consideramos uma força sombria em nós, temos de encará-la de frente nos outros — o que para o ego naturalmente é muito mais agradável. Como conseqüência, a própria sombra nos ameaça cada vez mais, a partir do exterior. Em decorrência disso não só surgem animosidade pessoal, suspeitas monstruosas e atri-

3. Ver Marie-Louise von Franz, *Der Schatten und das Böse im Märchen* [A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas], p. 52.



Aquilo que nos falta sempre nos torna reincidentes.

buições insustentáveis de culpa, mas também todas as teorias de traição pessoal ou coletiva, em conseqüência das quais o mundo é dominado por um grupo que quer possuir todo o poder, como a corrente da moda e a posição política determinam ou determinaram, por exemplo, os comunistas, os maçons, os zionistas, os reis da droga, os fundamentalistas, as bruxas, os judeus, os verdes, os neonazistas, os hereges, os cientologistas, os bolcheviques, os mafiosos, os jesuítas, os grandes capitalistas, a CIA. O pérfido nisso é que o grupo incriminado não tem a mínima

chance de se livrar da projeção coletiva. Onde é projetado, o ser humano é totalmente insensato, porque seu juízo normalmente lúcido então fica imune mesmo aos argumentos mais esclarecedores. O bode expiatório não tem chance. Seja o que for que fizer, ele é acusado e fortalece todas as suspeitas tidas até o momento.

A luta contra a sombra, no exterior, corresponde sempre a uma sucção interior. O que é reprimido, por sua vez, tem tal fascínio que, com mais freqüência do que qualquer outra coisa, encontramos exatamente essas pessoas ou temas temidos, contra os quais lutamos com tanta persistência. Mas, muito pior, é que o reprimido nos leva a fazer secretamente o que não devemos — especialmente quando um ego vaidoso se permite concessões especiais — ou com toda a franqueza a fazer algo que parece bom ou nobre, mas que depois de uma observação mais acurada não apresenta nada de muito positivo. Talvez como um sacerdote, que, ao querer expulsar todos os demônios, com demasiada precipitação cai num exorcismo orgiástico, que é a característica de uma missa negra. Quando um homem de bem se vê compelido a ser um censor de pornografia e com grande sofrimento tem de assistir a toda aquela sordidez contra a qual ele luta, acaba consumindo muito mais pornografia do que qualquer cidadão comum. Seu ego naturalmente se sai bem da situação, porque pode assistir às cenas mais sujas e, no entanto, continuar usando um traje imaculado. Quando os protetores de animais matam pessoas para protegê-los, quando seres humanos lutam pela paz usando armas, quando os homens limpos da nação subitamente "se vêem imersos na sujeira", quando pessoas crentes em Deus de repente matam e esfolam tomadas de fervor religioso, quando grandes libertadores do povo se transformam em tiranos e déspotas, quando gurus exaurem a energia dos seus adeptos, então, com fervor mais apressado do que sagrado, os homens são vítimas de suas sombras e, na maioria das vezes, nem percebem isso.

Aqui, na profundeza da noite, mora mais uma sombra muito especial, que sempre tornamos a encontrar no decurso da vida. É o nosso sexo oposto inconsciente, que Jung chamou de *anima* e *animus*. Ambos, como todas as imagens interiores, têm dois pólos: um iluminado e outro sombrio. O pólo iluminado da anima ou do animus já encontramos há tempos. Naquela ocasião em que nos apaixonamos perdidamente pela primeira vez. Nesse momento, a mulher encontra seu animus, e o homem se deixa encantar pela anima, pois essa força mágica só pode provir do inconsciente, visto que mais nada é capaz de encantar a nossa consciência.

Estar apaixonado significa estar enamorado da própria imagem interior. A pessoa que faz o nosso coração bater com mais força, talvez tenha o nariz apropriado no qual podemos pendurar nossa imagem. Alguma coisa nela nos possibilita essa projeção. Mas esse algo é bem pouco em comparação com o que vivemos; talvez corresponda ao relacionamento do quadro com o prego. Segundo a experiência, a paixão raramente dura mais do que seis meses. Então a imagem maravi-

lhosa paulatinamente adquire rasgos, fica quebradiça e mostra contornos cada vez mais estranhos e feios. De início, ainda fazemos o melhor possível para salvar o quadro original, porém, mais cedo ou mais tarde, censuramos zangados o príncipe encantado ou a mulher dos nossos sonhos: "Mas você mudou muito!" e queremos dizer naturalmente, "para pior!" Nós chamamos o outro de "trapaceiro", sentimo-nos decepcionados e acreditamos ter enxergado finalmente a sua verdadeira natureza. Mas, durante todo esse tempo, o nosso oposto não se modificou, só a nossa força de projeção foi ficando cada vez mais fraca. Para muitas pessoas isso é motivo para jogar tudo fora e procurar um novo objeto de projeção, para durante mais seis meses entregar-se à embriaguez da paixão. Outras, com o tempo, estão dispostas a se tornar mais maduras e a aprender, aos poucos, a diferenciar entre a imagem anímica e a realidade. Para elas o verdadeiro relacionamento só começa depois que acaba a paixão.[4]

Com o Diabo chegamos ao pólo oposto escuro da anima e do animus. Se ficamos encantados com o aspecto claro da nossa imagem anímica, até a vida nos ensinar a reconhecer nele as nossas projeções, sentimo-nos profundamente ameaçados pelo aspecto sombrio da nossa imagem interior. Dessa vez é ainda mais trabalhoso compreender que se trata de nossas próprias imagens e não das pessoas sobre as quais transpomos esses lados de sombra. Por isso, fazemos realmente tudo para provar o contrário. Estamos totalmente certos de que não se trata de projeções, mas de riscos bem reais que nos ameaçam e por isso têm de ser banidos e destruídos o mais depressa possível. Mas, por mais que ameacemos bater em nossa sombra, de queimá-la ou tentar nos livrar dela de alguma outra maneira, estranhamente ela vem outra vez à tona. Ela nos pertence e, assim como a nossa sombra física, tampouco pode ser eliminada.



O aspecto escuro da deusa hindu Kali.

4. Para mais informações sobre o tema, ver Hajo Banzhaf e Brigitte Theler, *Du bist alles, was mir fehlt* [Você é Tudo o que me Falta].



Medusa com a cabeça coberta de cobras.

As antigüidades patriarcais quase só nos legaram imagens sombrias femininas, antes de tudo o lado escuro da Medusa, que tem seu correspondente no aspecto escuro da deusa hindu Kali e na danação que perdurou durante o delírio das bruxas da Idade Média.

Quando um homem atribui cegamente essa imagem do pólo escuro da sua anima à sua parceira e sabe com toda certeza que ela é exatamente assim, para ela com certeza fica difícil manter um relacionamento harmonioso com ele. O mesmo vale, naturalmente, para uma mulher que sem qualquer inibição projeta o seu guerreiro furioso, o seu carrasco ou o seu monstro atroz sobre o seu homem. Se já era difícil descobrir e retomar a projeção luminosa, é muito mais trabalhoso entender que essa projeção sombria se refere às nossas próprias imagens, embora as percebamos e sintamos tão de perto e de modo tão convincente em nosso oponente. Mas, quanto mais obstinadamente nos fechamos a essa compreensão, tanto mais freqüente e intensamente essas sombras aparecem na nossa vida. Ficamos profundamente decepcionados com todas as pessoas nas quais

podemos repentinamente perceber essas características negativas. Com raiva sagrada nos separamos até mesmo da pessoa mais próxima, que antes amávamos, e juramos tomar mais cuidado da próxima vez. Mas por mais que tentemos estar bem seguros e por mais que tentemos testar e avaliar o outro, assim que a próxima paixão arrefece constatamos com surpresa que nos relacionamos outra vez com um diabo — ou com uma bruxa. Depois de algum tempo achamos ter reunido suficientes experiências negativas, para podermos definir o homem ou a mulher. Com orgulhosa resignação nós nos insurgimos e determinamos nunca mais nos relacionar. Nunca mais!

Talvez nos demos conta de que nós também trazemos em nós essas experiências irritantes e decepcionantes, e voltamos a libertá-las outra vez no relacionamento com as outras pessoas; é a nossa sombra que se projeta em nosso ambiente e temos de reconhecer esse mundo de sombra interior em nós, temos de integrá-lo, em vez de combatê-lo no exterior a ferro e fogo. Em todo o caso, a mensagem de muitos mitos, que dizem que não é o caminhante solitário que chega ao objetivo, mas somente o herói levado pelo seu condutor de almas (do sexo oposto), nos deve dar o que pensar. Só em nossa lida intensa com o sexo oposto podemos nos tornar totais. O retraimento amargurado, o endurecimento brusco ou a independência auto-imposta não são soluções. Quem fracassa nos relacionamentos, quem foge persistentemente do outro sexo, fracassa numa parte essencial de sua tarefa de vida. Um solteirão permanece como meia totalidade.

A carta do tarô mostra-nos Adão e Eva amarrados por correntes em poder do diabo. Ela representa a dependência, o vício e a falta de liberdade, e significa que temos de fazer algo contra a nossa convicção, contra a nossa vontade. O motivo é notório: não estamos livres, estamos presos e, portanto, somos manipuláveis. Mas como podemos ver na carta, as correntes estão suficientemente frouxas para que ambos possam se soltar delas. Mas para isso eles teriam de compreender o que os mantém presos. E é exatamente nisso que está o problema. É tremendamente difícil para nós reconhecermos as causas originais de nossas dependências e vícios.

Por trás de cada vício está uma busca que não deu certo. Muitas vezes os inter-relacionamentos são tão recalcados que não sabemos mais o que realmente procuramos e, de várias maneiras, não temos mais certeza se estamos procurando alguma coisa. Apenas sentimos as conseqüências, por exemplo continuar a fumar, embora já tenhamos renunciado várias vezes ao cigarro. Ao menos na primeira metade do caminho, procuramos solucionar esses problemas com o método "masculino" da "eliminação", fiéis ao lema: "Quando eu quero, eu posso!" ou "Seria ridículo eu não conseguir controlar isso!" Aparentemente algumas pessoas são bem-sucedidas nessa tarefa. Com grande firmeza, elas reprimem o sintoma e acreditam que assim resolveram todo o problema. Mas é claro que essa não é a solução. Dessa maneira, nenhum fumante deixa de sê-lo, mas na melhor das hipóte-

ses torna-se um fumante que não fuma. Mais cedo ou mais tarde o problema acha outro sintoma para não cair no esquecimento; em casos muito raros a consciência entende esse inter-relacionamento. Muitas pessoas tornam-se reincidentes antes e fracassam nas boas intenções com que sabemos que o caminho para o inferno é pavimentado. E é exatamente aí que nos encontramos agora.

Aqui no mundo da sombra está o verdadeiro problema. Quando o solucionamos, termina com isso também o sintoma. A dificuldade está somente em rastrear o problema e descobrir o que realmente buscamos, que lado não vivido em nós quer tornar-se vivo. Quebrar a cabeça e pensar é o que menos nos ajuda a prosseguir. Nossa consciência apenas nos dará sugestões que passam ao lado da verdade. Pois o verdadeiro já está dividido por "boas razões". O ego sente-se muito ameaçado pelo que lhe falta, e por isso o baniu para o reino da sombra. Ele de preferência "fará o diabo" antes de deixá-lo entrar na consciência. Mas o nosso si mesmo, que nos quer levar à totalidade, cuida continuamente para que encontremos outra vez esse tema pelo qual procuramos, mesmo que a nossa consciência *partout* não queira reconhecê-lo e, em vez disso, negue firmemente que essas coisas tenham algo a ver conosco. Para quem de fato quer compreender, uma atenção amigável nesse ponto é de grande ajuda, isto é, observar com atenção tudo o que sempre voltamos a encontrar, tudo o que vive nos ocupando interiormente ou se mostra em nossos sonhos. Se a nossa razão não se opuser hostilmente aos conhecimentos intuitivos, porém até deixar que entendamos que a fuga não é uma solução, que exatamente para onde "queremos fugir", onde nos esquentamos e ficamos zangados, pode estar o verdadeiro tesouro, muito se alcançou. Para a solução do problema, em muitos casos, caracteristicamente nem sequer é necessário compreendê-lo. Basta acontecer o certo. Isto é, a nossa busca termina no momento em que damos o passo certo, mesmo que nunca reconheçamos ou entendamos o que aconteceu, e como esses dois temas estavam interligados.

Chama a atenção como em certos círculos ditos esotéricos se costuma fazer um grande rodeio para falar de tudo o que parece escuro, oculto ou sinistro como o diabo. Para muitas pessoas parece não haver contradição em falar constantemente de salvação e de totalidade para, no mesmo momento, jurar nada ter a ver com o "preto", ou sem querer logo transformá-lo em branco, sempre que o encontra. Por isso muitas vezes preferem-se os trajes brancos, e a meditação sobre a luz é uma tentativa desesperada de manter longe todo o escuro e todo o mal. A conseqüência pode ser uma mania psicológica de perseguição. Em compensação, como o inconsciente sempre se comporta como se fosse consciente, um consciente branco doentio exorciza necessariamente um inconsciente negro como piche. E como o ego não é conquistado pelos conteúdos escuros, eles têm necessariamente de constelar-se no exterior como o mal, com que essas pessoas se sentem cada vez mais ameaçadas. Jung nos pede para refletir: "Não nos salvamos por imaginar o claro, mas pelo fato de tornarmos o escuro consciente. Esta última coisa é desagradável

e, portanto, não é popular."[5] Deve dar o que pensar que o nome do diabo seja Lúcifer, que significa portador da luz. Como a força que conceituamos como escura e má pode ser um portador da luz? O nosso ego é muito hábil ao colocar-nos sempre na luz correta, para que em comparação com as outras pessoas sempre nos saiamos bastante bem. Não que a nossa avaliação de nós mesmos esteja incorreta, ela é apenas muito unilateral, porque deixa à margem lados essenciais. E por isso sabemos muito pouco sobre nós mesmos enquanto só ouvimos os elogios do nosso ego. Mas se encontramos nossos lados de sombra e reconhecemos que eles também fazem parte de nós, abre-se em nós uma luz que diz que *nós também* somos isso. Por isso os gnósticos gostavam de comparar o mal com um espelho quebrado caído do céu. Um espelho não tem imagem própria. Ele mostra a cada um que olha para ele uma imagem, que ele não poderia ver sem o espelho. Nessa verdade ampliadora da consciência está o aspecto lúcido do diabo.

Enquanto um ser humano não sabe nada sobre a sua sombra, ele se acha inofensivo. Mas diz Jung: "Quem conhece a própria sombra sabe que não é inofensivo."[6] Quanto menos reconhecermos o escuro em nós, tanto menos confiaremos no nosso oponente. Uma pessoa amargurada, amargura também as pessoas com as quais convive. Ela também foge de confrontos necessários, na medida em que simplesmente afirma que todas as pessoas são boas. Seu ego a adula com a idéia de que tem tanto amor por todas as pessoas que se encontra num nível superior de desenvolvimento ao dos pobres não-iluminados, que ainda têm de lidar com uma vida repleta de conflitos e com pessoas inoportunas. Mas não é um amor grande demais, mas a mais pura covardia que a impede de se engajar realmente em seus anseios ou de lutar pelos seus direitos. Isso não raro faz dessa pessoa uma vítima, porque ela não quer ver como os outros usam sua ingenuidade, traindo-a ou tornando-a ridícula. Assim como ela teme o encontro com a própria sombra, ela também foge ao confronto com os aspectos de sombra das outras pessoas. Em vez disso, ela embeleza ou torna inócuo o que não quer ver. A desvantagem aparente não é só que a pessoa se torne vítima, mas que fique enrijecida no papel e no nível de consciência de uma criança inocente, que não consegue acreditar que o mundo é mau. Como criança, talvez tenha aprendido que é suficiente ser bom. Mas como adulto, essa posição infantil logo se torna ridícula e cada vez mais problemática. Marie-Louise von Franz disse sobre isso: "A única possibilidade de passear pela vida como um tolo inocente, bem educado, protegido pelo pai e pela mãe de todo o mal deste mundo e portanto batido, traído e roubado em cada canto, está em descer às profunde-

---

5. Citado por Gerhard Wehr, *Tiefenpsychologie und Christentum* [Psicologia Profunda e Cristianismo], C. G. Jung, p. 120.

6. C. G. Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência], obras completas, vol. 3, p. 192.

zas do próprio mal, o que nos coloca na posição de reconhecer instintivamente o elemento correspondente nas outras pessoas."[7]

As cartas OS AMANTES (VI) e O DIABO (XV) estão ligadas pela soma transversal. No Tarô de Rider, essa correlação ainda é acentuada por um motivo semelhante. Vemos Adão e Eva antes e depois do pecado original. Na carta OS AMANTES, eles estão sob a proteção de Rafael, o guardião da Árvore da Vida, o curador da Terra e dos seres humanos. Esse arcanjo também vale como guia através do inferno e como domador do anjo negro Asael, um correspondente do diabo no Velho Testamento, sob cujo poder se encontram as pessoas da décima quinta carta. A ligação dessas duas cartas nos estimula a nos livrarmos de entrelaçamentos, dependências e da falta de liberdade (Diabo) a fim de trilhar o caminho da livre decisão do coração (Os Amantes).



O caminho da livre decisão do coração.



Dependência e entrelaçamentos passionais.

As duas cartas, contudo, se mostram como os dois pólos da mesma vivência; um conhecimento que na verdade esconde algo monstruoso. O ser humano sente-se muito nobre, bom e puro e acredita estar livre de toda maldade quando ama com toda a intensidade do seu coração. O entrelaçamento dessas duas cartas mostra que mesmo quando estamos totalmente convencidos da pureza dos nossos motivos e do nosso verdadeiro amor, surge um pólo contrário sombrio na forma de cobiça, luxúria, sede de poder e sentimento de posse, e outros aspectos atrozes. No entanto, também acontece o contrário: mesmo quando só enxergamos o mal nas outras pessoas, quando juramos vingança e de preferência gostaríamos de destruí-las, mesmo então existe um pólo oposto claro, apesar de reprimido. Por trás do ódio, da raiva e da repugnância escondem-se sentimentos de amor condensados até tornarem-se insuportáveis.

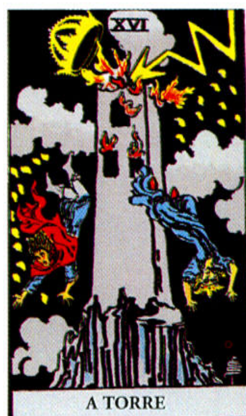
O conhecimento de que esses pólos de fato se pertencem e só juntos formam a totalidade — como o claro e o escuro, como o dia e a noite — é insuportável principalmente para os nossos sentimentos nobres e sagrados. Gostaríamos de só manter em nós o lado claro e de deixar o lado escuro para o inferno. A tristeza dessa tensão aparece nas famosas palavras de Fausto, com as quais Wagner explica a ingênua benignidade ao representante: "Você só tem conhecimento de um dese-

7. Marie-Louise von Franz, *Die Suche nach dem Selbst.* [A Busca do Si Mesmo], p. 18.

jo. Nunca queira conhecer o outro! Ah! Duas almas moram no meu peito! Uma quer separar-se da outra."[8]

Palavras-chave para a carta O DIABO	
ARQUÉTIPO:	O adversário
TAREFA:	Superação dos obstáculos interiores, visão dos aspectos de sombra não vividos, tornar o escuro consciente, retomar projeções
OBJETIVO:	Entender os próprios erros, descobrir lados desconhecidos do próprio caráter, libertar-se dos vícios
RISCO:	Ser vítima das sombras, reincidir no erro, destemperança, luxúria, lutas de poder
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Falta de liberdade, dependência, loucura, ser possuído pelo diabo, ser tentado a fazer algo que não se deseja fazer

8. Johann Wolfgang von Goethe, *Fausto*, I, 1110.



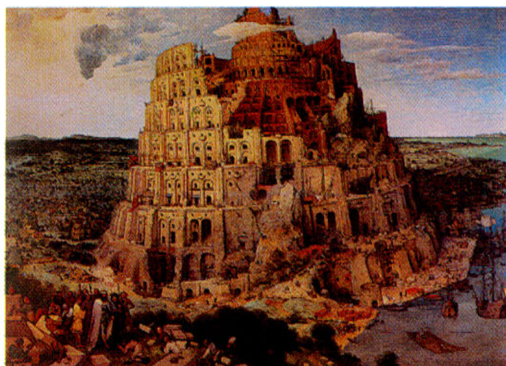
A Torre

A libertação dramática

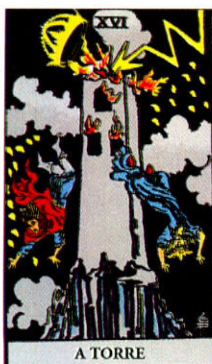
Depois que o herói tiver êxito em entrar no inferno, ele deve então salvar da violência do adversário o bem perdido, a alma vendida, ou seja o que for que estiver preso nas garras dele. Essa tarefa corresponde à carta A TORRE. Ela representa vencer o guarda, matar o dragão, a destruição repentina da prisão, a liberdade da alma aprisionada, o arrombamento dos portais do inferno.

A carta mostra um raio, que atinge a torre e derruba a sua coroa. Uma coroa dessas, fechada em cima, significa que não se reconhece nenhum poder acima do seu. Isso faz da Torre um símbolo do orgulho, da megalomania e da exaltação do eu, como a famosa torre da Babilônia.

Como o dedo indicador de Deus, o raio simboliza um acontecimento exterior que leva ao desmoronamento de uma velha ordem. Da mesma forma, pode tratar-se de um raio do espírito, que nos permite perceber instantaneamente como nossas idéias até o momento estavam erradas, como as havíamos construído sobre areia. No entanto, o seu significado fica mais claro quando a comparamos com a carta QUATRO DE BASTÕES que, nos Arcanos Menores, representa o pólo oposto da Torre.



A torre da Babilônia.
Símbolo da megalomania.





A Torre e o Quatro de Bastões como pólos opostos.

Ambos os motivos mostram uma grande construção: um castelo, uma torre. Em ambas as cartas estão as mesmas pessoas, usando trajes idênticos. Enquanto elas alegremente deixam o castelo na carta QUATRO DE BASTÕES, na carta A TORRE elas são arremessadas para fora. Para compreender o inter-relacionamento das duas cartas, podemos imaginar como motivo da carta QUATRO DE BASTÕES o lar ideal da nossa infância. O castelo em segundo plano representa — como o lar paterno — a segurança que sentíamos por trás de nós, enquanto saíamos curiosos e receptivos para conhecer o mundo, acompanhados da certeza profunda de poder voltar à segurança do lar paterno. Assim, a carta QUATRO DE BASTÕES significa paz, franqueza e segurança dentro de uma moldura apropriada. Mas quando continuamos a viver no mesmo quarto de criança aos quarenta anos, e a mãe nos serve o café da manhã como antes, então o que originalmente era harmonioso e afinado já se torna muito apertado porque nós crescemos. Essa estrutura apertada demais tem de ser destruída. Por isso a Torre significa que algo vai se romper, algo a que estamos demasiadamente apegados, algo que já foi apropriado mas que se tornou muito limitado, tímido, superado ou cristalizado e que, em última análise, representa uma prisão.

Assim, a carta pode representar a destruição de uma imagem demasiado limitada do mundo, de um sistema de valores antiquado ou ingênuo demais, a libertação de um condicionamento demasiadamente limitado ou também o desmoronamento de uma falsa auto-imagem. Mas, ao mesmo tempo, a Torre representa a ruptura para uma liberdade maior. O problema se resume no fato de que nos acostumamos muito bem à nossa prisão. Ela era apertada, mas nós a conhecíamos. E costumamos nos apegar ao conhecido, mesmo que seja um mal. Por isso, via de regra, vivemos com medo o desmoronamento simbolizado pela Torre e muitas vezes o consideramos uma catástrofe. Só mais tarde, olhando retroativamente, reconhecemos nele a libertação decisiva.

Se provocado interna ou externamente, o raio simboliza uma modificação súbita, que faz ruir o que era natural. Pode ser um aviso de demissão do emprego, uma separação repentina, o fracasso de expectativas firmes ou o abalo da nossa auto-imagem. Nesses casos, tomamos consciência de que a realidade é maior e diferente do que a havíamos imaginado. E é exatamente nisso que está o conhecimento claro que nos espera para eliminar todas as incertezas, "esclarecer" todas as

inseguranças e controlar até mesmo o imprevisível; o nosso ego havia idealizado a realidade e estabelecido os limites dentro dos quais sentia-se seguro. Egos com idéias semelhantes gostam de juntar-se a grupos de um mesmo interesse, que apresentam a vantagem de os membros confirmarem e darem razão às idéias uns dos outros, o que faz bem ao ego de cada um e aumenta a confiança no mundo imaginário comum, a única realidade "verdadeira". Egos com outras idéias são deixados de lado ou, na melhor das hipóteses, são alvo do riso e da zombaria porque são "tão tolos", "tão ignorantes", porque "não entendem nada" ou "simplesmente porque não fazem idéia das coisas". Caso as idéias dos outros sejam vistas como uma ameaça, o ego acredita que tem de combatê-las e, se necessário, destruí-las. Assim sendo, o ego gosta de andar pela vida com a firme convicção de conhecer melhor a verdade e de a ter pesquisado, e todo seu empenho está em tentar confirmar sempre e em toda parte as idéias em que acredita.

Nós amamos muito mais as imagens que fazemos da realidade, do que a própria realidade. Nós nem sequer percebemos que as nossas idéias se interpõem entre nós e a realidade e que, com isso, nos separam da experiência direta da realidade. Com toda a naturalidade, nós retemos como verdadeiras as imagens que nossos pensamentos criam, alimentados por lembranças, desejos, medo ou cobiça. Nossa razão interessa-se muito menos por conhecer a realidade objetiva, do que por apegar-se a uma idéia favorável, cômoda, mas principalmente conhecida. Por exemplo: alguém pode alimentar secretamente a suspeita de que algo não vai bem num relacionamento. Mas logo deixa esse pensamento de lado e tenta convencer-se de que, na verdade, tudo é maravilhoso; pois, caso contrário, terá um problema e terá de questionar-se, talvez até mesmo de modificar-se. Então é muito mais cômodo negar todos os indícios e convencer-se de que está tudo em ordem, ou ao menos normal, porque afinal, os vizinhos e amigos não vivem melhor. Mas então chega o dia em que se descobre perplexo a realidade por trás das imagens, diante da qual desmoronam os belos palácios que o ego construiu com tanta satisfação. Então, essa pessoa tem de constatar, assustada, que a realidade é totalmente diferente do que sempre imaginou. Essa é a Torre.

Nem sempre as imagens a que nos apegamos são felizes. Do mesmo modo, podemos sofrer com as imagens que fizemos da realidade. Há dois mil anos, o filósofo grego Epíteto constatou que não são as coisas que nos inspiram inquietação, mas a idéia que fazemos delas. Elas podem tornar-se idéias fixas que nos amarguram a vida. Quando, por exemplo, o ego se enrijece com a idéia fixa de que elevadores são perigosos, a pessoa treme de medo cada vez que tem de subir num deles, pois tem a firme convicção de que o elevador no mínimo ficará parado ou então cairá no fundo do poço. Mais cedo ou mais tarde, ela começará a evitar todos os elevadores e seus temores passarão a ter mais conteúdo de verdade do que os mais sensatos argumentos e experiências. O preço dessas idéias fixas, além da limitação crescente da liberdade de movimentos, é um maior sofrimento na vida.



Quando os palácios, em que nosso ego se sentia tão bem, desmoronam, reconhecemos subitamente a realidade por trás das nossas imagens.

Nesses casos, a Torre também pode significar uma experiência-chave, o raio do espírito que nos possibilita alcançar a liberdade.

Como as paredes da Torre nos impedem de ver o todo maior, porque elas nos separam da Unidade como qualquer limite, elas têm de desmoronar. Nas palavras de Krishnamurti, trata-se do "esvaziamento" da consciência, do seu descondicionamento e da sua purificação do passado.[1] Mas como o nosso ego se apega inteiramente e com absurda obstinação às próprias idéias estreitas, muitas vezes ele precisa de uma experiência intensa e surpreendente para se libertar. É por isso que os contos de fadas são tão radicalmente monstruosos quando se trata de aniquilar o mal, pois só é considerado mal o que tenta impedir a conscientização. Assim, o mal é impiedosamente banido nos contos de fadas.[2]

Nesse âmbito profundo de significado A TORRE se abre para uma verdade imensurável, à medida que permite que sistemas de valores antigos e condicionados desmoronem e abalem a ordem tão apreciada pelo espírito ocidental como clareza e lógica em suas festas básicas. É exatamente nisso que está o principal pressuposto da experiência da realidade superior, da unidade abrangente que, segundo sua essência, tem de ser paradoxal. Romper a limitação dos nossos bloqueios de

---

1. Ver Vanamali Gunturu, *Krishnamurti*, pp. 149ss.

2. Ver Marie-Louise von Franz, *Der Schatten und das Böse im Märchen* [A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas], p. 126.

consciência sempre foi o objetivo dos grandes mestres da sabedoria, que — como talvez o legendário mestre sufi Mullah Nasrudin — por meio de inesperados saltos de pensamento abalam as mais firmes convicções, da mesma forma como fazem perguntas que, para nossa surpresa, levam ao absurdo as coisas conhecidas que considerávamos naturais. Pelo mesmo motivo, os praticantes do Zen-budismo recebem enigmas junto com a meditação (koans), diante dos quais a consciência que busca a clareza está destinada a fracassar.

Em tudo isso não devemos subestimar o que significa quando A Torre da consciência estreita ou falsa é derrubada, pois o desmoronamento da idéia consciente não é coisa de pouca importância, como acentua Jung, porém sempre "um pequeno fim do mundo em que tudo volta ao caos original. Nós nos rendemos, ficamos desorientados, somos como um barco sem leme, entregue à fúria dos elementos. Ao menos é o que parece. Na realidade, entretanto, caímos no inconsciente coletivo que, de agora em diante, assume a direção".[3] Mas ele também adverte que existem muitos casos em que o desmoronamento significa uma catástrofe, que arruína uma vida, como aqueles em que uma voz interior dá à vida uma nova direção. Pois o modo como vivemos A Torre depende totalmente de como nos aproximamos dela, do quanto nós amadurecemos no caminho que ficou para trás. Quanto mais permeáveis, presumidos ou pedantes formos, tanto mais dramática será a experiência. Jung até mesmo disse: "Uma consciência convencida está tão hipnotizada por si mesma que não permite que se fale com ela. Portanto, está destinada às catástrofes que em caso de necessidade a matam."[4]

Transposta para o caminho de desenvolvimento do ser humano, existem muitas correspondências para a experiência da Torre. Por um lado, trata-se aqui da libertação da alma vendida, do levantamento do bem de difícil alcance, um símbolo da quarta função da consciência até agora negligenciada e desprezada (veja p. 78) e das transformações, abalos e novas avaliações da nossa concepção do universo. Por outro lado, trata-se de viver algo que nunca ousamos viver, porque não tínhamos coragem, porque havíamos vendido nossa alma à segurança, benignidade ou a algum outro falso sistema. E por isso A Torre pode significar que "explodimos uma bomba", rompemos várias circunstâncias limitadas, pedimos demissão do emprego, deixamos simplesmente de participar do jogo, ou subitamente mostramos um lado de que ninguém nos supunha capazes (inclusive nós mesmos).

Do mesmo modo, A Torre pode representar a superação da mesquinhez, o rompimento das correntes que até agora nos aprisionavam e limitavam os nossos

---

3. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], obras completas, vol. 3, p. 46.

4. C. G. Jung, *Erlösungsvorstellungen in der Alchemie* [Conceitos de Redenção na Alquimia], obras completas, vol. 6, p. 243.

movimentos. No conto de fadas do Rei dos Sapos ele coaxa logo três vezes, quando os laços se soltam do coração do fiel Henrique, e a cada vez diz:

"Henrique, o carro quebrou."
"Não, senhor, não foi o carro.
É uma corrente do meu coração,
Que estava sofrendo muito..."

Mas naturalmente aqui também se trata da superação daquilo que até agora confundia a visão, do que exercia um poder inconsciente sobre nós, levando-nos a fazer coisas para as quais não tínhamos explicação e que de muitos modos nos paralisavam e impediam de viver. Vista sob esse ângulo, A Torre corresponde ao motivo central de muitos mitos e contos de fadas, que nos contam sobre a vitória contra o adversário, o dragão, que atemorizava e assustava todo mundo, bem como a libertação do que ele mantinha prisioneiro. Por um lado, esse monstro pode ser entendido como a nossa resistência interior que, diante da nossa missão de vida, nos faz dizer com rigor: "Tudo, menos isso!" ou ainda de forma mais drástica: "Prefiro morrer!" (veja p. 113). Sem dúvida, superar essa resistência e fazer o que até agora era absolutamente impossível é uma forte experiência da Torre.

Por outro lado, podemos entender o dragão como uma instância interior de controle, como uma imagem poderosa de pai ou de mãe da qual não nos pudemos livrar até o momento, à qual estamos entregues e que há muito tempo nos impede de trilhar nosso próprio caminho. Esse é o tema de muitos mitos e contos de fadas. Quando João está preso na casa de doces no meio da floresta — um atraente paraíso do prazer — e a bruxa quer engoli-lo, isso corresponde a uma imagem escura totalmente inconsciente (= meio da floresta) da mãe à qual está entregue, desamparado, até ser salvo por Maria, sua anima. Temos o caso invertido no conto da Bela Adormecida, só que aqui o animus leva 100 anos antes de libertá-la do campo de força da bruxa má. Sobre a superação da imagem paterna e das expectativas associadas ao fato, nos contam, por exemplo, contos de fadas como o do gênio mau, no qual um moleiro pobre desperta em relação à sua filha as maiores expectativas porque diz ao rei que ela podia fiar ouro.

Sem querer reduzir os depoimentos desses contos de fadas a uma única interpretação, eles nos mostram como é importante sair da sombra de um pai ou de uma mãe muito poderosos para ficar livre, mas também para ser capaz de relacionar-se. Pois é indiferente se temos uma imagem positiva ou negativa dos pais, pois enquanto ela tiver poder sobre nós não estaremos livres para encontrar abertamente o outro sexo. Ficamos tão enredados por um amor odioso à parte paterna correspondente, que nem sequer chegamos a entabular um romance com outra pessoa, ou somos dominados pelo aspecto sombrio; aí temos tanto horror ao sexo oposto que fazemos um grande rodeio para não ter de confrontá-lo. Mas mesmo quando a imagem interior é positiva, temos de nos livrar dela, pois sempre avalia-



Perseu vence a Medusa.
À direita do quadro, sua deusa protetora, Atena.

mos as pessoas pela nossa imagem interior. Imagens anímicas, no entanto, sempre são perfeitas, o que infelizmente não se pode dizer dos homens e mulheres "lá fora". É por isso que todos nos decepcionam, é por isso que um relacionamento depois do outro fracassa. A fidelidade à imagem interior continua inquebrantável.

Assim, o momento em que Perseu corta a cabeça da Medusa pode ser entendido em certo nível como a superação de uma imagem interior muito poderosa da mãe. Mas ele somente teve êxito nessa empreitada com a ajuda da sua anima, na figura da deusa protetora Atena, com a qual estava em constante contato. Ela lhe deu sapatos, foice, sacola e escudo. Ela o levou até as Górgonas e explicou-lhe passo a passo como teria de agir. Sem o apoio dela, ele certamente teria fracassado. Com a ajuda do feminino ele pôde superar uma imagem feminina muito poderosa.

Édipo, ao contrário, tentou fazê-lo unicamente com a força da sua razão, mas sem a ajuda da sua anima apenas conseguiu uma vitória aparente. É verdade que solucionou o enigma que a Esfinge lhe apresentou, e que libertou a cidade de Tebas de seu terror. No entanto, o enigma, que a própria Esfinge encarnava, como símbolo da feminilidade impenetrável, nem o interessou, nem ele o reconheceu ou resolveu. Com uma soberba alegria pela vitória, ele considerou erroneamente a parte como o todo e fez-se coroar como rei, como um grande vencedor. Sua anima, sua condutora de alma, com certeza o teria aconselhado melhor. Assim, inconscientemente, casou-se com sua mãe e entregou-se inteiramente ao feminino que acre-

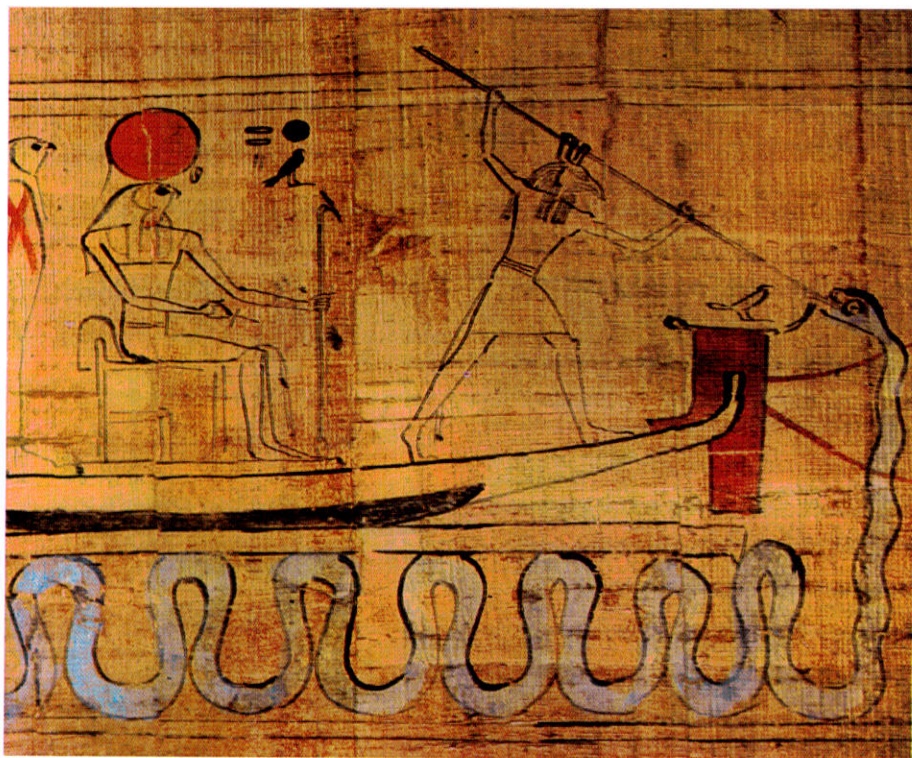


Édipo consegue uma vitória aparente contra a Esfinge.

ditava ter vencido, à imagem interior da mãe. Quando sua falsa concepção do mundo — como sua torre — desmoronou e ele teve de reconhecer a realidade por trás da sua idéia incontestável, isso para ele foi tão terrível que ele enlouqueceu.

Ele tentou vencer o monstro apenas com a força da razão, sem a ajuda da anima.

Também o mito da viagem noturna do deus egípcio Rá pelo mar fala de uma total modificação das idéias conhecidas à meia-noite. Aqui, no ponto mais profundo de sua viagem, Rá enfrentou o maior perigo. Apófis, a serpente marítima noturna, sorveu o Nilo subterrâneo com um único gole, esvaziando-o, de modo que a barca ficou presa num banco de areia. O deus solar não pôde continuar sua viagem e não haveria uma nova manhã, não fosse por Seth, que venceu Apófis e a obrigou a cuspir toda a água de volta para que a barca pudesse prosseguir. O que para nós parece apenas uma história inofensiva, para os ouvidos dos antigos egípcios deve ter parecido inacreditável. Pois Seth era considerado o arquimaligno e, durante o dia, o maior inimigo do deus solar. Mas aqui, à meia-noite ele é o úni-

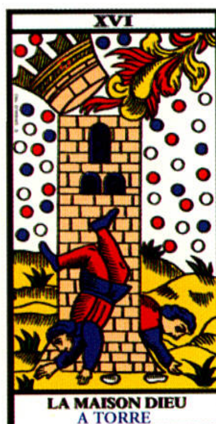


A barca atravessa o inferno. Rá, o deus solar, é ameaçado por Apófis. Na ponta da barca Seth está em pé.

co que assegura a continuação da viagem da barca. Isso era tão estranho, que não se ousava pronunciar o seu nome e só se murmurava: "Aqui o maior de todos os magos ajudou o grande Rá." Mas cada um sabia quem era esse grande mago. A mensagem impressionante dessa antiga narrativa diz: Nessa hora sombria, rompem-se as avaliações em preto e branco da nossa consciência diária. Aqui elas não valem nada. Aqui até mesmo aquele que sempre consideramos nosso maior inimigo, pode ser o único que nos ajudará na ruptura decisiva. Esse segundo plano também faz aparecer sob nova luz o mandamento divino: "Amai vossos inimigos."

Nas cartas antigas do tarô a coroa da Torre é derrubada por uma pena. Como símbolo de Maat (veja p. 110) ela é o símbolo da justiça divina, que destrói o falso e o desequilibrado.

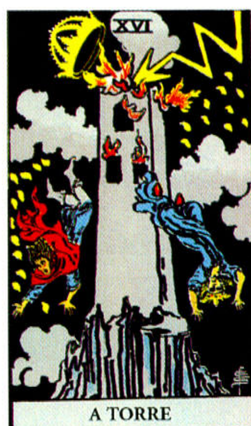
A TORRE (XVI) está ligada à carta O CARRO (VII) pela soma transversal. Se o carro mostra a partida do herói para o mundo exterior, A Torre representa a ruptura decisiva na viagem através da noite.



A Torre no tarô de Marselha
A coroa é derrubada por uma pena.

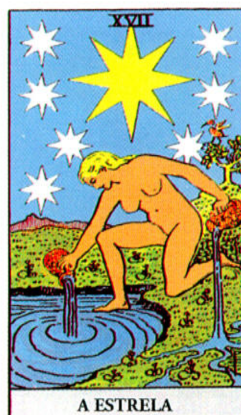


A partida para o mundo exterior



A ruptura na viagem através da noite

Palavras-chave para a carta A TORRE	
ARQUÉTIPO:	A libertação
TAREFA:	Explosão de limites muito estreitos, libertação de estruturas superadas, cristalizadas, superação de pensamento em branco e preto, "explodir uma bomba"
OBJETIVO:	Libertação da prepotência, das imagens interiores e das idéias fixas, ruptura para a liberdade
RISCO:	Fracasso, derrocada
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Fases de mudança, de incerteza, de modificações surpreendentes e de libertação



A Estrela

A fonte da saúde

Finalmente o nosso herói chegou à água da vida. O seu segredo não é a qualidade da água, mas a dificuldade para encontrá-la. Como em Fantasia, o inferno da *História sem Fim,* ela sempre fica "nos limites". No entanto, como Fantasia e também o inconsciente são ilimitados, deve-se tratar dos limites interiores que até então nos restringem. Agora, depois que os muros da prisão foram destruídos, e que a poeira assentou, a alma libertada respira e ganha nova esperança. Ela, que ficou aprisionada por muito tempo na torre da falsa consciência, sente, alegre, uma liberdade nunca antes experimentada, em cuja amplidão se vislumbra um grande futuro repleto de perspectivas imprevistas. Essa sensação de felicidade causada pela liberdade ilimitada ressoa nas palavras de Dante, quando diz ao sair do Inferno: "Então saímos e tornamos a ver as estrelas."[1]

O mito de Eros e Psiquê também diz respeito a essa água misteriosa. É a terceira tarefa que a irada Afrodite impõe a Psiquê, a qual, desesperada, procura seu amado. Ela tem de encontrar um recipiente de cristal naquela fonte impossível de alcançar, que é alimentada pelos rios do inferno, Stix e Cócito, vigiada por perigosas serpentes. Na situação em que se encontra, totalmente desesperançada, Psiquê, que ainda deve um favor a Eros, seu amado, é ajudada pela águia do rei dos deuses, Zeus. Assim, também nessa história vemos a ligação com o animus como chave essencial para a solução do problema. Segundo Erich Neumann, o que torna o caminho de Psiquê especial "é que ela não cumpriu a tarefa que lhe foi imposta de maneira direta, porém indiretamente, e o fez com a ajuda do masculino, que

1. Dante, *A Divina Comédia,* Inferno 34, 139.

não se apresentou como tal. Pois, até quando é obrigada a aceitar o lado masculino da sua natureza, ela continua fiel à sua feminilidade.[2]

A carta do tarô mostra muitos símbolos oraculares, que representam o olhar para o futuro e, ao mesmo tempo, para a sabedoria do cosmos. As estrelas apontam naturalmente para a astrologia, o seu número bem como seus oito raios tornam presente o símbolo do oito, como número intermediário entre o em cima e o embaixo, entre o céu e a Terra. O pássaro na árvore pode ser visto como indicação do oráculo pelo vôo dos pássaros. Principalmente as aves de arribação eram consideradas, na Antigüidade, como mensageiras dos céus, pois no inverno elas ouviam o conselho dos deuses. Pela formação e pelo comportamento das aves no vôo de regresso, na primavera, era possível ler os augúrios, o que os deuses haviam reservado para o ano vindouro. Mas os pássaros também simbolizam a capacidade para a vidência das divindades às quais pertencem. Assim, por exemplo, Íbis, pássaro do deus egípcio da sabedoria, Thot, ou os dois corvos Hugin e Munin que acompanham o deus germânico Odin (veja p. 73) e, naturalmente, os grous, pássaros de Apolo, o deus oracular de Delfos. A árvore representa a sabedoria desperta e, na astrologia celta das árvores, tanto era a base do calendário quanto o prognóstico do futuro. Todos esses oráculos transmitem a lei cósmica e podem abrir uma visão do futuro. E é aí que está o principal significado da carta. É como se os olhos do herói fossem abertos, tanto os interiores como os exteriores! Aqui o futuro se abre para ele. Ele consegue reconhecer as novas possibilidades que conquistou pelo seu ato de bravura, e como uma visão grandiosa ele vê diante de si o caminho que o levará para horizontes cuja existência nem sequer suspeitava.

Na carta, a figura nua é a encarnação de Binah, o princípio cabalístico (Sefira) da inteligência superior. Aqui ela despeja a água da vida, tanto na água quanto no solo. A água torna a terra fértil e, assim sendo, é uma ligação importante para a vida, ao passo que a água derramada na água é expressão de abundância. Com isso a carta possibilita a visão da lei cósmica e um futuro agradável, visto que da altura das estrelas jorra profusamente a água da vida sobre nós; significativamente mais do que precisamos.

Essa visão da ordem cósmica, essa percepção intuitiva da eternidade pode despertar uma nova consciência de tempo, que já era intuída na 14ª carta (veja p. 123). Pois, quando A Torre destrói a falsa consciência, rompe-se também as idéias equivocadas de um tempo apenas quantitativo, linear, composto de passado, presente e futuro. Livres da limitação da antiga consciência, aqui nós entendemos como a nossa compreensão do tempo era unilateral e falsa, como perseguimos de-

2. Erich Neumann, *Amor und Psyche*, pp. 120 ss. [*Amor e Psiquê*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]



Dante e Virgílio depois de saírem do inferno.
"Então saímos e vimos novamente as estrelas."

sesperançadamente meras ilusões. Ken Wilber descreve assim esse esforço inútil: "Incapazes de viver no presente intemporal, e de nos banharmos com prazer na eternidade, buscamos como anêmico substituto a mera promessa do tempo, sempre com a esperança de que o futuro traga o que tanto nos falta no presente."[3] Esse salto da consciência assemelha-se a um banho na fonte da saúde, que liberta os homens da prisão do tempo e lhes dá de presente uma ilimitada liberdade de tempo. Trata-se da compreensão profunda que Sidarta obteve no final da sua viagem, quando o rio lhe ensinou que o tempo não existe; pois o rio está ao mesmo tempo em todo lugar, na fonte e na embocadura, na cascata, em volta da balsa, na cachoeira, no mar, nas montanhas, em todo lugar, ao mesmo tempo. Para ele só existe presente, nem sombra do futuro.[4]

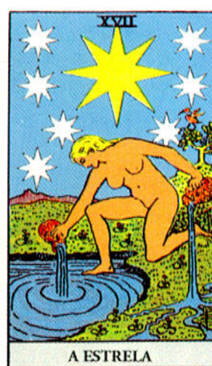
A ESTRELA (XVII) está ligada com A JUSTIÇA (VIII), pela sua soma transversal, desde que mantenhamos sua numeração original. Enquanto o herói aprendeu as leis do mundo na oitava estação, agora ele entende as leis do cosmos e conquista o conhecimento dos inter-relacionamentos superiores, universais. No

3. Ken Wilber, *Wege zum Selbst* [Caminhos para o Si mesmo], p. 88.

4. Ver Hermann Hesse, *Siddhartha*, p. 98.



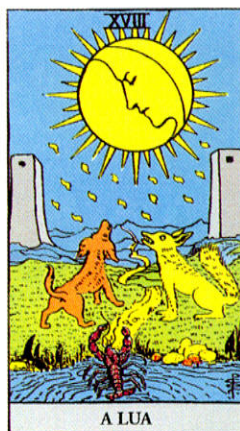
A fiscalização das leis deste mundo.



Têmis encarna as leis do Cosmos.

mundo dos deuses gregos esses princípios eram encarnados pelas deusas Têmis e sua filha Dique. Têmis, filha de Urano (Céu) e de Gaia (Terra) é a personificação da ordem eterna e da justiça. Ela corresponde ao círculo de temas da Estrela, visto que o oráculo de Delfos lhe pertencia, antes de ser tomado depois por Apolo. Sua filha Dique, ao contrário, que é representada na carta A JUSTIÇA, vale como a deusa que cuida da justiça na Terra com sua espada forjada pelo destino.

Palavras-chave para a carta A ESTRELA	
ARQUÉTIPO:	Sabedoria
TAREFA:	Criar esperança, visão de um novo futuro
OBJETIVO:	Entender os inter-relacionamentos maiores, obter o conhecimento da sabedoria do cosmos
RISCO:	Deixar de ver o presente de tanto pensar no futuro, assentar-se numa luz ilusória
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Confiança no futuro, sentir-se jovem e revigorado



A Lua

Perigos pérfidos

O caminho que ficou para trás levou o herói a passar por dez estações, que correspondem ao significado astrológico de cinco planetas: Mercúrio, Vênus, Marte, Júpiter e Saturno, de duas maneiras.

As cartas, desde A TEMPERANÇA (XIV) até A LUA (XVIII), e as cartas ligadas a essas pela soma transversal — desde o O HIEROFANTE (V) até O ERE-











☿ ♀ ♂ ♃ ♄











As cartas desde A TEMPERANÇA até A LUA, e as cartas ligadas a elas pela soma transversal — desde O HIEROFANTE até O EREMITA —, sempre refletem dois lados dos planetas Mercúrio até Saturno.

MITA (IX) —, sempre representam oportunamente e de forma intuitiva os dois pólos desses planetas.

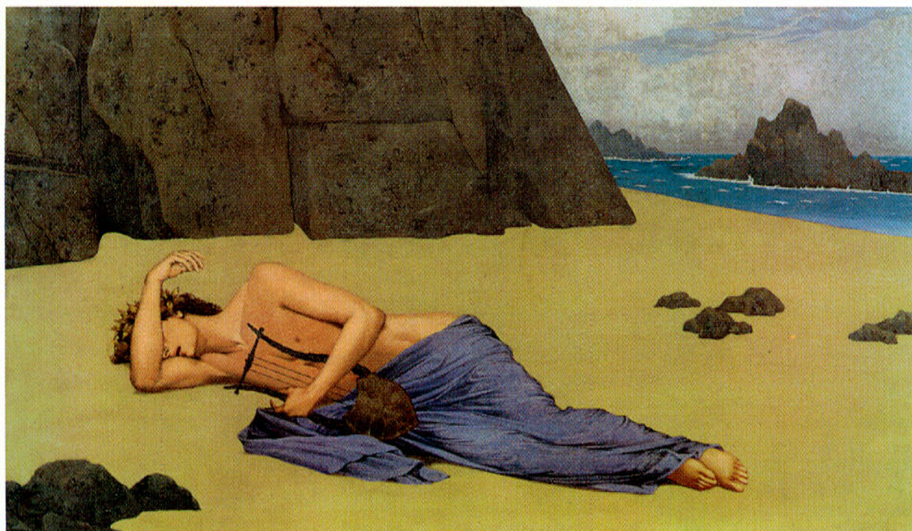
Mercúrio (☿), o deus dos caminhos, que na mitologia grega também é conhecido como Hermes Psicopompo, isto é, como condutor de almas, no SUMO SACERDOTE (V) mostra-se como educador e guia no mundo exterior, e na TEMPERANÇA (XIV) como o verdadeiro condutor de almas através da noite.

Vênus (♀), a deusa do amor é refletida em seu aspecto claro pela carta OS AMANTES (VI), ao passo que o seu pólo escuro, o enredamento nas paixões, é visto no DIABO.

Marte (♂), mostra sua força primaveril na partida do herói na carta O CARRO (VII), ao passo que A TORRE (XVI) reproduz seu aspecto violento, mas sobretudo seu aspecto guerreiro e destruidor, que tanto pode levar à destruição como à ruptura.

Júpiter (♃) na Antigüidade era considerado o juiz maior, acima dos deuses e homens, no céu e na Terra, o que é expresso na carta A JUSTIÇA (VIII), que representa as leis do mundo, bem como em A ESTRELA (XVII) que simboliza a sabedoria do cosmos. Júpiter era o marido de Têmis, que corresponde à ESTRELA como deusa da justiça divina. A filha de ambos, Dique (a *Justitia* romana), deusa da justiça terrena, pode ser vista na carta A JUSTIÇA. Assim como ela, também Júpiter foi representado com a balança na mão.

Em seu aspecto claro Saturno (♄) mostra-se como o velho sábio no EREMITA (IX), ao passo que o seu lado difícil, que faz o medo surgir da estreiteza, corresponde à LUA (XVIII). E esta carta representa a última prova no caminho.



Orfeu chora pela sua perdida Eurídice.

Mas a obra ainda não está realizada. O monstro foi vencido e a alma foi libertada, mas ainda resta ao herói o difícil regresso. Ele tem de achar a saída e não pode perder-se no labirinto do inferno. Nesse caminho de volta espreitam-no pérfidos perigos que se transformam em armadilhas para os maiores e mais espertos heróis. Aqui Orfeu se virou para trás e perdeu Eurídice para sempre.



Gilgamesh (?) com a erva da imortalidade, a qual perdeu para a serpente em seu caminho de regresso.

Foi aqui também que a mulher de Ló se virou, transformando-se para sempre numa estátua de sal. Psiquê já havia tomado o ungüento de beleza de Perséfone, porém não resistiu à tentação de abri-lo, apesar de todos os avisos contrários, e caiu num sono mortal. Gilgamesh havia encontrado até mesmo a erva da imortalidade em sua viagem para o além — a nova compreensão do tempo, a consciência da eternidade da carta anterior. Mas assim que largou um pouco a erva em sua viagem de volta, a fim de tomar água no poço, veio uma serpente e a comeu.

As leis do inferno são severas: quem comer ali, nem que seja somente uma semente de romã, não pode mais voltar ao mundo superior. Foi o que aconteceu com a raptada Perséfone. Quem se sentar no Hades, nem que seja por um curto momento, fica sentado para sempre nos banquinhos do esquecimento dos quais não levanta nunca mais, como Teseu e Peirito. Tudo isso deixa claro que a descida ao inferno é uma tarefa que deve ser cumprida mas não deve tornar-se a finalidade em si. A isso corresponde o motivo do conto de fadas da floresta encantada na qual o herói se perdeu. Ali ele é rodeado por seres que querem seduzi-lo e levá-lo a desistir da sua viagem, a divulgar a palavra mágica ou a esquecer o seu nome; enfim, todas as coisas que aprendeu com O Eremita, a carta que está ligada com A Lua pela soma transversal. Aqui, neste local, é maior o perigo de perdermos para sempre, de um só golpe, tudo o que aprendemos com a maior dificuldade. Na sua coleção de contos de fadas, o antigo poeta persa Nizami faz a princesa hindu contar de modo incomparavelmente belo, trágico e impressionan-

te a história do amor não realizado, num Sábado no monte escuro de Saturno.[1] A história é longa e bela demais para ser contada com outras palavras que não as dele, por isso não é reproduzida aqui.

Aqui também se encaixa a tragédia dos Nibelungos, que aparece novamente nas últimas cartas do tarô. As estações que ficaram para trás foram vencidas com bravura por Siegfried. Corajosamente ele entrou no inferno, onde Fafnit vigiava o ouro puro (O DIABO), lutou com esse dragão e o venceu (A TORRE). O banho no sangue do dragão lhe conferiu invulnerabilidade e, quando comeu o coração do dragão, seus olhos e ouvidos foram abertos. Ele entendeu a linguagem dos pássaros e viu Brunilda numa visão, a sua anima, a quem prometeu libertar do castelo em chamas e com ela se casar (A ESTRELA). Mas depois bebeu despreocupadamente a poção do esquecimento que fora misturada para ele na corte do rei Gunter (A LUA), esquecendo-se então da bela Valquíria e casando-se com Cremilda. Com essa traição à sua anima ele selou a sua queda.

Transpostas para o cotidiano, essas imagens significam que o encontro com as forças do inconsciente é perigoso e que apenas uma consciência muito desenvolvida tem força suficiente para não ser engolida pelo inconsciente. O perigo de a descida ao inferno levar à fuga do mundo é grande, porque logo pode acontecer de o mundo real ser negligenciado e esquecido, visto que a torrente de imagens do inconsciente é muito imperiosa, muito mais bela e, no mais verdadeiro sentido, fantástica. Homero já advertia sobre o perigo de ser levado à loucura pelas forças do inconsciente, quando falou dos dois portais do país dos sonhos. Um é de chifre, o outro é de marfim; e de um deles provêm os sonhos verdadeiros, do outro, os sonhos falsos.

A ambivalência também é uma razão pela qual as antigas escolas de mistério não eram acessíveis a qualquer pessoa, mas faziam grandes exigências quanto à maturidade dos candidatos. Atualmente o conhecimento esotérico é acessível a praticamente qualquer um, motivo pelo qual muita coisa está diluída e o verdadeiro conhecimento esotérico é empurrado para a margem pelo abracadabra que assume o primeiro plano. O segredo é o seu meio, é ali que ele floresce. Mas quem se sente atraído apenas pelas explicações mais simples e confortáveis e as considera o conhecimento secreto pelo qual orienta a sua vida, este deveria questionar se não está praticando alegremente a fuga do mundo exterior, o que, mais cedo ou mais tarde, se transformará numa floresta encantada de onde só poderá sair com dificuldade.

Em outros âmbitos há algo semelhante, por exemplo nos grupos de auto-experiências. Por mais indiscutivelmente valiosos que sejam esses desempenhos, ainda é preciso pensar que nesses grupos se forma um "sedimento" de participantes

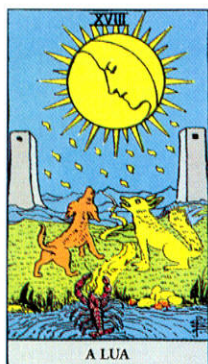
---

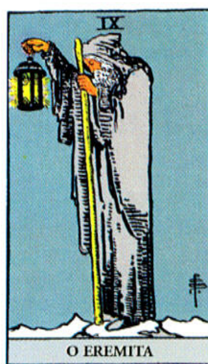
1. Ver Nizami, *Die sieben Geschichten der sieben Prinzessinnen* [As Sete Histórias das Sete Princesas], pp. 7ss.

que é transportado adiante de grupo para grupo. Essas pessoas não querem voltar ao cotidiano, que consideram muito hostil. Elas trocaram de mundo e não querem nunca mais perder o calor do ninho transmitido pelos seus grupos. Sentaram-se nos banquinhos do esquecimento, perderam-se no labirinto do inferno e não sabem mais o próprio nome. Esqueceram-se do que realmente queriam, por que entraram originalmente para o grupo: fazer uma experiência importante para integrá-la subseqüentemente no mundo real cotidiano. Por isso Jung também adverte: "Quando a nossa psicologia enaltece o significado do inconsciente, isso de modo nenhum significa que a importância da consciência seja diminuída. A sua validade unilateral e exagerada só deve ser limitada por uma certa relativização. Mas, por sua vez, essa relativização não deve ir tão longe a ponto de dominar o fascínio pelas verdades arquetípicas do eu. O eu vive no tempo e no espaço e precisa adaptar-se aos seus limites, se é que eles de fato existem."[2]

A carta do tarô A LUA exibe um caranguejo que sai da água. Ele pode ser entendido como uma indicação de que se alcançou o círculo de mudança do signo de Câncer, ao contrário de O EREMITA, que representa o círculo de mudança de Capricórnio através da correspondência entre Saturno/Capricórnio. Nesses dois pontos o SOL, o exemplo divino de todos os heróis, precisa regressar anualmente. O mesmo vale para o herói, que tem de atravessar os dois pontos de um limiar. Se a viagem pela noite começou com O Eremita, com as cartas de dois algarismos, com A Lua trata-se de emergir das profundezas da água e de retornar à luz. O guardião do limiar, desde a Antigüidade, foi considerado Saturno, que corresponde astrologicamente a essas duas cartas.

Com freqüência, a carta da Lua é mal compreendida, porque atualmente são ligadas à Lua a maioria das imagens românticas. Mas aqui nos referimos ao escu-



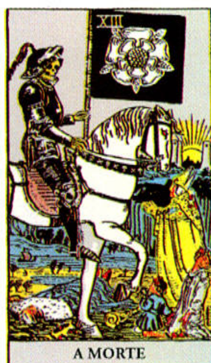


O círculo de mudança de Câncer e o círculo de mudança de Capricórnio. Nessas estações o Sol (e o herói) têm de regressar.

2. C. G. Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência], obras completas, vol. 3, p. 233.

ro, à noite e à profunda sondagem dos espaços interiores. A Lua postou-se diante do Sol para escurecer a luz (= eclipse solar), um fenômeno da natureza que na maioria das vezes era considerado mensageiro de desgraça e sempre foi vivido com medo e desconforto.[3] A carta mostra uma fuga, o lugar de uma travessia possível mas ainda perigosa, e um caminho estreito que leva às grandes torres que já foram vistas na carta A MORTE. Elas são as precursoras da celestial Jerusalém, símbolo do bem altamente alcançável.

Mas o caminho até lá é árduo e perigoso. Ele é vigiado por um cão e um lobo. Enquanto o cão representa (como na carta O Bobo) as forças amigáveis e prestativas dos instintos, o lobo personifica o seu lado perigoso e destrutivo. Ele corresponde à Cérbero, o cão infernal da mitologia grega, cuja tarefa consiste em não deixar nenhuma alma fugir do inferno. O objetivo, o local da salvação, a Jerusalém celestial já está à vista, mas para chegar lá primeiro é preciso vencer um trecho especialmente difícil (como andar no arame). "Mas é estreita a porta e apertado o caminho que conduz à vida e como são poucos os que o encontram!" está escrito na Bíblia no final do Sermão da Montanha (Mateus 7:14). Nas imagens medievais essa estação foi muitas vezes representada por uma ponte estreita que a alma tinha de atravessar para conquistar a vida eterna. Os contos de fadas falam de um ato de equilíbrio nesse ponto, que o herói tem de realizar sobre a lâmina de uma espada atravessando um abismo profundo, um estreito perigoso, um último limiar.





Na carta da Morte, ambas as torres por trás das quais se pode ver um nascer do Sol, são uma indicação de que a viagem através do inferno levará a um novo nascimento do Sol. Na carta da Lua, as torres, que são as precursoras da Jerusalém celestial, quase foram alcançadas. Mas ainda não se vê a luz; a Lua colocou-se na frente do Sol.

3. A interpretação da apresentação é incomum, e não corresponde apenas à correlação de sentido desta carta, mas é também aproximada pela cifra. O número 18 representa os eclipses, visto que todos os eclipses solares e lunares durante um período de 18 anos, o famoso ciclo de Saros, se repetem na mesma seqüência.

O perigo correspondente no caminho do herói está em cair nas garras do aspecto escuro da anima e ser levado à loucura pela guia interior. Exatamente porque a verdadeira natureza do inconsciente é ser bipolar e ambivalente, o comportamento do condutor de almas também é paradoxal. Na lenda de Percival a anima sempre se divide num aspecto claro e num escuro. Assim, por exemplo, a mulher vermelha das estrelas e a sua oponente escura, a causadora de infelicidade, "*la pucelle de malaire*". As duas correspondem às cartas A ESTRELA e A LUA. No caminho da realização do si mesmo é decisivo entender, nesse ponto, que o condutor de almas não é o objetivo, mas que a partir de si mesmo ele quer ir à totalidade, como Beatriz, que Dante conduz à contemplação do Altíssimo pela montanha da purificação.

Enquanto o herói estiver fascinado pelo lado claro da anima, a mulher das estrelas, ele também cairá no seu aspecto escuro, que aqui se colocou diante do Sol no eclipse. Só quando reconhecer que o verdadeiro objetivo do Sol, como símbolo do si mesmo está atrás dessa escuridão, ele conseguirá fugir do labirinto ou da floresta encantada. Em sua interpretação da Lenda de Percival, Emma Jung descreve essa difícil passagem da seguinte maneira: "O comportamento da anima é bastante paradoxal: ou seja, ela se separa em duas figuras opostas, entre as quais a consciência é arrastada de um lado para outro, até que o eu comece a pensar na tarefa da individuação. Apenas quando o homem começa a intuir igualmente o si mesmo por trás da anima (o Sol como símbolo do si mesmo atrás da Lua, o as-



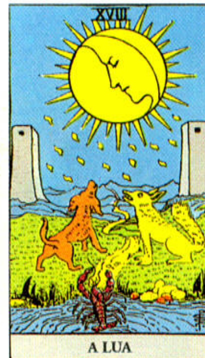
A ponte estreita que conduz à vida eterna.

pecto escuro da anima — *nota do autor)* — ele encontra o solo a partir do qual pode fugir desse vaivém; ao contrário, enquanto ela está contaminada com a imagem do si mesmo, ele não pode escapar ao seu jogo duplo, pois ela quer enredá-lo na vida e ao mesmo tempo recusá-la, quer iluminá-lo e enganá-lo, até que ele mesmo tenha achado um lugar para além do jogo paradoxal."[4]

Medo e aperto, duas palavras que brotaram da mesma raiz. A astrologia associa essas experiências ao planeta Saturno, o guardião do limiar. Saturno é considerado o velho sábio, que mostra a carta O EREMITA (IX). A carta A LUA (VIII) unida ao Eremita pela soma transversal, corresponde ao limiar vigiado por Saturno. Trata-se do limiar do medo. No mundo exterior ele está em toda parte onde é preciso fazer o desusado e pisar novos horizontes. Mas nós o vivemos interiormente, no mínimo da mesma forma intensa, assim que pisamos o mundo do Eremita. Muitas pessoas ficam com medo quando se vêem subitamente sozinhas e em meio ao silêncio num lugar solitário. À noite, esse medo pode até mesmo, sem nenhuma razão externa reconhecível, transformar-se em pânico. Psicologicamente analisado, trata-se do medo diante do inconsciente, que pressiona o limiar da consciência e ao qual estamos entregues indefesos. É o medo da própria profundidade, da qual fugimos na mesma medida em que fugimos do silêncio e da solidão.

Certa vez Jung comparou o homem moderno com o dono de uma casa que ouve um barulho inexplicável na adega e então, para se acalmar, sobe ao sótão, desliga a luz e constata que não aconteceu nada. Ir ao sótão, isto é "ir para a cabeça" e eliminar de uma vez por todas tudo o que possa nos causar medo, é fácil. Ir ao porão, aos espaços escuros cheirando a umidade e a mofo, ao contrário, desperta sentimentos de angústia, e por isso é tão difícil, porque é lá que encontra-





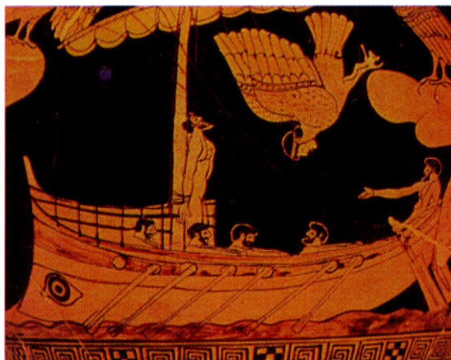
A mulher das estrelas e a Lua que escurece como os pólos claro e escuro da anima. Somente o herói, que o Sol (como símbolo do si mesmo) reconhece atrás da Lua, pode alcançar o objetivo.

4. Emma Jung e Marie-Louise von Franz, *Die Graalslegende in psychologischer Sicht*, p. 269. [*A Lenda do Graal*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]

mos os nossos lados sombrios. Por isso nos distraímos constantemente no dia-a-dia, para que a nossa energia vital flua para os objetos externos. Mas quando estamos sós no silêncio, ela flui para o inconsciente e ativa todo o conteúdo que havíamos reprimido "tão bem".

Nos mitos de muitos povos — como nos Upanishades — a Lua é tida como a porta para o mundo celeste. Do mesmo modo que por trás do limiar de Saturno está o objetivo, por trás do medo estão as experiências mais felizes e enriquecedoras que é possível ter. Por isso, nos exercícios de transição em todas as religiões, há as experiências saturninas como o jejum, o silêncio e a solidão, que ajudam os homens a atravessar esse limiar. Por isso, a carta da Lua não deve ser vista como uma "carta má", mesmo quando significa escuridão e medo ou como uma sugestão de deixar de fazer alguma coisa. O salmista já adverte contra os combates e irritações da Lua Nova, do medo que aparece quando canta: "Vê como os ímpios retesam o arco e na corda ajustam a flecha para ferir no escuro os corações retos" (Salmo 10:3). No entanto, é preciso entender a essência e a mensagem do medo. O medo é possivelmente um mau conselheiro, mas é muitas vezes um indicador apropriado de um novo crescimento. Não fracassar, não se deixar enganar pelo escuro, porém seguir o anseio para trilhar confiante o caminho do medo, para finalmente chegar ao verdadeiro atrás dele é a tarefa expressa aqui. Em situações de medo como essa, a psicologia nos aconselha a expressar o inconsciente na medida em que o deixamos falar. Talvez essa seja uma das razões pelas quais as pessoas que vivem em locais retirados com freqüência conversam consigo mesmas.

Sabemos que Ulisses teve grandes problemas no seu regresso. Por duas vezes havia quase alcançado sua pátria, a ilha de Ítaca, mas de cada vez seus companheiros (as partes não integradas da sua personalidade)[5] cometiam um erro e, imediatamente, o navio era levado para o mar alto pelos ventos ou correntezas, para uma



Avisado por Circe, Ulisses consegue vencer as seduções mortais das sereias.

5. Ver "Complexos Autônomos", p. 135.

nova viagem turbulenta. Em sua viagem, que o levou várias vezes de volta ao "Enforcado" e o deixou iniciar novamente uma viagem noturna pelo mar, ele dominava heroicamente as situações que ficavam para trás. Mas sem Atena, a sua anima, que na forma de Circe, Calipso, Leucotéia ou Nausica acorria em seu socorro e sempre lhe dava conselhos essenciais, ele estaria perdido. Sem o conselho de Circe, ele não teria resistido às mortais seduções das sereias que tentavam despertar-lhe desejos, nem teria superado o perigoso estreito entre Cila e Caribde e conseguido sobreviver. E, com toda a certeza, sem a ajuda de sua deusa protetora ele nunca teria conseguido voltar à sua pátria.

Teseu também estava em constante ligação com sua condutora de almas, Ariadne, quando chegou até o centro do labirinto para matar o Minotauro. Foi ela que lhe deu o fio, cuja extremidade ela mesma segurava nas mãos. Sem esse fio o herói teria se perdido no labirinto, um símbolo do inferno. Sem essa ajuda ele nunca teria encontrado a saída. Esse mito pode ser lido do ponto de vista de ambos os sexos. Sem a constante ligação com Ariadne, sua anima, Teseu estaria perdido para sempre. Por seu lado, Ariadne nunca teria sido salva se não estivesse presa a Teseu, seu animus, pelo fio.



Teseu vence o Minotauro no labirinto de Creta. Mas ele só encontra o caminho de volta porque estava ligado a Ariadne por um fio.

Como é decisivo termos coragem e como é mais fácil entrar do que sair do inferno, Dante logo descobre ao entrar, ao ser advertido por Minos, juiz do inferno: "Preste atenção ao entrar, se tiver coragem; mas não se deixe enganar pela largura da entrada!"[6]

A mais antiga e conservada narrativa de uma ressurreição contém o mesmo motivo. É a grande epopéia dos antigos sumérios, que canta a descida de sua rainha do céu, Innana, para o inferno.[7] Ela conta como Innana, a deusa do

6. Dante, *A Divina Comédia*, Inferno 5, p. 19.

7. Ver Samuel Noah Kramer, *Die Geschichte beginnt mit Sumer* [A História Começou na Suméria].

Grande Em Cima, abandona seu trono, a fim de visitar sua irmã, Ereschkigal, a deusa do Grande Embaixo. Mas antes de bater à porta do inferno, ela faz preparativos fundamentais. Com seu sábio vizir Ninschubur ela discute e combina o que ele deve fazer, caso, como previsto, ela não retorne depois de três dias. E de fato ela teria ficado para sempre no "país sem volta", se Ninschubur não tivesse feito tudo o que havia combinado com ela antes. Por isso, nesse antigo mito de ressurreição a volta é bem-sucedida somente porque a heroína se uniu ao seu vizir, seu animus.

O condutor de almas também deve ser entendido como a força que mantém o necessário e correto comportamento de tensão entre os diferentes pólos opostos, masculino e feminino, entre fazer e deixar de fazer, entre coragem e covardia, entre euforia e depressão, mas sobretudo entre medida e descomedimento. A viagem através da noite, a imersão na profundeza do inconsciente levou o herói a uma enorme ampliação da consciência. O perigo de perder tudo no último momento devido a uma hábil manobra do ego, por traição ou megalomania, é grande. Assim, o conto de fadas O Pescador e sua Mulher conta que um pescador deixou livre um peixe que havia pescado e que, em agradecimento, este lhe prometeu atender seus desejos. Pressionado pela mulher, seus desejos ficam cada vez maiores, até que terminam em megalomania, com o desejo de serem tão poderosos quanto Deus. O peixe recusa-se a cumprir esse desejo e some com tudo o que lhes havia presenteado até o momento. O peixe que cumpre os desejos é um símbolo do si mesmo. O pescador personifica um ego demasiado fraco que se deixa influenciar pelo aspecto negativo da sua anima, uma cobiça inconsciente de satisfazer desejos cada vez mais desmedidos. E como todo ego sonha ser divino e imortal, um ego fraco demais pode não resistir a essa tentação, caindo no exagero e fracassando.

Existe um grande perigo no encontro com as imagens da profundeza: o ego toma experiências transpessoais como conquistas pessoais ou se identifica com um arquétipo. O eu sempre é sufocado por um encontro com o si mesmo — ou, dito de outra maneira, é pressionado. Sempre que o eu mesmo é dominado, é porque ele encontrou um aspecto do si mesmo. Mas esta é a pergunta decisiva: "O que o eu faz com isso?" Ele se humilha e coloca a serviço do todo maior? Ou se enfatua com uma megalomania narcisista, considera esse encontro como merecimento seu, sente-se escolhido, gaba-se da sua iluminação, entrega-se a fantasias de grandeza e com isso adquire "inconscientemente" a doença de guru. Jung falou nesse contexto de uma personalidade-mana.[8] Ele disse que essas forças de sedução são tão irresistíveis para o eu, que uma dessas fases de enfatuação do eu é indispensável para o caminho do desenvolvimento.[9] Uma vez superada, no entanto, es-

8. Mana é um conceito da Polinésia para força anímica.

9. C. G. Jung, *Die Beziehung zwischen dem Ich und dem Unbewussten* [O Relacionamento entre o Eu e o Inconsciente], obras completas, vol. 3, pp. 110ss.

sa fase-mana parece muito dolorosa num exame retroativo. Por isso é importante conscientizar-se dela o quanto antes, a fim de torná-la o mais curta possível.

Aqui, no fim da viagem pelo inferno, vê-se que o ego manteve a postura correta no encontro com as forças do si mesmo. No conto de fadas a Senhora Inferno decide na saída do "inferno" se a heroína voltará ao mundo superior como Maria de Ouro ou Maria do Azar. Enquanto humildemente Maria de Ouro serve às forças do si mesmo e cumpre as tarefas saturninas, Maria do Azar queria usar a força mágica do si mesmo em proveito próprio, para realizar da forma mais cômoda todos seus desejos sensuais. Encontramos um correspondente moderno desse comportamento no "pensamento positivo" desenfreado com que o eu, como um saqueador, tenta apoderar-se da força mágica do inconsciente. O preço dessa cobiça é alto. No final vence a Maria do Azar.

Para o ser humano ocidental o perigo de fracassar por causa dessa sede de poder é especialmente grande, porque em nossa cultura pouco esforço foi feito para vigiar os espaços interiores. Quanto mais inexperientes, tanto mais ameaçados estamos de ser vencidos pelas tentações e seduções desses mundos desconhecidos. Tendemos a contemplar o inconsciente como um aspecto da conveniência, a fim de usá-lo para nossos objetivos humanos. Mas é nisso que reside o perigo contra o qual Marie-Louise von Franz adverte, ao dizer: "Toda aproximação do inconsciente por motivos de utilidade tem efeitos destrutivos, tal como na natureza exterior. Quando destruímos nossas florestas e saqueamos animais e minerais, perturbamos o equilíbrio biológico e, ou nós ou as próximas gerações, teremos de pagar um preço muito alto."[10]

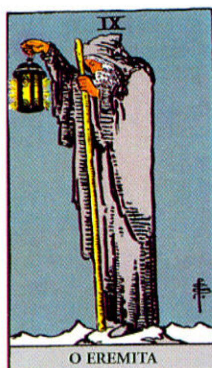
Bastian Baltazar Bux, o herói de *A História sem Fim* quase fracassou e se perdeu em Fantasia, tão sedutor se tornou para ele esse outro mundo. Seu ego ficou tão sufocado por desejos de poder e de melhoria do mundo que por fim só existiam boas razões para ficar no mundo da fantasia. Só no último momento, e pela ação decidida de seu aliado Atreiú, ele conseguiu voltar para este mundo. Chegando aqui, encontrou o comerciante de livros Coreandro, onde no início da história encontrou o livro *A História sem Fim*. Este se dá a conhecer como um viajante da Fantasia e cumprimenta Bastian com as seguintes palavras: "Há pessoas que nunca podem ir a Fantasia[11] e há pessoas que o conseguem, mas permanecem lá para sempre[12]. E existem aquelas que, tendo ido a Fantasia, conseguem voltar. Como você. E estas tornam ambos os mundos sadios."[13]

É exatamente essa a questão. Naturalmente, o objetivo da viagem não é trocar um mundo pelo outro. Quando olhamos para a primeira metade da nossa vi-

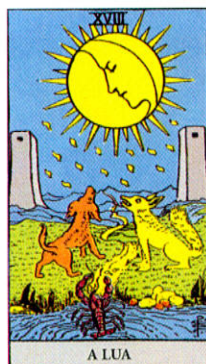
10. Marie-Louise Von Franz, *Die Suche nach dem Selbst* [A Busca do Si Mesmo], p. 37.
11. Elas ficam presas no Enforcado.
12. Eles fracassam na Lua.
13. Michael Ende, *Die unendliche Geschichte* [A História sem Fim], p. 426.

da apenas com o olho direito e, finalmente, descobrimos o esquerdo, seria bastante absurdo fechar o olho direito com cola para, daí em diante, olhar somente com o esquerdo. Assim como temos dois olhos para enxergar com perspectiva, dois ouvidos para ouvir estereofonicamente, também temos um lado consciente e outro inconsciente, uma natureza masculina e outra feminina, somos um ser interior e exterior, estamos entre a luz e a sombra. Ser íntegro e viver ambos os lados é o objetivo da viagem. Reconciliar os dois lados é, portanto, o tema da próxima carta.

A LUA (XVIII) está ligada ao EREMITA (IX) pela soma transversal. Se o Eremita mostra as maiores alturas da conscientização, a Lua representa a mais profunda sondagem da nossa natureza interior, as nossas profundezas inconscientes. Em nenhum ponto da viagem do herói o perigo de perder, trair ou esquecer os presentes do Eremita, o conhecimento e o verdadeiro nome e a fórmula mágica é tão grande como aqui, na profundeza original da Lua. Em nenhum outro ponto da viagem, tampouco, existe melhor chance de encontrar a si mesmo (O Eremita) por meio do caminho do medo (A Lua) como neste limiar.



As maiores alturas da conscientização.



A mais profunda sondagem das profundezas inconscientes.

Palavras-chave para a carta A LUA	
ARQUÉTIPO:	A noite, a alvorada
TAREFA:	Andar no arame, superar cuidadosamente o limiar do medo, não se confundir nem se perder
OBJETIVO:	Regresso à luz
RISCO:	Perder-se na floresta encantada, deixar de atingir o objetivo, cair nas garras do medo
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Irritação e insegurança, pesadelos, medos, anseios



O Sol

A volta para a luz ou a reconciliação

Está feito! O herói conseguiu a vitória. Ele seguiu a trajetória do Sol, atravessou o céu e o inferno, passou em todas as provas e realmente regressou. Esse momento assemelha-se ao arrebol. A escuridão desaparece e a alma emerge dos espaços escuros da noite a fim de entrar no país iluminado do destemor.

Esta é a hora em que o monstro tem de libertar outra vez o herói que devorou. Aqui, Jonas é cuspido em terra pela baleia; aqui, a serpente, por uma magia de Atena — sua anima — tem de devolver o engolido argonauta Jasão.



Jasão é cuspido outra vez pela serpente e é saudado por Atena, sua anima.

A carta do tarô mostra o herói visivelmente rejuvenescido, com frescor infantil, e com isso expressa a sensação de uma nova manhã revigorante depois de uma longa noite escura e repleta de perigos. Assim, como diz a história da criação do Universo, na Bíblia: "Houve a tarde e houve a manhã: e foi o primeiro dia" (Gênesis 1:5). Assim, a iniciação, a verdadeira jornada do herói, começou com a noite e encerra-se com a manhã.

Quando o herói, nesse ponto, torna a surgir como uma criança, isso deixa claro que o fruto da viagem é uma recém-encontrada simplicidade. Ela permite ao ser humano, que penetrou e estudou a enorme complexidade da realidade, chegar no final do caminho ao profundo conhecimento de que todas as grandes verdades são simples. Mas com isso considerar toda tolice superficial como sabedoria profunda seria tão imprudente quanto a aceitação de que todo tolo é um sábio. Sobre isto diz Jung: "O instinto humano sabe que toda grande verdade é simples e por isso a pessoa fraca de instintos imagina que a grande verdade está em todas as simplificações baratas e superficiais, ou, devido às suas decepções, cai no erro oposto, achando que a grande verdade tem de ser necessariamente escura e complicada."[1]

Na criança da carta do Sol reencontramos o Bobo do início da história. Ele começou a viagem como um tolo, mas logo cresceu e



A volta para a luz.

1. C. G. Jung, "Em memória de Richard Wilhelm", em: *Das Geheimnis der Goldenen Blüte* [O Segredo da Flor de Ouro], p. XVIII.

tornou-se adulto, muito esperto e bastante empreendedor. Aqui, no final do caminho, ele se tornou humilde outra vez, simples e verdadeiramente maduro. Agora ele é o sábio tolo ou ingênuo, como é chamado na história de Percival, que voltou à simplicidade. Assim ele pode encontrar o castelo do Graal, que só é acessível àquele que tiver o coração puro. No início da história, Percival, como uma criança tola, chegou totalmente inconsciente a esse castelo, porém comportou-se de modo tolo e logo foi jogado para fora. Agora, no final da viagem, ele pode encontrá-lo novamente como um ingênuo puro e realizar o trabalho de salvação.

Uma volta à simplicidade original também está no final da viagem do herói Sidarta tão bem contada por Hermann Hesse. Também ele esperou, no início, poder evitar os abismos da vida e encontrar iluminação no vôo pelas alturas. Mas teve de aprender que não existem atalhos e que temos de nos aprofundar na vida para, finalmente, conseguirmos nos desapegar. No final do seu caminho, Sidarta fala sobre si mesmo como se estivesse descrevendo o motivo desta carta do tarô: "Bem, pensou ele, visto que perdi todas essas coisas transitórias, agora estou novamente sob o sol, como quando era criança: nada é meu, não posso fazer nada, não aprendi nada." E algum tempo depois consta que: "Ele tornou a descer, e então ficou novamente vazio e nu e bobo no mundo. Mas não conseguiu entristecer-se por isso, não, até teve um ataque de riso; riu dele mesmo, riu desse mundo todo louco."[2]

O rejuvenescimento do herói também é uma indicação de uma nova consciência do tempo, que ele conquistou ao banhar-se no poço da saúde (carta A ESTRELA). O conhecimento das leis cósmicas permitiu que ele crescesse além do tempo de vida cronológico, tornou-o intemporal no melhor sentido. Mas ao con-



O tolo ingênuo no início da viagem



O tolo puro no final da viagem

O Sol branco do bobo ganhou "cor" através do contato com a morte.

2. Hermann Hesse, *Siddhartha*, p. 87.

trário de Gilgamesh, ele teve êxito em trazer essa consciência de eternidade através do limiar (A LUA). Então ele se alegra com sua riqueza inesgotável de tempo, parecida com a que viveu quando era criança. Se anteriormente o tempo era uma quantidade da qual ele sempre tinha de menos, agora ele vive a sua qualidade. Em vez de correr atrás do tempo, com a esperança de viver *bastante,* agora ele sabe que o sentimento intemporal de um momento vivido com intensidade, vale mais do que mil prazeres, e que sobretudo são as fases de grande ampliação de consciência que ficam na lembrança por mais tempo.

O começo e o fim do caminho se assemelham mas não são iguais. Isso já havia mostrado a mandala, cujos círculos interno e externo se correspondem, como o paraíso perdido ao ser novamente encontrado. Eles são parecidos, no entanto não são idênticos (veja p. 57). Entre eles existe uma longa e trabalhosa peregrinação repleta de desvios aparentes, dos quais não somos poupados. O grande astrólogo Oscar Adler fez um bela alegoria sobre isso, ao comparar a viagem do ser humano pela vida com o rio africano Niger, um dos mais longos rios da Terra, embora nasça a poucos quilômetros do mar no qual deságua. Mas ele não pode alcançar o mar pelo caminho mais curto porque existe uma montanha entre eles. Ele tem de fazer um desvio de mil quilômetros para alcançar seu objetivo que está tão perto.[3]

Para a nossa razão que gradua tudo, esses desvios parecem bastante sem sentido. Ela gostaria muito mais de seguir o caminho reto. Não são poucas as pessoas que vêm a um aconselhamento com essa expectativa de saber por meio das cartas do tarô, do I Ching, do seu horóscopo ou de uma bola de cristal, por exemplo, qual profissão devem tentar em seguida. Elas não visam conhecer por meio do oráculo o amplo espectro de possibilidades, mas querem um conselho limitado, taxativo, algo como "Daqui a dois anos você será um ferrador". Com essa profecia o ego promete eficiência a si mesmo. Em vez de continuar "incubando" a questão da escolha da profissão por mais tempo, ou de enviar solicitações sem esperança, poderíamos enquanto isso fazer uma viagem pelo mundo, ou estudar um pouco os diferentes tipos e tamanhos de ferradura, a fim de nos prepararmos para nossa futura profissão. Isso seria perfeito, se não houvesse a pata do cavalo! Não existe uma profissão pronta que baste buscar no dia X, do mesmo modo como não existe um relacionamento perfeito que cruze prontinho o nosso caminho. Para alcançarmos esses ou outros objetivos temos de crescer, e disso fazem parte as incertezas, a dúvida da mesma forma que os recuos, como todos os desvios, trabalhosos e aparentemente desnecessários. Jung disse: "O caminho certo para a totalidade, consiste — infelizmente — em rodeios e em caminhos errados. É uma *longuíssima via;* não um caminho reto, mas uma linha sinuosa que

3. Ver Oscar Adler, *Das Testament der Astrologie* [O Testamento da Astrologia], vol. 3 (*Mensch und Erde*) [O Ser Humano e a Terra], p. 350.



une os opostos, que lembra o caduceu, um indicador de caminho, uma trilha em cujos entrelaçamentos labirínticos não faltam horrores."[4]

Dame Aiuola faz a mesma afirmação na *História sem fim*, de Michael Endes, quando diz a Bastian: "Você seguiu o caminho dos desejos, e ele nunca é reto. Você deu uma volta enorme, mas era *o seu* caminho. E você sabe por quê? Você é daqueles que só podem regressar quando encontram a fonte de onde jorra a água da vida. E este é o lugar secreto: Fantasia. Mas para lá não existe nenhum caminho fácil." E depois de uma pequena pausa, ela acrescentou: "Todo caminho que leva para lá, no fim é o certo."[5]

As cartas antigas do tarô nos mostram neste ponto o motivo dos gêmeos. Ele representa a reconciliação de irmãos inimigos, a reconciliação da luz e da sombra. Agora, que o herói percorreu os dois mundos, que desenvolveu seu lado claro e resolveu seu lado escuro, pode ocorrer a reconciliação.

Hermes, o deus dos caminhos, com o bastão de cobras que une os opostos (caduceu), um símbolo do tortuoso caminho da vida.

Assim sendo, a tarefa decisiva no caminho feminino é cumprida nas cartas



A carta do Sol no tarô de Marselha. O motivo dos gêmeos representa a reconciliação dos irmãos inimigos.

---

4. C. G. Jung, *Einleitung in die religionspsychologische Problematik der Alchemie* [Introdução à Problemática Religiosa-psicológica da Alquimia], obras completas, vol. 5, p. 12.

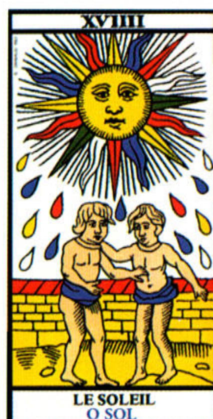
5. Michael Ende, *Die unendliche Geschichte* [História sem Fim], p. 392.



A união com o lado negligenciado, escuro, primitivo e desprezado da nossa tarefa.



A mistura dos fluidos, antes separados, como início da obra.



A reconciliação e a união bem-sucedidas.

com dois algarismos: a reconciliação do homem civilizado com sua natureza animal, a reconciliação da consciência com os aspectos de sombra. Este tema foi visto logo no início na carta A FORÇA, que abre esse trecho do caminho. Mas só depois da superação (A MORTE) e do desmoronamento dos limites (A TORRE), que o eu teve de previamente construir para seu desenvolvimento, pôde ocorrer a reunião com os âmbitos separados e delimitados. A carta A TEMPERANÇA simboliza o primeiro passo para isso, no início da viagem pelo mar noturno, ao misturar fluidos antes separados. Agora que a noite acabou, surge a luz do novo dia, a união foi bem-sucedida e o ser humano tornou-se inteiro. O Sol no final do caminho foi alcançado.

Também existe um pressuposto decisivo para que o resultado dessa reconciliação seja "bom". A tradição fala sobre a tensão desse encontro. Uma epopéia babilônica de quatro mil anos nos fala de Gilgamesh, o poderoso rei da cidade de Uruk, que encontrou o selvagem Enkidu. Os deuses haviam criado esse gigante para domar o despotismo de Gilgamesh. Em seu primeiro encontro ambos logo começam a lutar: a força civilizada do rei contra a ferocidade animalesca do gigante (uma correlação com as duas figuras na carta A FORÇA). No fim da luta Gilgamesh e Enkidu reconhecem que são igualmente fortes, fazem amizade e se irmanam. Juntos são invencíveis, partem e vencem o grande inimigo do reino, o monstro Chumbaba.

Também Percival no fim da sua viagem encontra seu meio-irmão Feirefiss. O pai comum, Gamuret, o havia concebido com a negra Belakane no Oriente, motivo de Feirefiss parecer mestiço. Percival lutou com ele, assim como nós luta-



A luta entre Percival e Feirefiss, em cujo final acontece a reconciliação dos irmãos inimigos.

mos com o estranho em nossa sombra. Mas aqui também acontece uma reconciliação dos irmãos assim que eles reconhecem que são igualmente fortes. Pelo fato de não combater mais a sua sombra, mas ter reconhecido nela seu irmão, com o qual se reconcilia, Percival pôde então tornar-se o rei do Graal.

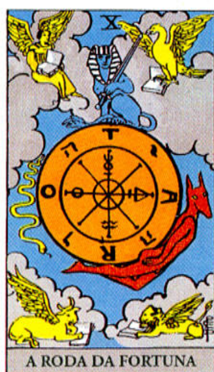
Transposta para o âmbito da consciência, essa reconciliação significa também a superação da divisão dos opostos, com que a razão dividia a realidade. Nesse ponto compreendemos por que Jean Gebser diz: "Aquilo que racionalmente parece um oposto, é psiquicamente uma polaridade, em poder da qual não devemos cair enquanto a analisamos, mas que também não deve ser destruída por meio de um corte racional."[6]

6. Jean Gebser, *Ursprung und Gegenwart* [Origem e Presente], p. 267.

O tarô une três cartas: O SOL (XIX), A RODA DA FORTUNA (X) e O MAGO (I). Isso significa que a tarefa de vida (RODA DA FORTUNA), que o homem tem de realizar (O MAGO), é a reconciliação (O SOL) dos opostos, a reconciliação da luz e da sombra, da noite e da manhã, do bem e do mal, da civilização e do estado selvagem, do homem e da mulher, da vida e da morte. "Quem percebe ao mesmo tempo sua sombra e sua luz, se vê pelos dois lados, e assim chega ao meio."[7]



A maestria.



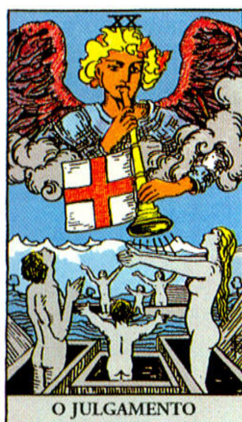
A tarefa de vida.



A reconciliação dos opostos.

Palavras-chave para a carta O SOL	
ARQUÉTIPO:	O dia, o arrebol
TAREFA:	Verdadeira reconciliação
OBJETIVO:	Novo nascimento, percepção sábia e humildade madura
RISCO:	Elaboração de banalidades
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Despreocupação, vivência ensolarada, negligência, alegria de viver e leveza

7. C. G. Jung, *Gut und Böse* [o Bem e o Mal], obras completas, vol. 9, p. 117.



O Julgamento

A Cura

Agora, depois que todas as condições foram cumpridas, pode acontecer o milagre da transformação. Tal como conta a história de Percival, o lugar em que a obra de salvação deve ser realizada só é acessível ao que tiver o coração puro. É o castelo do Graal, a Jerusalém celestial, Shambala, a cidade "maravilhosa", o país puro do Amitaba dos budistas ou qualquer metáfora que as mais diversas histórias e culturas escolheram para o maior bem que pode ser alcançado.

O tesouro que o herói conquistou no país da sombra, o elixir, a água da vida, a flor azul, seja qual for o bem de difícil alcance, só pode trazer a cura. Na maioria das histórias um ato bem simples — um beijo, um gesto ou apenas a pergunta certa — realiza o milagre da transformação. Aquilo que antes era ou significava uma desgraça é curado. A sombra, que pairava sobre o reino, desaparece. Da forma amaldiçoada surge o príncipe encantado diante da princesa libertada. No conto de Percival é o incurável rei Anfortas que sara no momento em que Percival lhe faz a pergunta certa. E esta era simples e fácil de compreender: "Tio, o que lhe falta?" Todas essas imagens mostram que a obra propriamente dita é muito simples, apenas quando as condições foram cumpridas. O verdadeiro trabalho sempre é a cura e o tornar-se inteiro.

A carta do tarô O JULGAMENTO mostra esse milagre na imagem da ressurreição. Nisso também está o significado da carta, e não propriamente no seu nome. E não tem nada a ver com julgamento no sentido de jurisdição terrena. Tampouco apresenta o dia do Juízo Final. O julgamento sobre a vida ou a danação eternas faz parte do círculo de temas desta carta, visto que aqui se vai determinar se o herói é verdadeiro ou uma fraude, que talvez até mesmo tenha rouba-

do o bem de difícil alcance do verdadeiro herói. “Pois quando a pessoa errada usa os meios certos”, diz um conhecido ditado chinês, “o efeito do meio correto é errado.” É por isso que todo charlatão fracassa neste ponto, porque só o verdadeiro herói é bem-sucedido na obra de salvação que corresponde ao motivo da velha carta de tarô. A bandeira da ressurreição na trombeta do arcanjo Gabriel simboliza a superação do tempo de sofrimento, a vitória sobre o martírio; e as três pessoas que se erguem do túmulo quadrado representam a trindade que é libertada do quaternário. Como o três representa o divino e o quatro representa o terreno, essa imagem diz que aqui o verdadeiro, o essencial, o divino é libertado da prisão terrena.



Percival avista o castelo do Graal.



No tarô de Marselha, o significado da carta O Julgamento fica mais claro. A trindade divina é libertada da prisão do quaternário terreno.

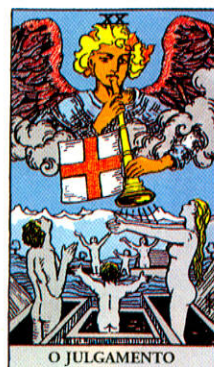
Nos contos de fadas este é o momento em que o príncipe ou a princesa encantados são libertados da forma feia, falsa, jogam fora a couraça terrena e se tornam visíveis como uma natureza brilhante, divina. No tarô de Rider Waite dobrou-se o número de pessoas e esclareceu-se o fato com a necessária indicação: "Pois me pareceu desejável apresentar com esse desvio um exemplo da insuficiência das explicações comuns."[1] Ou isso está mal traduzido ou foi propositada ou conscientemente mantido inteligível. Seja como for, é uma pena que o simbolismo antes tão nítido tenha se tornado tão confuso.



Deixar acontecer e conhecimento na hora certa.



Vontade de viver e engajamento.

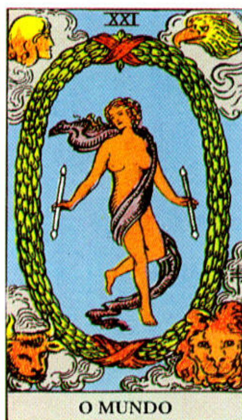


A salvação, a cura e tornar-se inteiro.

1. Arthur Edward Waite, *Der Bilderschlüssel zum Tarot* [As Imagens-chave do Tarô], p. 89.

A carta O JULGAMENTO (XX) está ligada à carta A GRANDE SACERDOTISA (II) pela sua soma transversal que também leva à carta A FORÇA (XI). Essa ligação torna claro que a salvação ou cura (JULGAMENTO) pressupõe vontade de viver e *engagement* (FORÇA), porém, em última análise, não é conseqüência da ação ativa, mas uma misericórdia, que é propiciada quando as condições foram atendidas e chegou o momento certo (A GRANDE SACERDOTISA).

Palavras-chave para a carta O JULGAMENTO	
ARQUÉTIPO:	O milagre da transformação
TAREFA:	Salvação, libertação
OBJETIVO:	Cura
RISCO:	Fracassar como trapaceiro
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Libertar-se, sentir-se salvo e encontrar a paz da alma



O Mundo

O reencontro do paraíso

Quem chega ao fim do caminho está completo. Mas este, como disse Herbert Fritsche: "Não pode ser nunca aquele que reprimiu e comprimiu sua natureza pessoal, mas sempre aquele que a realizou."[1] O nosso herói alcançou o objetivo, encontrou o paraíso perdido. A última carta dos Arcanos Maiores mostra a figura que dança, o "Enforcado ao contrário", e com isso mostra que da estagnação surgiu a vivacidade e que o ser humano está corretamente de pé. O número quatro como símbolo do terreno agora aparece nas pernas cruzadas embaixo, enquanto o três divino, que é indicado pela posição dos braços abertos, fica em cima. Nos quatro cantos da carta, como na décima carta A RODA DA FORTUNA, aparecem os quatro querubins como os quatro aspectos da totalidade; eles não seguram mais nenhum livro nas mãos e, portanto, não dão mais lições. Todas as lições foram aprendidas, as provas vencidas, o herói tornou-se um todo. A partir do mundo invertido (O ENFORCADO) ele encontrou o mundo certo (O MUNDO).

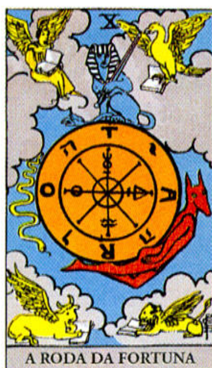
O mesmo é expresso pela Mandorla[2] que envolve a figura que dança na forma de uma elipse. Enquanto o círculo com um ponto central simboliza o indivíduo, a elipse representa uma unidade maior. Segundo a lei do círculo, tudo o que sai do seu ponto central é refletido de volta das margens para o ponto central. Assim, ele é o símbolo de um ego que se sente como o ponto central do mundo. A elipse, ao contrário, é um "círculo" que abrange dois focos. Sua lei diz que cada raio que saia de um dos dois focos, é refletido da margem para o outro foco. Sen-

---

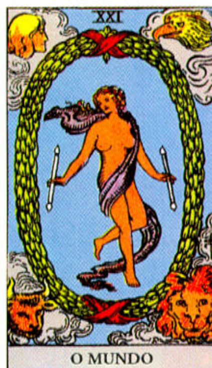
1. Herbert Fritsche, *Der grosse Holunderbaum* [O Grande Sabugueiro], p. 88.
2. Uma mandorla é o raio de luz em forma de amêndoa, que simboliza a aura do santo.



O regresso.



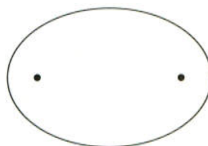
A tarefa.



O objetivo.

do assim, a elipse é símbolo de uma unidade maior, que une os pares de opostos originais, como masculino e feminino, luz e sombra, consciente e inconsciente.


O círculo que gira ao redor de um ponto central, como símbolo do ego que integra os opostos.


A elipse como um círculo que abrange dois focos como símbolo da unidade.

O tarô Delphi mostra a figura que dança como um hermafrodita, como expressão de que o ser humano aceitou o seu sexo oposto interior: em sentido figurado ele tem dois sexos e, assim, tornou-se inteiro.

Nos contos de fadas a imagem da totalização está no fato de o herói transformar-se ele mesmo em rei no final da história. Seu condutor de alma o levou até a coroa, que se esconde atrás do Sol na 14ª carta no final do caminho.

Em *A Divina Comédia* é Beatriz quem leva Dante da Montanha da Purificação até o paraíso que leva à visão do Superior, à visão do movimento eterno ao redor do centro imóvel.

Mas aqui não se deve ficar com a impressão de que se alcançou um ponto que não é mais deste mundo. Jung enfatiza: "Totalidade não é perfeição, porém uma *integralidade*"[3], deixando claro que nesta estação não nos libertamos dos campos ter-

3. C. G. Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência], obras completas, vol. 3, p. 191.



Como símbolo da totalidade, a 21ª carta do tarô Delphi mostra um hermafrodita que dança.



A carta A TEMPERANÇA mostra o condutor de almas e no final do caminho uma coroa, que se esconde no Sol.

renos. "Portanto, até a personalidade unida não deixará de sentir a natureza dupla. A total libertação dos sofrimentos deste mundo devemos por certo deixar à ilusão. Afinal, a vida humana simbolicamente perfeita do Cristo também não terminou de modo feliz, porém na cruz. O objetivo só é importante como uma idéia; essencial, no entanto, é o *opus* que leva ao objetivo: ele dá sentido à totalidade da vida."[4]

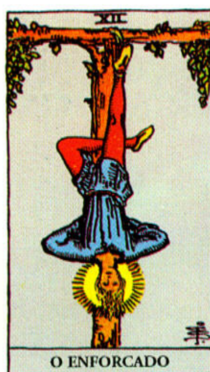
4. C. G. Jung, *Die Psychologie der Übertragung* [A Psicologia da Transferência], obras completas, vol. 3, p. 158.



Dante é levado por Beatriz, sua anima, à visão do superior.

A carta O MUNDO (XXI) está ligada com a carta A IMPERATRIZ (III) pela soma transversal, que também leva à soma transversal de O ENFORCADO (XII). Essa ligação demonstra que a totalidade (O MUNDO) só é alcançada quando há crescimento exterior (A IMPERATRIZ) e interior (O ENFORCADO).







O crescimento exterior (A Imperatriz) e o crescimento interior (O Enforcado) levam à totalidade (O Mundo).

Se analisarmos o caminho da vida como uma espiral, que nos leva ao mais alto, cada volta dessa espiral corresponde a uma viagem do herói. Visto assim, enquanto estamos a caminho, chegamos a todas as 21 estações, contudo — isso é possível — sempre num plano mais alto. No ponto mais alto do caminho, mas só ali, esta última carta significa a Unidade abrangente. Mas esse objetivo não deve ser entendido como um estágio final, que deve ser alcançado a todo custo, porém muito mais como uma imagem que sempre impele para a frente. Pois enquanto recusarmos, delimitarmos ou contemplarmos com indiferença alguma coisa em nós ou na criação como um todo, com certeza ainda não somos um com o todo. E a viagem recomeçará de novo, de novo e de novo. Boa viagem!

Palavras-chave para a carta O MUNDO	
ARQUÉTIPO:	O reencontro do paraíso
TAREFA:	Chegar, assumir o seu lugar
OBJETIVO:	Ficar em pé corretamente, estar no lugar certo, ser íntegro
RISCO:	—
DISPOSIÇÃO ÍNTIMA:	Paz, satisfação profunda, encontrar o lar

Índice das Ilustrações

Bibliografia

Astrologia

Oskar Adler, *Das Testament der Astrologie, 4 Bände* [O Testamento da Astrologia em 4 vols.], Munique, 1991–93 (Hugendubel).

Hajo Banzhaf e Anna Haebler, *Schlüsselworte zur Astrologie* [*Palavras-chave da Astrologia*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 2002.]

Hajo Banzhaf, *Der Mensch in seinen Elementen* [O Ser Humano em seus Elementos], Munique, 1994 (Goldmann).

Hajo Banzhaf e Brigitte Theler, *Du bist alles, was mir fehlt* [Você é Tudo o que me Falta], Munique, 1996 (Hugendubel).

Etnologia

Ioan P. Couliano, *Jenseits dieser Welt* [Além deste Mundo], Munique, 1995 (Diederichs).

Hans Peter Duerr, *Sedna oder die Liebe zum Leben* [Sedna ou o Amor pela Vida], Frankfurt, 1984 (Suhrkamp).

Literatura e Poesia

Albert Camus, *Der Fall* [A Queda], Reinbek, 1968 (Rowohlt).

Dante, *Die Göttliche Komödie* [*A Divina Comédia*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1965.]

Michael Ende, *Die unendliche Geschichte* [A História Sem Fim], © Stuttgart, Viena, Berna, 1979 (K. Thienemann).

Wolfram von Eschenbach, *Parzival* [Percival], Stuttgart, 1981 (Reclam).

Euripides, *Die Bakchen* [Os Bakchen], Stuttgart, 1968 (Reclam).

Johann Wolfgang von Goethe, *Faust I* [Fausto I], Stuttgart, s/d (Reclam).

Hermann Hesse, *Siddharta* [Sidarta], Frankfurt, 1969 (Suhrkamp).

Propyläen Geschichte der Literatur, 6 Bände [História da Literatura de Propyläen em 6 volumes], Frankfurt, 1988 (Propyläen).

Friedrich von Schiller, *Gedichte* [Poesias], Frankfurt, 1980 (Reclam).

Religião, Mitologia e Contos de Fadas

Gerhard J. Bellinger, *Knaurs grosser Religionsführer* [O Grande Guia da Religião, da Editora Knaur], Munique, 1990 (Knaur).

Gerhard J. Bellinger, *Knaurs Lexikon der Mythologie* [Dicionário de Mitologia da Editora Knaur], Munique, 1989 (Knaur).

Die Bibel [A Bíblia] tradução particular, Freiburg i.Br., s/d (Herder)

Walter Burkert, *Antike Mysterien* [Mistérios dos Antigos], Munique, 1969 (Diederich).

Dschuang Dsi, *Das wahre Buch vom südlichen Blütenland* [O Verdadeiro Livro do País da Florescência Sulista], Munique, 1969 (Diederich).

Wolfgang J. Denzinger, *Die zwölf Aufgaben des Herakles im Tierkreis* [As Doze Tarefas de Hércules no Zodíaco], Munique, 1994 (Hugendubel).

Ulf Diederichs (org.) *Germanische Götterlehre* [Doutrina dos Deuses Germânicos], Munique, 1984 (Diederich).

Leo Maria Giani, *Heilige Leidenschaften* [Paixões Sagradas], Munique, 1994 (Kösel).

Leo Maria Giani, *Die Welt der Heiligen* [O Mundo dos Santos], Munique, 1997 (Kösel).

Malcom Godwin, *Engel* [Anjos], Frankfurt, 1991 (Zweitausendeins).

Michael Grant e John Hazel, *Lexikon der antiken Mythen und Gestalten* [Dicionário dos Mitos Antigos e das Formas], Munique, 1980.

Karl Kerényi, *Die Mythologie der Griechen*, 2 Bände [A Mitologia dos Gregos em 2 vols.], Munique, 1966.

Lancelot Langyel, *Das geheime Wissen der Kelten* [A Sabedoria Secreta dos Celtas], Freiburg i.Br., 1969 (Bauer).

Ralf Koneckis, *Mythen und Märchen* [Mitos e Contos de Fadas], Stuttgart, 1994 (Francks-Kosmos).

Samuel Noah Kramer, *Die Geschichte beginnt in Sumer* [A História Começa na Suméria], Munique, 1959 (List).

Lao Tse, *Tao te King* [Tao te King], Munique, 1978 (Diederich).

Nizami, *Die sieben Geschichten der sieben Prinzessinen* [As Sete Histórias das Sete Princesas], Zurique, 1959 (Manesse).

Otto Holzapfel, *Lexikon abendländischer Mythologie* [Dicionário da Mitologia Ocidental], Freiburg i.Br., 1993 (Herder).

Robert von Ranke Graves, *Die weisse Göttin* [A Deusa Branca], Berlim, 1981 (Medusa).

Robert von Ranke Graves, *Griechische Mythologie* [Mitologia Grega], Reinbek bei Hamburg, 1984 (Rohwohlt).

Robert von Ranke Graves, *Hebräische Mythologie* [Mitologia Hebraica], Reinbek bei Hamburg, 1986 (Rowohlt).

Wolfgang Pleister e Wolfgang Schild, *Recht und Gerechtigkeit im Spiegel der europäischen Kunst* [O Direito e a Justiça no Espelho da Arte Européia], Colônia, 1988 (DuMont).

Reiner Tetzner, *Germanische Heldensagen* [Sagas dos Heróis Germânicos], Stuttgart, 1996 (Reclam).

Hans-Jörg Uther (Org.) *Grimms Kinder und Hausmärchen* [Contos de Fadas para Crianças e Contos Domésticos de Grimm], Munique, 1996 (Diederich).

Hermann Weidelener, *Die Götter in uns* [Os Deuses em Nós], Munique, 1987 (Goldmann).

Heinrich Zimmer, *Abenteuer und Fahrten der Seele* [Aventuras e Viagens da Alma], Munique, 1977 (Diederich).

Psicologia e Filosofia

Hajo Banzhaf, *Der Mensch in seinen Elementen* [O Ser Humano em seus Elementos], Munique, 1994 (Goldmann).

Helmut Barz, *Männersache* [Coisas de Homem], Zurique, 1984 (Kreuz).

Joseph Campbell, *Der Heros in tausend Gestalten* [*O Herói das Mil Faces*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1989.]

Elias Canetti, *Macht und Masse* [Poder e Massa], Frankfurt, 1980. (Fischer) © Hamburg (agora Hildesheim), 1960 (Editora Classen).

Karfried Graf Dürckheim, *Meditieren – wozu und wie* [Meditar – para que e como], Freiburg, 1976 (Herder).

Marie-Louise von Franz, *Die Suche nach dem Selbst* [A Busca do Si Mesmo], Munique, 1985 (Kösel).

Marie-Louise von Franz, *Der Schatten und das Böse im Märchen* [A Sombra e o Mal nos Contos de Fadas], Munique, 1985 (Kösel).

Marie-Louise von Franz, *Schöpfungsmythen* [Mitos da Criação], Munique, 1990 (Kösel).

Herbert Fritsche, *Der grosse Holunderbaum* [O Grande Sabugueiro], Göttingen, 1982 (Burgdorf).

Jean Gebser, *Ursprung und Gegenwart* [Origem e Presente], Munique, 1986.

Vanamali Gunturu, *Krishnamurti, Leben und* Werk [Krishnamurti, Vida e Obra], Munique, 1997 (Diederich).

Erik Hornung, *Die Nachtfahrt der Sonne* [A Viagem Noturna do Sol], Munique, 1991 (Artemis).

Erik Hornung e Tilo Schabert, *Auferstehung und Unsterblichkeit* [Ressurreição e Imortalidade], Munique, 1993 (Fink).

Carl Gustav Jung, *Grundwerk, Band 1 bis 9* [Obras Completas, vols. 1 a 9], Olten, 1985 (Walter).

Carl Gustav Jung e Richard Wilhelm, *Das Geheimnis der Goldenen Blüte* [O Segredo da Flor Dourada], Zurique, 1965 (Rascher).

Emma Jung, *Anima und Animus* [Anima e Animus], Fellbach, 1983 (Bonz).

Emma Jung e Marie-Louise von Franz, *Die Graalslegende in psychologischer Sicht* [*A Lenda do Graal*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]

Lutz Müller, *Der Held* [O Herói], Zurique, 1987, (Kreuz).

Lutz Müller, *Magie. Tiefenpsychologischer Zugang zu den Geheimwissenschaften* [Magia. Acesso da Psicologia Profunda às Doutrinas Secretas], Stuttgart, 1989 (Kreuz).

Lutz Müller, *Suche nach dem Zauberwort* [Busca da Palavra Mágica], Stuttgart, 1986 (Kreuz).

Erich Neumann, *Amor und Psyche* [*Amor e Psiquê*, publicado pela Editora Cultrix, São Paulo, 1990.]

Peter Orban, *Die Reise des Heldens* [A Viagem do Herói], Munique, 1983 (Kösel).

Helmut Remmler, *Das Geheimnis der Sphinx* [O Segredo da Esfinge], Olten, 1988 (Walter).

Paul Watzlewick, *Vom Schlechten des Guten* [Das Coisas Ruins no Bem] Munique, 1991 (Piper).

Gerhard Wehr, *Tiefenpsychologie und Christentum – Jung* [Psicologia Profunda e Cristianismo em Jung], Augsburg, 1990 (Pattloch).

Janwillen van der Wetering, *Das Koan und andere Zengeschichten* [O Koan e Outras Histórias Zen], Reinbek, 1996 (Rowohlt).

Friedmann Wieland, *Die ungeladenen Götter* [Os Deuses sem Convite], Munique, 1986 (Kösel).

Ken Wilber, *Halbzeit der Evolution* [A Meio Tempo da Evolução], Munique, 1990 (Goldmann).

Ken Wilber, *Wege zum Selbst* [Caminhos para o Si Mesmo], Munique 1991, (Goldmann).

Carol Zaleski, *Nah-Toderlebnisse und Jenseitsvisionen* [Experiências de Quase-Morte e Visões do Além], Frankfurt/Leipzig, 1993 (Insel).

Simbolismo

Udo Becker, *Lexikon der Symbole* [Dicionário de Símbolos], Freiburg, 1992 (Herder).

Hans Biedermann, *Knaurs Lexikon der Symbole* [Dicionário de Símbolos da Editora Knaur], Munique, 1989 (Knaur).

J. C. Cooper, *Illustriertes Lexikon der traditionellen Symbole* [Dicionário Ilustrado dos Símbolos Tradicionais], Wiesbaden, s/d (Drei Lilien).

Horst E. Miers, *Lexikon des Geheimwissens* [Dicionário da Sabedoria Secreta], Munique, 1987 (Goldmann).

Tarô

Hajo Banzhaf, *Das Tarot-Handbuch* [*Manual do Tarô*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1991.]

Hajo Banzhaf, *Das Arbeitsbuch zum Tarot* [*Guia Completo do Tarô*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1993.]

Hajo Banzhaf, *Schlüsselworter zum Tarot* [*As Chaves do Tarô*, publicado pela Editora Pensamento, São Paulo, 1993.]

Cynthia Giles, *Tarot* [O Tarô], Solothurn, 1994 (Walter).

Sheldon B. Kopp, *Psychotherapie mit dem Tarot* [Psicoterapia com o Tarô], Munique, 1982 (Diederichs).

Max Luginbühl, *Das Geheimnis des Dreikräftespiels* [O Segredo do Jogo das Três Forças], Pfullingen, 1961 (Baum).

Sallie Nichols, *Die Psychologie des Tarot* [A Psicologia do Tarô], Interlaken, 1984 (Ansata).

Rachel Pollack, *Tarot – 78 Stufen der Weisheit* [Tarô – 78 Etapas da Sabedoria], Munique, 1985 (Knaur).

Arthur Edward Waite, *Der Bilderschlüssel zum Tarot* [A Chave das Imagens do Tarô], Waakirchen, 1978 (Urania).

HAJO BANZHAF é o astrólogo e o especialista em Tarô mais conhecido da Alemanha. Nasceu em 15 de maio de 1949 em Güterloh. Depois de estudar psicologia e de trabalhar durante doze anos num banco, desde 1983 ele é escritor, organizador de seminários, astrólogo e, desde 1992, também é editor da série Kailash da Editora Hugendubel, em Munique. Hajo Banzhaf é autor e co-autor de vários livros de Astrologia e Tarô, entre os quais: *As Chaves do Tarô, Guia Completo do Tarô, Manual do Tarô, Palavras-Chave da Astrologia* e *Segredos do Amor e do Companheirismo*, publicados pela Editora Pensamento.

ARTES ADIVINHATÓRIAS / TARÔ

O Tarô e a Viagem do Herói

Hajo Banzhaf

A história de alguém que se põe a caminho para realizar a grande obra é uma parábola, uma narração alegórica que retrata o modo de vida de cada pessoa. Essa "viagem do herói" já foi contada inúmeras vezes, mas plasticamente ela só pode ser vista como um todo nas 22 cartas dos Arcanos Maiores do Tarô.

Hajo Banzhaf foi o primeiro a desvendar o mistério desse simbolismo no Tarô. Como marcos sempre presentes no caminho de iniciação do ser humano, as cartas são balizas arquetípicas que assinalam o caminho de busca pela nossa missão, pelo sentido e objetivo da nossa vida. Com uma clareza fascinante, elas mostram o caminho da conscientização pessoal – ou da individuação – descrito por C. G. Jung, num entrelaçamento que liga entre si todas as cartas dos Arcanos Maiores.

Esse acesso mitológico ao significado dos Arcanos Maiores ajuda-nos a visualizar muitas das nossas imagens interiores, oferecendo-nos um vislumbre excitante, de longo alcance e longa duração, da sabedoria contida nas cartas do Tarô.

ISBN 85-315-1307-3



EDITORA PENSAMENTO